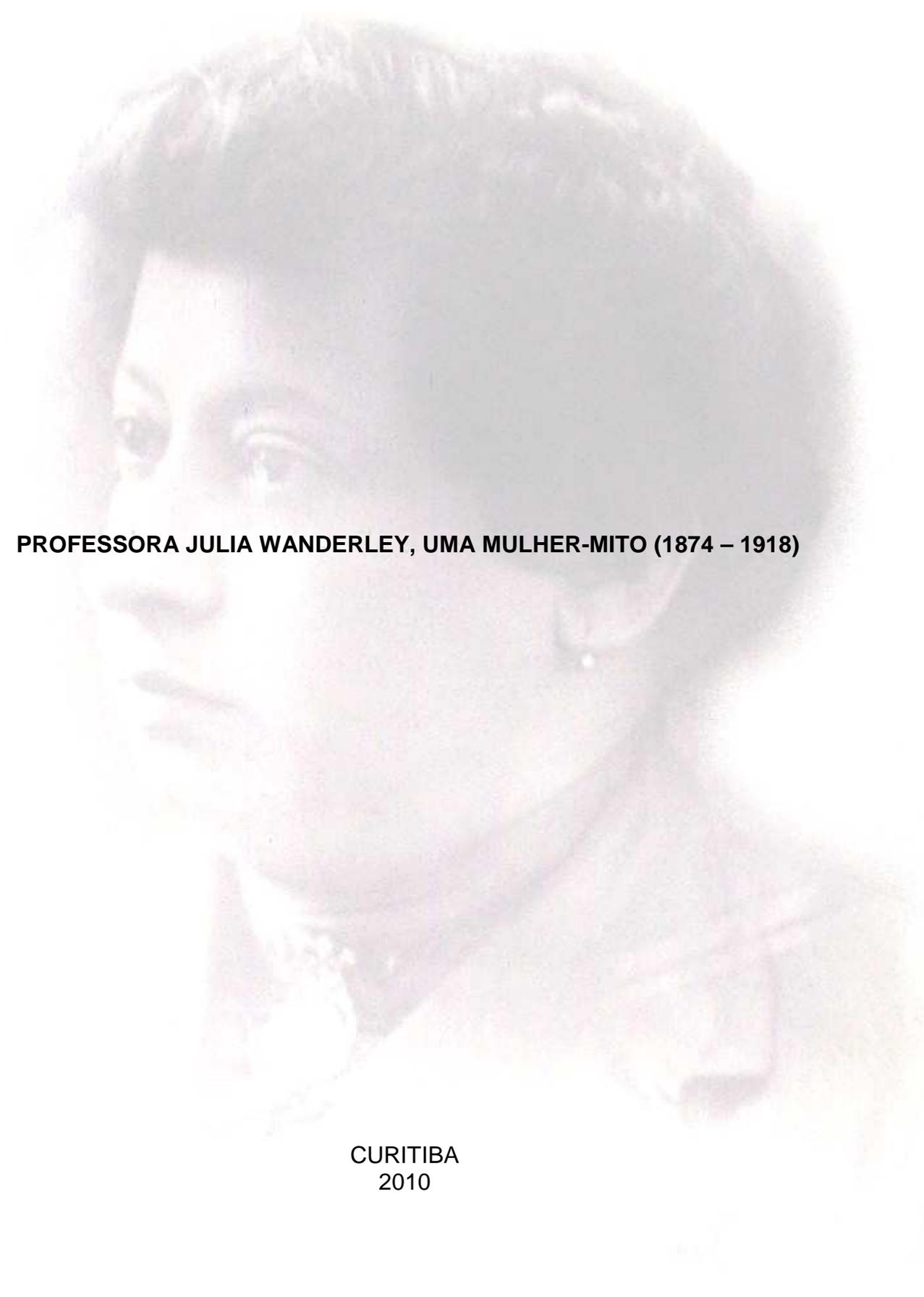


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**SILVETE APARECIDA CRIPPA DE ARAUJO**



**PROFESSORA JULIA WANDERLEY, UMA MULHER-MITO (1874 – 1918)**

**CURITIBA**  
**2010**

SILVETE APARECIDA CRIPPA DE ARAUJO

**PROFESSORA JULIA WANDERLEY, UMA MULHER-MITO (1874 – 1918)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha: História e Historiografia da Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profª Dra. Liane Maria Bertucci

CURITBA  
2010

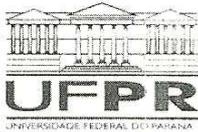
Catálogo na publicação  
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Araujo, Silvete Aparecida Crippa de  
Professora Júlia Wanderley, uma mulher-mito (1874-1918) /  
Silvete Aparecida Crippa de Araujo. – Curitiba, 2010.  
183 f.

Orientadora: Profª.Drª. Liane Maria Bertucci  
Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação,  
Universidade Federal do Paraná.

1. Wanderley, Júlia, 1874-1918 – biografia. 2. Educação –  
história – Paraná – 1895-1918. I. Título.

CDD 370.98162



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



## PARECER

Defesa de Dissertação de **SILVETE APARECIDA CRIPPA DE ARAÚJO** para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO. Os abaixo-assinados, DR. CARLOS EDUARDO VIEIRA, DR<sup>a</sup> LIANE MARIA BERTUCCI e DR. BENITO BISSO SCHMIDT e DR. CARLOS EDUARDO VIEIRA, arguíram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: **“PROFESSORA JÚLIA WANDERLEY, UMA MULHER-MITO (1874-1918)”**.

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
DR <sup>a</sup> LIANE MARIA BERTUCCI		Aprovada
DR. BENITO BISSO SCHMIDT		Aprovada
DR. CARLOS EDUARDO VIEIRA		Aprovada

Curitiba, 16 de agosto de 2010.

**Prof. Dr. Ângelo Ricardo de Souza**  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação

*A' Elisabete Michaky Crippa, minha querida e amada mãe (in memória).  
Inspiradora de toda a minha força e comprometimento.  
Fonte de amor, cuidado e ânimo.*

## AGRADECIMENTOS

Se enxerguei mais longe é porque me apoiei  
em ombros de gigantes.  
Issac Newton

Já dizia o poeta que 'a gratidão é o tesouro dos humildes'. Sinto-me neste momento muito agradecida e feliz por estar concluindo mais este grande objetivo de minha vida o qual eu não poderia jamais atribuir somente a mim mesma o resultado desta caminhada, ou seja, desta conquista que é o reflexo da proximidade de todos aqueles que passaram pelo meu caminho. Espero que este trabalho tenha continuidade e sirva de alguma maneira para auxiliar alguém ou um grupo como forma de retribuição a tudo de bom que me é dado nesta vida.

Agradeço a esta Força Suprema que nos inspira e impulsiona a caminhar mesmo quando tudo parece nublado e que geralmente nos apresenta pessoas especiais para nos estimular e animar a sempre continuar firme nesta longa estrada da vida, cheia de desafios e de alegrias.

Aos meus pais Elisabete e Sebastião Crippa, agradeço pelo grande amor a mim dedicado e por terem me dado a oportunidade e o estímulo dentro das suas possibilidades para eu pudesse crescer saudável e estudasse sempre, com o intuito de que eu fosse comprometida não só com o meu bem estar, mas também com o bem social.

Agradeço ao meu 'maridão' Edison, pelo ombro sempre amigo, meu porto seguro, pelo companheirismo, pelo amor, paciência, pela ajuda nas pesquisas, na concretização final deste trabalho e pela atenção sempre a mim dedicada. Agradeço muito aos meus sogros Elci e Napoleão, pelo apoio e amor sempre demonstrados. Aos meus filhos Leonardo, Tales e Maiane e a minha norinha Suelen agradeço pelo auxílio nas minhas pesquisas e até mesmo por entenderem minhas ausências e por torcerem e vibrarem sempre com minhas conquistas.

Agradeço também aos meus queridos irmãos Débora e Paulo pela ajuda, pelo entusiasmo com a minha dissertação e pelo amor sempre presente. Agradeço a 'todos os meus familiares' pois são os presentes da minha vida,

especificamente aos meus tios Araci, Hamilton, Tereza, pelo carinho e zelo de sempre.

Agradeço a minha cunhada Eveline, que foi uma das primeiras pessoas a me estimular a fazer o mestrado, ela e seu marido Amaury leram e corrigiram meu projeto inicial sobre Julia Wanderley, juntamente com minha amiga Cleusa que muito estimo e que me sugeriu o objeto desta pesquisa, me auxiliaram na construção e me deram a maior força para continuar e finalizar este trabalho me apoiando ao máximo, Denise que me emprestou inicialmente muito material referente à vida de Julia Wanderley. Agradeço a ‘todos’ os meus amigos e amigas por me apoiarem e compreenderem meu ‘desaparecimento social’.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória escolar (Colégio Estadual Leôncio Correia e Curso Dom Bosco) e acadêmica (UFPR e IBPEX), todos contribuíram de alguma forma com a construção desta dissertação. Agradeço especialmente aos professores da Linha de pesquisa em História e Historiografia da Educação da UFPR. Meus agradecimentos a estes professores que me iniciaram nesta maravilhosa jornada histórica, principalmente ‘na história da educação’ e que muito contribuíram na construção desta pesquisa, todos profissionais muito comprometidos, competentes e sempre atenciosos: Nádia Gaiofatto Gonçalves que me auxiliou a galgar os primeiros passos para fazer este Mestrado, Vera Regina Beltrão Marques, Gizele Souza, Serlei Maria Ranzi, Marcus Levy Bencostta e ao professor Carlos Eduardo Vieira agradeço especialmente pela orientação e atenção sempre a mim disponibilizada desde minha Especialização, agradeço a ele também pelas leituras feitas no meu trabalho, por contribuir com suas ricas observações desde o Seminário de História, bem como na qualificação e por aceitar ser um dos avaliadores da minha dissertação, por fazer parte da banca examinadora e da minha vida acadêmica.

Agradeço ‘muito’ a Liane Maria Bertucci minha estimadíssima orientadora uma professora e uma pessoa especial, que me desafiou a fazer a biografia histórica de Julia Wanderley, o que a princípio me preocupou, mas aceitei, pois senti que com ela poderia contar e pude mesmo. Sempre disposta e minuciosa, a professora Liane me ajudou muito nesta pesquisa, com muita

competência, rigor, atenção, motivação e alegria. O seu carinho especial foi também um dos responsáveis por tornar meu projeto uma realidade!

Agradeço também ao professor Benito Bisso Schmidt pela gentileza em aceitar ser um dos avaliadores da minha dissertação, pela leitura do meu trabalho de qualificação e final, por todas as orientações e observações que em muito contribuíram e enriqueceram a construção desta pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer as minhas amigas e amigos que compartilharam comigo esta alegria de fazer o mestrado. Francielly, Silvana (graças) e Fernanda que sempre me ajudaram, incentivaram e me apoiaram além das aulas e mais Alexandra, Emanuelle, Fabiana, Fabio, Rafael, entre outros, todos colegas no compartilhar de conhecimentos, incentivos, angústias, alegrias e muito bate-papo.

Agradeço a equipe diretiva da FALEC pelo apoio e aos amigos e amigas de trabalho que sempre me animaram ou me substituíram quando precisava me ausentar para terminar um capítulo da minha dissertação. Também agradeço aos amigos e a equipe diretiva da Escola Michel Khury que também me auxiliaram quando precisei me ausentar para fazer algumas pesquisas.

Agradeço aos funcionários do Arquivo Público do Paraná, da Casa da Memória de Curitiba, da Biblioteca do Museu Paranaense, da Biblioteca Pública, setor de documentação paranaense, do Museu Nacional do Espiritismo, do IHGPR, pela disponibilização dos documentos e competência na prestação de seus serviços. Ainda agradeço aos meus alunos, ao Prof Ernani, Livia, Jorge Filla, Kelly, Gin, Roberson, Beatriz, Maria Tereza, Márcio, Roseli, Prof. Dario, Profa. Nadir, Jane, entre outros tantos.

Enfim, são tantas pessoas amigas ou não, que de alguma forma me ajudaram e ajudam que tenho receio de esquecer alguém, por isso 'agradeço a todos' que fizeram e fazem parte da minha rede de relacionamentos e que torcem por mim, agradeço pelo fato de vocês existirem e de alguma forma terem me ajudado na realização desta dissertação.

Muito obrigada a todos...!

Silvete

## QUE JAMAIS ...

*Que jamais, em tempo algum, o teu coração acalente o ódio.  
Que o canto da maturidade jamais asfixie a tua criança interior.  
Que o teu sorriso seja sempre verdadeiro.  
Que as pedras do teu caminho sejam sempre encaradas como lições de vida.  
Que a música seja tua companheira de momentos secretos contigo mesmo.  
Que os teus momentos de amor contenham a magia de tua  
alma eterna em cada beijo.  
Que os teus olhos sejam dois sóis olhando a luz da vida em cada amanhecer.  
Que cada dia seja um novo recomeço, onde tua alma dance na luz.  
Que em cada passo teu fiquem marcas luminosas de tua  
passagem em cada coração.  
Que em cada amigo o teu coração faça festa e celebre o encanto da amizade  
profunda que liga as almas afins.  
Que em teus momentos de solidão e cansaço esteja sempre presente em teu  
coração a lembrança de que tudo passa e se transforma,  
quando a alma é grande e generosa.  
Que o teu coração voe contente nas asas da espiritualidade consciente, para  
que tu percebas a ternura invisível tocando o centro do teu ser eterno.  
Que um suave vento te acompanhe, na terra ou no espaço, e por onde quer  
que a força invisível do amor leve o teu viver.  
Que o teu coração sinta a presença secreta do inexplicável !  
Que os teus pensamentos, os teus amores, o teu viver, e a tua passagem pela  
vida sejam sempre abençoados por aquele amor que ama sem nome.  
Aquele amor que não se explica, só se sente.  
Que esse amor seja o teu rumo secreto, viajando eternamente  
no centro do teu ser.  
Que esse amor transforme os teus dramas em luz,  
a tua tristeza em aprendizado,  
e os teus passos cansados em alegres passos de dança renovadora.  
Que jamais, em tempo algum,  
tu esqueças da presença que está em ti e em todos os seres.  
Que o teu viver seja pleno de Paz e Luz!*

## RESUMO

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo apresentar uma biografia histórica de Julia Wanderley, atrelada à reflexão sobre que memória foi constituída a seu respeito e quais representações foram construídas e alicerçadas sobre a mulher e a professora para forjar o mito Julia Wanderley. Esta personagem foi professora em Curitiba, reconhecida no Paraná como a primeira mulher a participar presencialmente do curso da Escola Normal na Capital do Estado. Atuando inicialmente como professora primária, logo após exercendo também a direção da escola, passando a ser, em meados dos anos 1914, também diretora de Grupo Escolar e na sequência diretora de Escola Intermediária e membro do Conselho Superior do Ensino Primário do Paraná. A partir do contexto sociopolítico e educacional do final de século XIX e início do XX, em Curitiba, como em outras cidades brasileiras, foi imperioso o recrutamento de profissionais femininas para atender à difusão da educação entre uma população de origens e hábitos diversificados. Desta forma, nas primeiras décadas do século XX, o crescente número de mulheres professoras esteve intimamente relacionado à remodelação e difusão da escola primária. É neste contexto que se configura a pessoa de Julia Wanderley, transformada em modelo de educadora paranaense, inserida numa sociedade que desejava se constituir através do ideal de progresso e da ordem, com a pretensão de utilizar a escola pública primária, na conformação da professora, como instrumento modernizador. Nesta pesquisa foram utilizadas várias fontes, tanto primárias quanto secundárias, tais como: textos de memorialistas e biógrafos tradicionais, jornais, fotografias, impressos da época, documentos oficiais e relatórios escolares.

Palavras-chave: Biografia. Julia Wanderley. História da Educação. Memória. Professora Primária. Mulher.

## ABSTRACT

The present research has the intention to present a historical biography of Julia Wanderley, as well as reflect upon the memory which was constituted in regards to her and the representations which were built and founded about the woman and the teacher to create the legend of Julia Wanderley. This persona was a teacher in Curitiba, recognized in Paraná for being the first woman to attend and participate in a Teacher Training Course in the State Capital. Initially, she worked as an elementary school teacher, soon after in the school administration and, around 1914, become a director of an elementary school, also a principal of a middle school and a member of the Primary School Superior Board of Council of Paraná. Following the sociopolitical and educational context of the end of the nineteenth century and the beginning of the twentieth, in Curitiba, as in other Brazilian cities, the hiring of female professionals was imperious to attend to the spread of education between populations of diverse origins and habits. This way, in the first decades of the twentieth century the growing number of female teachers was intimately related to the renovation and spread of primary schools. It is in this context that the persona of Julia Wanderley configures itself, transformed into a model of a Paraná educator, placed into a society which wishes to establish itself through the ideals of progress and order, with the intention of using a public primary school, in the resignation of the teacher, as an instrument of modernization. In this research various sources were utilized, primary as well as secondary ones, such as: texts from memoirists and traditional biographers, newspapers, photographs, printings from the time, official documents and school reports.

Key words: Biography. Julia Wanderley. History of Education. Memory. Primary teacher. Woman.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - RUA ONDE JÚLIA WANDERLEY NASCEU.....	28
FIGURA 2 - CURITIBA, FINAL SÉCULO XIX .....	31
FIGURA 3 - LIVRO ÍNTIMO OU DIÁRIO E COLEÇÃO DA REVISTA FON-FON PERTENCENTES A JULIA WANDERLEY .....	36
FIGURA 4 - A JOVEM JULIA WANDERLEY.....	39
FIGURA 5 - COLEÇÃO DE SELOS DE JULIA WANDERLEY .....	41
FIGURA 6 - TÚMULO DO PAI DE JULIA WANDERLEY .....	43
FIGURA 7 - LUIZA SALDANHA .....	49
FIGURA 8 - SANTA ANA, MÃE DE MARIA .....	53
FIGURA 9 - PARA ANNO BOM .....	55
FIGURA 10 - JULIA, MARIDO E FILHO.....	63
FIGURA 11 - JULIO PETRICH DA COSTA.....	64
FIGURA 12 - FAMÍLIA E AMIGOS DE JULIA WANDERLEY.....	64
FIGURA 13 - SOBRADO DA PRAÇA 19 DE DEZEMBRO .....	67
FIGURA 14 - MEDALHÃO DE JULIA WANDERLEY AO LADO DO TÚMULO DE FREDERICO PETRICH.....	70
FIGURA 15 - PRIMEIRA ESCOLA NORMAL DE CURITIBA .....	77
FIGURA 16 - JULIA WANDERLEY COM COMPÊNDIO DE MICHEL CHARBONNEAU .....	89
FIGURA 17 - JULIA WANDERLEY EM DESFILE CÍVICO.....	114
FIGURA 18 - GRUPO ESCOLAR TIRADENTES: PROFESSORA JULIA WANDERLEY E ALUNAS [19-].....	116
FIGURA 19 - CAPA E CONTRA CAPA DA POLIANTÉIA.....	123
FIGURA 20 - PROTESTO SOBRE A CAUSA DO CONTESTADO.....	134
FIGURA 21 - HERMA NA PRAÇA SANTOS ANDRADE .....	147

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APE	- Arquivo Público do Estado do Paraná
CMC	- Casa da Memória de Curitiba
DEAP	- Departamento de Arquivo Público do Paraná – Documentação
DPC	- Centro de Documentação da Casa da Memória
FALEC	- Faculdade Doutor Leocádio José Correia
FEP	- Federação Espírita do Paraná
IHGPR	- Instituto Histórico e Geográfico do Paraná
IPPUC	- Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
JW	- Julia Wanderley
MUNESP	- Museu Nacional do Espiritismo
SBEE	- Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

## **LOCAIS DE PESQUISA**

ACADEMIA FEMININA DE LETRAS DO PARANÁ  
ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS  
ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ - Setor de Pesquisas  
BIBLIOTECA DA FALEC  
BIBLIOTECA NACIONAL – Rio de Janeiro  
BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA  
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ (Curitiba) - Divisão de documentação  
paranaense - Setor de Obras Raras  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO - UFPR  
CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA  
CASA DA MEMÓRIA DE CURITIBA - Biblioteca da Casa da Memória - Divisão  
de Multimeios - Setor de Obras Raras  
CASA DA MEMÓRIA DE PONTA GROSSA  
CATEDRAL METROPOLITANA DE CURITIBA  
CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE PAULA - (CEMITÉRIO  
MUNICIPAL DE CURITIBA)  
CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES  
ESCOLA ESTADUAL JULIA WANDERLEY  
ESCOLA ESTADUAL TIRADENTES  
FÓRUM CIVIL DE CURITIBA  
FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA  
INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA  
(IPPUC)  
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ (IHGPR)  
MEMORIAL DE CURITIBA  
MUSEU DOS CAMPOS GERAIS  
MUSEU PARANAENSE - Biblioteca Romário Martins - Setor de história do  
Paraná final do Império e início da República  
MUSEU NACIONAL DO ESPIRITISMO (MUNESP)  
SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS ESPÍRITAS (SBEE)  
PRAÇA SANTOS ANDRADE  
VARA DE FAMÍLIA DE CURITIBA

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>CAPITULO 1 - JULIA WANDERLEY: A JOVEM, A MULHER, A MÃE</b> .....	26
<b>CAPITULO 2 - JULIA WANDERLEY: FORMAÇÃO DOCENTE E ATUAÇÃO PROFISSIONAL</b> .....	73
2.1 NORMALISTA.....	74
2.2 PROFESSORA E DIRETORA ESCOLAR .....	97
<b>CAPITULO 3 - JULIA WANDERLEY E A FALA DE SEUS CONTEMPORÂNEOS: CONSTRUINDO UMA MEMÓRIA, FORJANDO UM MITO</b> .....	119
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	149
<b>FONTES</b> .....	154
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	159
<b>APÊNDICE</b> .....	169
<b>ANEXOS</b> .....	173

## INTRODUÇÃO

Um bom contador de história sabe lidar com os papéis da memória e estimular a arte de pensar.

A. Cury

Em nosso meio social, personalidades históricas, ou seja, pessoas que de alguma forma deixaram suas marcas na vida pública de uma sociedade, são rememoradas constantemente, dependendo de interesses variados que impulsionam a ressurreição de tais sujeitos históricos. A partir da década de 1980, houve um renovado interesse dos historiadores em pesquisar essas trajetórias pessoais, estudando estes indivíduos como seres plurais, multifacetados.<sup>1</sup>

A pesquisa de um percurso individual permite-nos compreender tanto a vida da personagem histórica quanto as relações que se estabelecem entre os indivíduos e o contexto social em que estão inseridos e também entre o objetivo e o subjetivo do ser. “Os seres humanos são partes de uma ordem natural e de uma ordem social” (ELIAS, 1994, p. 41). Partindo do pressuposto que indivíduo e sociedade coexistem numa relação unívoca, que por mais que se tente separar indivíduo de sociedade, a dissociação é impossível, o novo olhar do historiador biográfico deve se deslocar a todo o momento do indivíduo à sociedade, da narração à explicação, da unidade à fragmentação e do público ao privado (SCHMIDT, 1996, p. 186). Esta preocupação, atenção e reflexão crítica, devem fazer parte da metodologia de pesquisa do historiador de vidas pelo fato de a nova biografia histórica lançar sempre uma questão a ser inquirida sobre os seus sujeitos históricos, sujeitos estes subjetivos, múltiplos e de significativa circulação social.

Entre esses sujeitos históricos, foi destacada nesta pesquisa a professora Julia Wanderley<sup>2</sup> a única mulher retratada na Biblioteca do Instituto

---

<sup>1</sup> Schmidt lembra que no Brasil ainda são os jornalistas os que mais se dedicam a escrever biografias, entretanto é preciso considerar que, “há minúcias que só o historiador vê”, devido a sua formação (SCHMIDT, 1997, p.4).

<sup>2</sup> Julia Augusta de Souza Wanderley, depois de casada Julia Augusta de Souza Wanderley Petrich. Nesta dissertação, salvo passagens específicas, usaremos o nome pelo qual a professora é mais lembrada até os dias de hoje: Julia Wanderley.

Histórico e Geográfico do Paraná entre quase cem fotos que aparecem na galeria dos vultos paranaenses. Julia Wanderley que tem um local de destaque na sala do anexo 2 do Museu Paranaense<sup>3</sup> dedicada a educação no século XIX. Na Praça Santos Andrade em Curitiba, localizada entre o chamado “prédio histórico” da Universidade Federal do Paraná e o Teatro Guaíra, existe uma herma em homenagem a professora, esta mulher que no primeiro mês de 2010, e por duas vezes em 2009, foi lembrada em artigos do jornal **Gazeta do Povo**, veículo de grande circulação em Curitiba (DESTEFANI, 2009ab; 2010). Julia Wanderley figura como nome de escola em diversas cidades paranaenses, suas coleções e notas são, de forma recorrente, utilizadas em exposições e comemorações que acontecem na capital paranaense<sup>4</sup> e a professora é, também, personagem de uma lenda urbana relacionada à escola de Curitiba que recebeu o seu nome.

Segundo a lenda, em meados de 1970 uma senhora apresentou-se para uma turma de 1ª série para substituir a professora regente que estava doente. A suposta professora substituta deu sua aula até o recreio. No retorno do recreio os alunos não encontram mais a professora, mas sim a coordenadora da escola, que comunicou às crianças que não havia conseguido uma substituta para atendê-los. Uma menina então ergueu a mão e disse que a professora Julia estava substituindo a professora que faltara e que dera uma boa aula. A coordenadora, sem nada entender, afirmou que não havia professora com o nome de Julia na escola, porém um aluno respondeu que a professora substituta era igualzinha a moça do busto da entrada da escola e que usava roupas iguais as das novelas de antigamente (ROCIO, 2008).

Em pleno século XXI, a professora Julia Wanderley que viveu entre o final do século XIX e início do século XX, continua sendo constantemente lembrada. Qual teria sido o “feito significativo” desta mulher para tornar-se uma

---

<sup>3</sup> Espaço do Museu Paranaense em que Julia Wanderley é retratada, destacada e lembrada entre outras duas professoras: Rita Anna de Cássia (primeira professora para meninas em Curitiba- veja Capítulo 2) e Emília Erichsen (precursora do ensino pré-escolar no Paraná).

<sup>4</sup> Entre esses projetos organizados no século XXI, está o projeto **Criança no museu: passado, presente e futuro de Curitiba – a construção de uma cidade**, que foi organizado em 2008 através de uma parceria entre o jornal **Gazeta do Povo**, a Universidade Positivo, a prefeitura de Curitiba e a Fundação Cultural de Curitiba. O resultado da empreitada foi exposto na Universidade Positivo até setembro de 2009 e a partir de outubro do mesmo ano, no Memorial de Curitiba. No material exposto existiam várias reproduções de postais e fotos que pertenceram a Julia Wanderley, inclusive com suas anotações.

personagem histórica lembrada como um mito paranaense? <sup>5</sup> Em que período viveu? Por que até hoje é tão lembrada? Como e por que se tornou modelo para as professoras paranaenses? Por que ainda é representada como um ícone na história da educação do Paraná? Quem foi Julia Wanderley? Enfim, parafraseando a pergunta feita por Jacques Le Goff (2002, p.29) no seu livro sobre São Luís (o rei santo da França), é possível perguntar: Julia Wanderley existiu? Ou seja, como podemos nos aproximar da vida desta mulher-mito que a memória coletiva descreve e absorve de forma tão peculiar. Estas questões balizaram este estudo biográfico, pois “um problema é precisamente o começo e o fim de toda história. Se não há problema, não há história. Apenas narrações e compilações” (FEBVRE, 1989, p. 31).

Considerando a memória coletiva<sup>6</sup> instituída, pretendi investigar quais as apropriações realizadas por diferentes grupos sociais (intelectuais, políticos e educadores) a respeito da personagem Julia Wanderley. Concordando com a tese que cada indivíduo traz consigo uma composição única de diversas experiências, procurei resgatar quais experiências marcaram com maior ênfase a trajetória de Julia Wanderley, ou seja, quais dos seus feitos foram significativos para se estabelecer na construção e manutenção da memória de Curitiba e do Paraná como uma personagem mitificada.

É imperioso explicitar o fato de que a construção de uma memória não se faz de forma homogênea e linear, mas que a identidade construída, ‘sempre incompleta’, corresponde a uma multiplicidade de quadros sociais de memória, o que acarreta tensões, disputas, lembranças e esquecimentos diferenciados de acontecimentos passados. Por isso, ao recorrer às diversas fontes sobre Julia Wanderley nos deparamos muitas vezes com documentos contraditórios em suas informações, lembranças com recriações variadas de diferentes acontecimentos, muitas enaltecendo a biografada. Cabe ao historiador analisar todo vestígio documental encontrado, pois segundo Orioux (1994, p. 44), “é

---

<sup>5</sup> Mitos podem ser definidos (a partir da perspectiva da ciência política) como imagens que permitem às pessoas colocarem suas energias voltadas para determinadas ações. Construído socialmente, o mito é um recurso mobilizador, que determina uma forma de ser/agir. Importante, segundo diferentes teóricos do tema, é que o mito não se relaciona a um espaço e um tempo determinado (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p.469-470).

<sup>6</sup> Halbwachs reconstruiu a relação entre tempo e memória a partir da afirmação de que a memória é coletiva e que seria através das representações coletivas que indivíduos perceberiam o passado (SANTOS, 1998, p. 10).

preciso respeitar o personagem tal qual ele nos surge nos fatos. Na realidade é necessário amá-lo. Mas, sobretudo, não o idolatrar”.

Nossa biografada transitou entre os anos finais do Regime Imperial e os primeiros da República, os quais apresentaram transformações significativas no Brasil em termos de uma nova mentalidade a respeito da entrada da mulher no magistério, atrelada a uma nova legislação, organização e gestão do Ensino Primário e do Ensino Normal. Entretanto, o presente trabalho não toma como seu objeto de análise este período e suas nuances, porém se utilizará desta superfície social,<sup>7</sup> para que assim se possa melhor analisar e construir uma biografia histórica de Julia Wanderley, uma professora que é considerada no Paraná como a primeira mulher a participar presencialmente do Curso Normal na capital do Estado e que viveu nesse período de mudanças.<sup>8</sup> O historiador biógrafo, na atualidade, mantendo-se fiel a tradição da crítica aos documentos, deve investigar minuciosamente a vida do seu biografado: “tem um compromisso muito mais cabal com sujeitos históricos, concretos, que existiram na realidade e que chegam até o presente através dos documentos” (SCHMIDT, 1997, p. 12).

Quando se pesquisa a vida de uma pessoa, no nosso caso a de Julia Wanderley é necessário ressaltar que um ator histórico não obedece a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado.<sup>9</sup> Levi (1996, p.169), confirma tal posição ao mencionar que o biografado é um indivíduo de seu tempo que estabelece relações num determinado espaço, é determinado por seu tempo, mas também o determina<sup>10</sup>. Bourdieu (1996, p.185), também menciona a

---

<sup>7</sup> Equivale dizer que não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela [a superfície social] se desenrolou e o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado [biografado, citado] ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontado com o mesmo espaço de possíveis (BOURDIEU, 1996, p.189-190).

<sup>8</sup> Como adverte Bourdieu, para o biógrafo é necessário desvendar a personalidade designada pelo nome próprio, aqui considerando Julia Wanderley, isto é, desvendar o conjunto das posições simultaneamente ocupados num dado momento por uma individualidade biológica e socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos. (BOURDIEU, 1996, p. 190)

<sup>9</sup> Era comum em outras épocas, seguir uma tradição biográfica já estabelecida e a própria retórica da disciplina de história se contentava com modelos que associavam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas. Ao que Bourdieu, chamou de a ilusão biográfica. Hoje para o historiador já não é aceitável tal trabalho biográfico (LEVI, 1996, p. 169).

<sup>10</sup> Sobre o tema indivíduo e sociedade, no livro **A sociedade dos indivíduos**, Norbert Elias propõe um estudo reflexivo bem aprofundado sobre estes conceitos que sofrem nuances

necessidade de uma nova abordagem sobre a biografia histórica, em contraposição a estrutura do romance, com seu relato linear de uma vida. O sociólogo considera que é indispensável reconstruir o contexto em que age o indivíduo, plural a cada instante. Nesta perspectiva é que será construída a biografia histórica da professora Julia Wanderley.

Julia Wanderley é reconhecida por alguns de seus biógrafos como uma importante intelectual paranaense, entre eles Maria Nicolas ([19-], v.1, p. 266-267) que afirma: “invulgar inteligência”, Raul Gomes (1928, p. 135), que também salienta sua “intelligencia lucidissima, talento verbal, (...) singularíssima capacidade de direção e commando” e Herbert Munhoz van Erven (1945, p.20), que sentencia: “(...) dona Julia Wanderley se tornou uma intelectual legítima” uma das mais distintas professoras do ensino primário no Paraná. Havia nessas biografias, como exemplificam os excertos mencionados, uma forte necessidade em se fortalecer uma identidade político-cultural paranaense, um tipo de representação biográfica que Schmidt denominou de cunho “positivista”, a qual privilegiava a atuação dos considerados grandes homens em relação aos acontecimentos político-sociais, utilizando uma abordagem empirista dos documentos públicos oficiais.<sup>11</sup> Esses biógrafos, que faziam explicações monocausais e lineares, serão denominados biógrafos tradicionais nesta dissertação.

Vários intelectuais em Curitiba, durante a primeira metade do século XX, assumiram uma identidade como grupo social, como *intelligensia*, assim se assumindo como a inteligência capaz de orientar um povo, portanto incorporaram um sentimento de missão social, inserindo-se na cena pública como guias do povo, guardiões da cultura e racionalizadores do Estado, para isto utilizavam basicamente os meios de comunicação escrita para melhor conduzir o pensamento e a ação da população local (VIEIRA; MARCH, 2007, p.270). Segundo Sevckenko (1985, p.79-80), a “geração modernista” dos intelectuais brasileiros condenava a geração do regime imperial, tida como

---

referentes a cada período histórico, e sugere que existe uma relação muito singular entre o indivíduo e a sociedade, que deve ser pensada em termos de funções e relações e não como termos isolados (ELIAS, 1994).

<sup>11</sup> A trajetória dos escritos histórico-biográficos, de acordo com Schmidt, teve três correntes expressivas, a do positivismo, a do marxismo e a da Escola dos Anais (SCHMIDT, 1996, p.166).

fossilizada, e pregava as grandes reformas redentoras referentes a abolição, a república e a democracia. Porém, torna-se necessário ressaltar que o intelectual, cientificamente analisado, não é sempre um agente de mudanças, ele pode ser um agente de conservação da ordem estabelecida.<sup>12</sup>

Julia Wanderley foi considerada por alguns de seus biógrafos tradicionais como “uma intelectual de mudança”, e foi lembrada como mulher atuante no âmbito educacional,<sup>13</sup> mas poucos são os escritos de Julia Wanderley, encontrados até hoje, especificamente sobre educação: são dois os documentos oficiais, os Relatórios Escolares de 1905 e de 1908. Raros também são outros textos encontrados que foram escritos pela própria professora sobre qualquer tema. Personagem histórica,<sup>14</sup> esta mulher e professora, ou seja, este ser real teve sua memória construída e projetada como um mito (algo indissociável de sua existência como pessoa) e assim Julia Wanderley foi abordada nesta dissertação. Esta abordagem tem na obra **São Luís** de Jacques Le Goff (2002), sua inspiração mais evidente.<sup>15</sup>

A opção pela forma biográfica de história nesta pesquisa e na construção desta dissertação levou em consideração os nexos e as relações entre Julia Wanderley, seus pares e o seu meio social, onde foram investigadas as suas ideias e trajetória<sup>16</sup> como testemunhas distintas de uma época significativa na história da educação do Paraná, em especial de Curitiba. De acordo com Le Goff, “a biografia histórica é uma das maneiras mais difíceis de fazer história” (2002, p.20), portanto ao optar-se por uma biografia histórica, tem-se o conhecimento de que tal empreitada exige muito fôlego, coragem e uma pitada de ousadia.<sup>17</sup>

---

<sup>12</sup> Ver sobre o tema, entre outros: Nosella, 1999.

<sup>13</sup> Confira, entre outros: Gomes (1928); Erven (1945); Nicolas (1977); Pilotto (1975).

<sup>14</sup> Julia Wanderley será tratada nesta pesquisa como personagem, agente ou atriz histórica, pois será abordada ‘em movimento’, em uma rede de ações e relações.

<sup>15</sup> Apesar de não ter a pretensão de realizar, como faz Jacques Le Goff, um estudo relacionado à história das mentalidades, essa dissertação é tributária de considerações teóricas feitas pelo autor de **São Luís**.

<sup>16</sup> Trajetória aqui compreendida de forma não linear, mas como um campo de possibilidades em que atuou Julia Wanderley.

<sup>17</sup> Jean Orieux, afirma ter conseguido ser mais ousado na sua inexperiência, no primeiro trabalho biográfico, do que mais tarde, quando se encontrou com outros personagens que biografou. Segundo ele, a ousadia estimula e enriquece a pesquisa, desde que isto não resulte em perda do rigor de análise e acrescenta que quando se sente atraído por um personagem, sente-se tão pouco preparado, tão inexperiente, como quando abordou uma biografia pela primeira vez (1994, p.39 - 47).

Os estudos históricos sobre os anos finais do século XIX e iniciais do século XX no Brasil e, especialmente a história das mulheres e sua relação com o universo escolar daquela época, serão utilizados para melhor se compreender as tramas no percurso vivido por Julia Wanderley durante a transição de um século para o outro. O recorte temporal, 1874 a 1918, é balizado pelos anos de nascimento e de morte de Julia Wanderley. Especificar a temporalidade é mais um auxílio para se compreender com maior amplitude a circularidade exercida pela biografada, ampliando desta maneira o diálogo entre pesquisador e a personagem investigada que viveu neste período. Porém sempre que se fez necessário o recorte temporal estabelecido foi ampliado em seus limites. Entender as continuidades e rupturas desta passagem de tempo<sup>18</sup> favoreceu uma melhor explicitação, conhecimento e interpretação sobre a vida e ação da personagem em estudo, uma mulher referendada como a frente de seu tempo.

Desta forma, esta dissertação construiu uma biografia histórica de Julia Wanderley dialogando com as relações sociais vivenciadas por ela e pelos seus contemporâneos, observando que “a relação entre indivíduo e sociedade é tudo menos imóvel” (ELIAS, 1994, p. 145). Para atingir tal propósito foi enfatizada uma investigação no sentido de compreender como Julia Wanderley se constituiu e foi constituída enquanto mulher, professora e mito, ou seja, a construção de sua biografia histórica está também atrelada à memória que se consagrou a respeito desta personagem, bem como às representações e significados que foram se conformando em torno desta mulher através de memorialistas<sup>19</sup> e biógrafos tradicionais<sup>20</sup>.

A abordagem biográfica que se pretendeu produzir, de acordo com uma tipologia parcial indicada por Levi (1996, p.175-176), é a da “biografia e contexto”.<sup>21</sup> Neste tipo de abordagem a biografia conserva a sua especificidade em torno de um sujeito histórico, pois a época e o meio são valorizados como

---

<sup>18</sup> Le Goff, afirma que o tempo é a matéria da vida e da ação de uma personagem biografada, mas não é o propósito da biografia (2002, p. 20).

<sup>19</sup> Memorialistas ou memoristas são os que difundem uma memória coletiva, que tende a confundir a história e o mito. (LE GOFF, 1994, p. 428-429)

<sup>20</sup> Biógrafos tradicionais, aqui compreendidos como aqueles que, escreviam sobre seus personagens de forma linear e factual.

<sup>21</sup> São quatro as abordagens apresentadas por Giovanni Levi, “prosopografia e biografia modal”, “biografia e contexto”, “biografia e os casos extremos” e “biografia e hermenêutica” (LEVI, 1996, p. 174 -178).

aspectos capazes de caracterizar uma atmosfera propícia para explicar a singularidade da trajetória do biografado, sem com isso se tentar normalizar os comportamentos, mas perceber com mais amplitude os comportamentos e ideias de um grupo ou de uma época.<sup>22</sup> A pretensão desta dissertação foi empregar a biografia como um instrumento do conhecimento histórico e assim se despojar da tradicional biografia linear e factual.

A biografia que se aspirou não foi a que relega para segundo plano os aspectos ambíguos e irresolutos na vida da personagem biografada, pois estes aspectos se consolidam como pontos de confronto, de rupturas e de amarras proporcionando uma maior amplitude na análise da paisagem historiográfica atribuída a Julia Wanderley. Como lembra Levi (1996, p.180), a biografia é um campo ideal para se “verificar o caráter intersticial – e, todavia importante – da liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições”.

Seria impossível, a partir da perspectiva teórica adotada, estudar Julia Wanderley isolada de seu tempo e espaço de atuação. Ressaltando que o passado humano não é um agregado de histórias separadas, mas uma soma unitária do comportamento humano (THOMPSON, 1981, p.50). Tal personagem foi pesquisada de forma multifacetada, simultaneamente relacionada a história do Brasil em geral, do Paraná e de Curitiba em particular, imbricada com a institucionalização da instrução pública primária e secundária no Paraná e mais especificamente com a feminização do magistério. Tornou-se imprescindível compreender qual era a ideia, ou seja, o pensamento que figurava com predominância na época investigada. Segundo Febvre (2009, p.32), “não há pensamento por mais puro e desinteressado que seja que não seja colorido em sua massa pela atmosfera de uma época”.

No esforço de conseguir uma maior compreensão das facetas de Julia Wanderley, procurei como orienta Levi (1996, p.176), manter “o equilíbrio entre a especificidade da trajetória individual e o sistema social como um todo”. Foram examinadas fontes primárias e secundárias, tendo-se a consciência de

---

<sup>22</sup> Não se trata de reduzir as condutas a comportamentos-tipos, mas de interpretar as vicissitudes biográficas à luz de um contexto que as torne possíveis e, logo, normais (LEVI, 1996, p. 176).

que documentos, como advertiu Bloch (1997, p.79), não existem por si, pois são definidos enquanto tal pelo historiador e que as questões feitas à documentação, dirigidas ao passado, partem do presente e são influenciadas por ele. Como escreveu Thompson (1981, p.49-50), ao se constituir um conhecimento histórico, é importante ter a clareza de que todo este conhecimento é, pela sua natureza, provisório e incompleto (mas não inverídico), seletivo, limitado e definido pelas perguntas feitas à evidência (e pelos conceitos que informam essas perguntas).

O estudo que resultou nesta dissertação foi, portanto, resultado de um diálogo entre conceito e evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas de um lado e a pesquisa empírica do outro, o que tornou possível perceber a trajetória de Julia Wanderley, suas redes de relações, sua vida pública e privada.<sup>23</sup> Desta forma, procurei reconstruir a jovem, a mulher, a mãe, a professora através dos indícios documentais encontrados em jornais de diferentes períodos, textos de memorialistas, biografias tradicionais, revistas da época sobre a educação, material (fotos, postais, etc.) arquivado pela própria Julia Wanderley, além de parte do Livro íntimo ou Diário da professora, pois para um estudo de biografia histórica os testemunhos materiais são tão significativos quanto os escassos indícios documentais existentes sobre a sua atuação profissional. Além disso, é imprescindível considerar que o mito é muitas vezes uma construção que transcende o que foi realizado pessoal e profissionalmente pelo sujeito histórico.

Esta dissertação tem duas pretensões que se complementam. Buscar perceber como aspectos sociais atrelados à figura feminina e à figura da professora, que se configuravam no Brasil do final do século XIX e início do século XX, se relacionam com a trajetória singular vivida por Julia Wanderley; bem como delinear de que maneira se deu a construção da memória que a sedimentou como o mito de grande educadora paranaense.

---

<sup>23</sup> Schmidt discorre sobre esta relação entre o público e o privado numa pesquisa biográfica, em seu artigo 'O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetórias, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação' e afirma que os historiadores-biógrafos negligenciavam a vida privada de seus personagens, por ser no âmbito público que se realizavam os feitos notáveis, dignos de serem registrados, porém é nos interstícios da vida privada que se encontram os espaços de resistência e as imposições macro-sociais (SCHMIDT, 1996, p. 185).

Julia Wanderley é repetidamente lembrada, por seus memorialistas e biógrafos tradicionais, como uma jovem que em 1890 aproveitou o momento propício que permitia a mulher se profissionalizar como professora e se matriculou na Escola Normal de Curitiba, tornando esta escola promíscua.<sup>24</sup> Após dois anos de curso em novembro de 1892 formou-se professora normalista, com mais outras três moças. Em junho de 1893 Julia Wanderley tornou-se a primeira professora normalista nomeada pelo governo estadual para assumir a 9ª cadeira <sup>25</sup> da capital. Em 1914, a professora Julia Wanderley já atuava como diretora na Escola Tiradentes quando o estabelecimento de ensino foi reconhecido como Grupo Escolar Tiradentes, continuando nossa atriz social na sua direção. Sua trajetória profissional foi breve, pois faleceu em 5 de abril de 1918 devido a um neoplasma pelviano, segundo atestado firmado pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral.<sup>26</sup>

O percurso profissional de Julia Wanderley e a forma como a professora é rememorada tem significativa importância para se entender uma identidade feminina na época em que viveu. A professora viveu em um período no qual a cidade de Curitiba e o Paraná passavam por sensíveis mudanças econômicas e sociais as quais eram responsáveis pelo crescimento urbano e pela diversificação populacional. Nesse contexto a educação, especialmente de crianças e jovens (futuros cidadãos e trabalhadores), com o objetivo de concorrer para a ordem e o progresso da Capital e do Estado foi destaque dentre as preocupações de vários indivíduos, muitos deles ligados aos órgãos governamentais, e resultará em ações estatais relacionadas diretamente a escola (BERTUCCI, 2009).

Para construir um conhecimento histórico sobre Julia Wanderley, é imprescindível escrutinar a sua história de vida na tentativa de fazer vinculações entre a situação social da mulher e da professora, que viveu entre o final do império e as primeiras décadas da república, bem como buscar os

---

<sup>24</sup> Escolas promíscuas “eram as escolas que aceitavam alunos de ambos os sexos” (MARTINS, 2005, p. 4).

<sup>25</sup> Termo fundamentalmente articulado às práticas escolares configura o regime de contrato dos professores, o conjunto de temas para os quais tinham conhecimento e aos quais lhes eram atribuídas responsabilidades de ensino, portanto seu trabalho como docente. Uma cadeira anexava diferentes conteúdos ou matérias. (WERLE, 1997, p. 136-138)

<sup>26</sup> Livro de registros de Óbitos, extraído do assento lavrado em 06 de abril de 1918, nº 45, folha 118, sob o número 25.501, 1ª zona, Cartório Bacharel Ermelino Agostinho de Leão Neto (em anexo).

indícios da construção do mito paranaense e como tal construção foi reforçada por memorialistas e biógrafos tradicionais. De acordo com Burke (2005, p.148), fazer a grande pergunta da história social, “quem?”, nos ajudará a perceber a professora, segundo ela mesma, seus familiares e contemporâneos, seus alunos, amigos, afetos e desafetos. Em outras palavras, essa pergunta nos aproximará de Julia Wanderley e das pessoas que se relacionavam e olhavam para ela em um determinado espaço e tempo.

Construir uma biografia histórica com um novo modelo, contrapondo a biografia tradicional, estando atento para não incorrer em “ilusões” (BOURDIEU, 1996), não é algo fácil. A biografia confronta hoje o historiador com problemas essenciais – porém clássicos – de seu ofício de um modo particularmente agudo e complexo (LE GOFF, 2002, p.19).

Le Goff traduz bem esta nova proposta de construção da biografia histórica ao explicitar a dificuldade de se propor novos moldes. Sendo a biografia um modo muito particular de se fazer história e que exige vários métodos intrínsecos à prática da história, torna-se relevante saber como posicionar um problema, como buscar e criticar as fontes, com consciência do risco que se corre devido a distância temporal que nos separa da biografada em questão (LE GOFF, 2002, p.20).

A biografia tradicional difundida sobre Julia Wanderley nos informa que ela é reconhecida em Curitiba e em outros municípios como a primeira professora normalista do Paraná, uma figura constituída, lembrada, homenageada em várias localidades paranaenses. O desafio desta dissertação foi, portanto, construir um novo olhar e uma nova biografia, uma biografia histórica, sobre esta mulher. Nesta pesquisa Julia Wanderley foi abordada como um “sujeito globalizante”,<sup>27</sup> uma unidade não homogênea e não linear, uma vida feita de várias tramas sociais, por vezes contraditórias, algumas singulares, mas de acordo com Levi (1996, p.176), todas marcadas por um contexto histórico que as justifica.

---

<sup>27</sup> “Sujeito globalizante”: aquele que participa simultaneamente do econômico, do social, do político, do religioso, do cultural; age em todos estes domínios, pensando-os de uma maneira que o historiador deve analisar e explicar, mesmo quando a busca do conhecimento integral do indivíduo em questão se torna uma procura utópica. É preciso verdadeiramente, mais do que em qualquer outro objeto de estudo histórico, saber respeitar aqui as falhas e as lacunas da documentação, não querer reconstituir os silêncios, as descontinuidades e as disjunções que rompem a trama e a unidade aparente de uma vida (LE GOFF, 2002, p. 21).

A biografia histórica feita nesta dissertação concentrou-se em três perspectivas: na origem familiar e na composição das facetas da mulher Julia Wanderley; na sua formação e atuação profissional e na construção de sua memória por contemporâneos e biógrafos tradicionais. O trabalho foi realizado considerando sempre que “o indivíduo não existe a não ser numa rede de relações sociais diversificadas, e que essa diversidade lhe permite também desenvolver seu jogo” (LE GOFF, 2002, p. 26).

Seguindo esta lógica o Capítulo 1 tem a intenção de abordar Julia Wanderley em sua trajetória mais ampla de vida, desde seu nascimento até seu falecimento, ou seja, examinou o seu contexto familiar, suas origens, sua maneira de ser. Este capítulo tem como propósito conhecer a filha, a mulher, a irmã, a esposa e mãe, bem como a colecionadora e a fotógrafa e, partindo destas premissas poder vislumbrar a professora que viveu em uma época determinada, em um meio social próprio, em uma localidade específica.

O Capítulo 2 pretende situar Julia Wanderley em um tempo e espaço singulares, em uma sociedade permeada por representações sobre a identidade feminina e a professora primária. Este capítulo da dissertação resgatou a formação da normalista e a atuação da professora e diretora escolar Julia Wanderley, do final do século XIX e início do século XX.

No Capítulo 3 foram feitas investigações e reflexões na tentativa de perceber indícios da construção do mito Julia Wanderley através das palavras e ações de seus contemporâneos (parte significativa de sua rede de relações sociais), pessoas que concorreram decisivamente para a efetivação de uma memória específica da professora, a do 'mito da professora paranaense modelo'.

## CAPÍTULO 1

### JULIA WANDERLEY: A JOVEM, A MULHER, A MÃE

Nunca sonharam que, para explicar a partir da tarde, pode ser suficiente conhecer-te, no máximo, a manhã.

Lucien Febvre



As mulheres que passaram pela cidade de Curitiba no final do século XIX e início do século XX deixaram suas marcas de falas, de silêncios, de trabalho; deixaram suas histórias de rupturas e de continuísmos. Atuações sociais mais ou menos aparentes. Dentre essas mulheres, uma foi Julia Wanderley, rememorada no Paraná como a primeira mulher a se matricular na Escola Normal de Curitiba, a primeira a participar presencialmente das aulas junto com os moços. Presencialmente, porque até então as mulheres da Capital e do Paraná, só podiam prestar os “exames vagos” para conseguir o certificado de professora normalista. Nestes exames as moças eram avaliadas perante uma banca, se conseguissem aprovação nas matérias do curso normal recebiam o diploma. Essas mulheres estudavam em casa, por conta própria ou com preceptores, para depois prestarem os tais exames, pois não lhes era facultada a permissão de frequentar as aulas regularmente junto com os rapazes.

Julia Augusta de Souza Wanderley nasceu no dia 26 de agosto de 1874 em Ponta Grossa, cidade da província do Paraná, uma província ainda jovem, instaurada em 19 de dezembro de 1853, que buscava se firmar no cenário político e econômico do Brasil imperial. Como declarou Jesuíno Marcondes, auxiliar na administração provincial do primeiro presidente, Zacarias de Góes e Vasconcelos: “teremos muito que trabalhar para atender às necessidades do nosso aparelhamento econômico” (apud BALHANA; MACHADO; WESTPHALEN, 1969, p.109-110), Marcondes delineava as grandes necessidades que precisavam ser atendidas: o estabelecimento de estradas que facilitassem as comunicações e diminuíssem as despesas com transporte de pessoas e cargas (para favorecer especialmente a cultura da erva-mate e do gado, as maiores riquezas da região), bem como a instalação e ampliação da instrução pública para ricos e pobres. Neste contexto de formação e de conformação de uma nova Província/Estado é que Julia Wanderley irá circular.

Ponta Grossa teve origem em um pouso de tropeiros que no século XVIII vinham do Rio Grande do Sul, pelo Caminho do Viamão, em direção a província de São Paulo. Em 1823 algumas famílias iniciaram o povoado<sup>28</sup> que

---

<sup>28</sup> Em 15 de setembro de 1823 o povoado foi elevado a freguesia, em 7 de abril de 1855 passou a ser vila e em 24 de março de 1862 foi elevada à categoria de cidade. (LANGE, 1998, p. 106-182).

em 24 de março de 1862 foi elevado à categoria de cidade. Julia Wanderley seria homenageada por sua cidade natal, passando a figurar como nome da rua em que nasceu.<sup>29</sup>



FIGURA 1 - RUA ONDE JÚLIA WANDERLEY NASCEU  
FOTO: AUTOR DESCONHECIDO, [19-]  
ACERVO: MUSEU MUNICIPAL DE PONTA GROSSA

O crescimento populacional de Ponta Grossa e de outras localidades dos Campos Gerais<sup>30</sup> se deu devido ao incremento da pecuária, favorecida pelo movimento dos tropeiros, que estimularam a criação de gado e o comércio local. Os avós maternos de Julia Wanderley provavelmente foram atraídos para a vila por esse crescimento. O tropeirismo também concorreria de forma decisiva para o desenvolvimento de outras áreas paranaense, inclusive de Curitiba, que seria capital da Província.

---

<sup>29</sup> Na Câmara Municipal de Ponta Grossa não há registro do decreto que deu o nome da professora a rua em que Julia Wanderley nasceu. Informam na repartição pública, que entre 1935 e 1945, durante a ditadura Vargas, muitos documentos de períodos anteriores foram destruídos ou simplesmente sumiram. Mas, foi possível localizar o Decreto nº 190, de 22 de agosto de 1934, que autorizou o calçamento da rua Julia Wanderley, nos trechos compreendidos entre as ruas Francisco Ribas e Cel. Dulcídio e avenida Bonifácio Vilela e rua 7 de setembro.

<sup>30</sup> Campos Gerais são caracterizados por se constituírem de campos limpos – estepes de gramíneas com capões com matas ciliares ou galerias ao longo dos rios e arroios (zona de araucárias e palmáceas). Estão situados no Segundo Planalto paranaense, salvo os campos de Castro, que se encontram no Primeiro Planalto (LANGE, 1998, p.9).

O sul do Brasil foi pouco a pouco, desbravado e povoado a partir de meados do século XVII por paulistas que vieram a procura de índios e ouro.<sup>31</sup> Vários deles se estabeleceram nas terras exploradas, e na região que seria o Paraná surgiram as Vilas de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá, em 1648, e a Vila de Nossa Senhora da Luz de Curitiba, em 1693. Lentamente se efetivou a ocupação dos Campos de Curitiba e dos Campos Gerais.<sup>32</sup> Vários foram os homens que, apelando para as Ordenações do Reino, requereram sesmarias, formaram grandes latifúndios depois de se estabelecerem no sul do Brasil com suas famílias, agregados e escravos, sendo estes, a princípio, indígenas. Anos depois, no início do século XIX, o decreto do Príncipe Regente D.João, autorizou a posse de terras para os lusitanos, o que estimulou ainda mais a ocupação da região.

Segundo Francisco Negrão (1929, p.56), em 1822 o Capitão Manoel Joaquim de Souza, bisavô de Julia Wanderley que, provavelmente, era descendente de portugueses, “requereu ao Conselho da Câmara de Curitiba, uma sesmaria de terras na paragem chamada Jararacas,<sup>33</sup> ao que a câmara despachou mandando que sobre isso informasse o Capitão Francisco da Silva Abreu”. Quando o Capitão Souza fez a solicitação, ele e a família residiam em São Francisco do Sul, vila da região do atual estado de Santa Catarina e a mudança para terras paranaenses não foi imediata, pois em 1826 há o registro do nascimento de sua filha Anna Maria do Pilar e Souza (avó materna de Julia Wanderley) naquela localidade (NEGRÃO, 1929, p.608).

O Capitão Manoel Joaquim de Souza era casado com Anna Maria do Pilar, e pouco depois do nascimento da filha, também chamada Anna Maria, a

---

<sup>31</sup> No final do século XVI, já estavam extintas as tribos de índios livres nos sertões mais próximos das vilas e ocupações ‘paulistas’, pela falta de índios a Capitania de São Paulo empreendeu dois grandes movimentos: a procura de mais índios no oeste do atual Paraná, na região de Guairá, e a procura de ouro no leste do Paraná, na região de Curitiba e Paranaguá (BALHANA; MACHADO; WESTPHALEN, 1969, p. 28-29).

<sup>32</sup> Expedições militares povoadoras, organizadas por Dom Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, que era Capitão General de São Paulo, a partir da segunda metade do século XVIII, rumaram para o oeste paranaense com o objetivo primordial de ocupar e povoar novas terras, mesmo que com pouca gente: queriam impedir a ocupação das terras pelos vizinhos espanhóis. Essas expedições foram fundamentais para o povoamento da região hoje paranaense (BALHANA, 2003, p.159-160). É dessa época o grande esforço para explorar os campos de Guarapuava e Palmas, mantendo uma política de aliança com as tribos locais (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001, p.36).

<sup>33</sup> Não foi possível identificar a localização dessas terras, porém, como o Capitão Souza recorreu a Câmara de Curitiba, supõe-se que sejam terras curitibanas ou de seus arredores, também não foram encontradas maiores referências ao Capitão Francisco da Silva Abreu.

família muda-se para a pequena vila paranaense de Morretes, situada no meio do caminho entre Curitiba e Paranaguá, no litoral. Nesse período, segundo Trindade e Andrezza (2001, p.38), a erva-mate (também conhecida por congonha) começava a incrementar a economia da região aumentando as atividades portuárias em Paranaguá e Antonina. Morretes, cidade vizinha de Antonina, também cresceu e a indústria ervateira rapidamente se disseminou serra acima, fazendo prosperar a região de Curitiba.<sup>34</sup> “Na origem da fortuna das principais famílias do Paraná vamos encontrar a erva-mate” (COSTA, 1995, p. 22).

Certamente a família de Julia Wanderley aproveitou este crescimento econômico da região paranaense e seu bisavô materno se estabeleceu como comerciante em Morretes (NEGRÃO, 1929, p.561). Continuando a expansão da indústria do mate, a família migrou para Curitiba.

O Capitão Manoel Joaquim de Souza (...), foi estabelecido em Morretes, onde gozou de merecida consideração, d’ahi passou a residir em Curitiba, onde faleceu já casado em segunda núpcias (NEGRÃO, 1929, p. 608).<sup>35</sup>

Curitiba, caminho de tropeiros, cresceu vagarosamente até os primeiros anos do século XIX. Martins (1995, p.234-251) afirma que a vila de 1693, ganhou o status de cidade em 1842 e prosperou graças principalmente a cultura e indústria da erva-mate, que se expandiu a partir dos anos 1820-30. A área urbanizada aumentou com a chegada de imigrantes de diferentes nacionalidades que, além de se fixarem nos arredores da localidade (nas chamadas colônias), foram morar na periferia de Curitiba, a partir da segunda metade do Oitocentos. Os novos moradores em poucos anos concorrerem em número com o de portugueses e de seus descendentes (ou pelo menos com os considerados brancos que eram declarados lusitanos).<sup>36</sup> Conforme os censos

---

<sup>34</sup> Em meados da década de 1830 já eram identificados 34 engenheiros de mate e a maior parte deles com engenho localizado na Freguesia de Curitiba (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001, p. 38).

<sup>35</sup> Negrão (1929, p.609) afirma que o Capitão Manoel de Souza teve vários filhos do primeiro casamento, mas só conseguiu resgatar o nome de três deles: Geraldina do Pilar e Souza (casada em Morretes com Manoel Vianna), Bárbara do Pilar e Souza (casada em Morretes, depois moradora de Cananéia) e Anna Maria do Pilar e Souza (avó de Julia Wanderley).

<sup>36</sup> O alemão Avé-Lallemant, que visitou Curitiba em 1858, escreveu que sua população era mestiça, com nítidos traços de negros e índios (AVÉ-LALLEMANT, 1953, p.276). Situação que iria se alterar na segunda metade do século XIX, com a evasão da força de trabalho escrava,

do final do século XVIII e início do XIX, os lusitanos representavam parcela superior a 50% na futura Província (BALHANA, 2003, p. 160). Entre os descendentes de portugueses que circulavam pelas terras da região estavam os membros da família dos avós maternos de Julia Wanderley, Ana Maria do Pilar e Souza e João Rodrigues Xisto<sup>37</sup>.



FIGURA 2 - CURITIBA, FINAL SÉCULO XIX<sup>38</sup>  
COLEÇÃO JULIA WANDERLEY  
ACERVO: CASA DA MEMÓRIA DE CURITIBA

Anna Maria do Pilar e Souza, filha do primeiro casamento do Capitão Manoel de Souza, casou em 1840, em Morretes, com João Rodrigues Xisto, nascido em 1816, em Cananéia, cidade do litoral sul de São Paulo. Filho de um negociante português, João Xisto também foi comerciante, primeiro em Morretes, depois em Palmeira (vila dos Campos Gerais) e Ponta Grossa, lugares vizinhos, nos quais a pecuária fazia a riqueza de muitas pessoas. Da união de Anna Maria e João, nasceram oito filhos sendo um deles Laurinda de Souza, a mãe de Julia Wanderley.

D. Laurinda de Souza, após o casamento Laurinda de Souza Wanderley, nasceu em Palmeira em março de 1853. Entretanto Laurinda de Souza pouco ficou na localidade, a família mudou-se para Ponta Grossa cinco meses depois de seu nascimento (MACEDO et al., 1918, p.3). Escrevendo sobre sua

---

vendida em grande parte ao mercado interno paulista (que crescia devido a economia cafeeira) e a entrada de novos contingentes de imigrantes europeus.

<sup>37</sup> Encontra-se no apêndice deste trabalho uma Árvore Genealógica (básica) da família de Julia Wanderley.

<sup>38</sup> Primeira foto: Rua Alegre, Largo da Matriz em 1873, hoje Praça Tiradentes, rua Dr. Cândido de Leão. Segunda foto: Mercado de Curitiba, inaugurado em 1874, localizado na atual Praça Generoso Marques, onde hoje se encontra o Paço Municipal.

genealogia, em trecho transcrito na brochura chamada **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia),<sup>39</sup> Julia Wanderley menciona a mãe de forma extremamente breve, e as poucas palavras destacam o fundamental para uma mulher digna do século XIX: o matrimônio, a família.

Em 1871 [Affonso Guilhermino Wanderley <sup>40</sup>], passando por Curitiba, foi para Ponta Grossa, onde contraiu matrimônio com D. Laurinda de Souza Wanderley a 6 de dezembro de 1873 (PETRICH, apud MACEDO et al., 1918, p.3).

Na **Genealogia Paranaense** Francisco Negrão, descreve a mãe de Julia Wanderley como uma mulher dotada de energia e força de vontade (NEGRÃO, 1929, p. 609). O professor, intelectual positivista e um dos memorialistas de Julia Wanderley, David Carneiro em artigo escrito para o jornal curitibano **Gazeta de Povo**, de 2 de agosto de 1974, ao se referir a personalidade de Julia Wanderley, salienta a afetividade como uma característica que a professora teria herdado da mãe.

De sua mãe, D. Laurinda, teria herdado sua afetividade, pois também era meiga e afável, sobretudo com seu sobrinho Julio (adotado por ela desde tenra idade) ou com os conhecidos e os compreensivos para a sua obra de educação (**Gazeta do Povo**, 02/08/1974, p.5).

Esse tipo de discurso, recorrente entre os republicanos do final do século XIX e início do XX, traduzia ainda nos anos 1970 uma representação do ser feminino, um ideal de mulher que se pretende homogêneo e que reforça a figura mítica da mãe tutelar, da mulher pacificadora.

---

<sup>39</sup> A brochura que ficou conhecida simplesmente como Poliantéia foi editada com o título: **Julia Wanderley: homenagem de seus colegas, amigos e admiradores**. Curitiba: Typ. João Haupt & Cia, 1918. A primeira parte da brochura, denominada Genealogia, foi, segundo os redatores, parcialmente extraída do chamado Livro íntimo ou Diário escrito por Julia Wanderley. Na segunda parte estão descrições e comentários da vida familiar, discente e docente de Julia Wanderley. Na terceira parte estão os textos em homenagem a Julia Wanderley. Segundo Osvaldo Pilotto (1975, p. 6) a brochura foi organizada por Annette Macedo. Nesta dissertação este material será denominado **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia).

<sup>40</sup> Em algumas publicações o nome do pai de Julia Wanderley aparece como: Afonso (com um f) e/ou Guilherme (e não Guilhermino). Nesta dissertação, salvo em citações literais, o nome usado será AFFONSO (com dois F) GUILHERMINO, a forma usada pela filha Julia Wanderley no Livro íntimo ou diário.

Em conformidade com este preceito de pessoa meiga e dócil, Julia Wanderley também é contemplada como boa amiga, fiel e mãe de seus alunos. Modelo que, de acordo com Fuckner (2000, p.10), estava atrelado ao ideal de mulher difundido inclusive por escolas femininas católicas desde o século XIX, escolas que tinham Nossa Senhora como exemplo de maternidade, dignidade e bondade.<sup>41</sup> Esse modelo será reforçado entre muitos republicanos (vários deles positivistas que acreditavam no progresso e nos poderes ilimitados da ciência),<sup>42</sup> pela imagem construída de Clotilde de Vaux, a amada de Auguste Comte (1798-1857), o idealizador do pensamento positivista (COMTE, 1988, p. VII-XVI). O jornalista Sanito Rocha evidencia tais adjetivos quando escreve:

Para nós d. Julia Wanderley não era apenas a educadora modelo, cuja cultura todos admiravam: ella alliaava outros predicados que mais realçavam o brilho do seu talento, possuía um coração que era a synthese da bondade (...). Para Julia Wanderley a amizade representava um culto. De cada uma das centenas de moças que passaram pelos bancos de sua Escola, fazia uma filha (ROCHA, apud MACEDO, et al.,1918, p. 17-18).

A importância dada a sua bondade e seu sentimento maternal é recorrente nos textos escritos sobre Julia Wanderley, são adjetivos que sempre acompanharam os comentários sobre a professora e que a remetiam tanto ao ideal de mulher republicana, quanto a um modelo católico de mulher.

O professor Sebastião Paraná assim descreve Julia Wanderley: “foi boa, foi magnânima, sublime na amizade, santa no lar, insigne na escola” (PARANÁ, apud MACEDO, et al.,1918, p. 8). Julia Wanderley é apresentada como a tradução do modelo idealizado de mulher e um modelo republicano que, segundo Trindade (1996, p. 35), “ao mesmo tempo em que prega o estigma da mulher liberada ou mesmo pública, a insere nos planos do Estado por um viés patriótico e sentimental”. Assim, desde o final do século XIX o espaço da

---

<sup>41</sup> Segundo Ivan Manoel, o objetivo das escolas católicas no século XIX era formar jovens cultas, polidas, sociáveis, mas, acima de tudo, cristãs, católicas convictas, que difundissem na família e na sociedade os valores do catolicismo conservador (MANOEL, 1996, p.76-77). Mas, preocupada com os rumos da sociedade industrial moderna, a Igreja Católica investirá cada vez mais em ações educacionais com o intuito de bem formar mulheres para o mundo do trabalho. Confira, entre outros: CINTRA, 2005.

<sup>42</sup> Sobre a difusão de diversas teorias científicas no final do século XIX e início do século XX, veja, entre outros, SCHMIDT, 2001.

mulher oriunda de uma família considerada de classe média,<sup>43</sup> mesmo sendo ampliado para além do privado, se efetivou paralelamente com o reforço, pregado por Comte, sobre a relevância do papel tradicional de mãe e esposa, e de guardiã do lar, atribuído a mulher, pois era ela “que garantia a reprodução da espécie e a saúde moral da humanidade” (CARVALHO, 1990, p. 92-93).<sup>44</sup> Julia Wanderley viveu neste período, em um contexto social em que a mulher/professora terá uma missão de regeneradora da humanidade.

Julia Augusta de Souza Wanderley teria sido a primeira dos 9 ou 10 filhos do casal Souza Wanderley (NEGRÃO, 1929, p.609-614; Erven, 1945, p.19). As informações sobre o número de filhos divergem, e a própria Julia Wanderley, em sua autobiografia, não menciona o número de irmãos. O texto da professora, em parte reproduzido na **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia), começa destacando o menino que adotou como filho e que era filho biológico de sua irmã Minervina e de Antonio Herderico da Costa.

Ao meu querido Julinho, lembrança de sua Mãe Julia Wanderley Petriche.<sup>45</sup>  
Coritiba, 1 de novembro de 1908.

Informações para o Julinho conhecer a sua ascendência. Julia Augusta de Souza Wanderley (professora normalista) depois Julia Wanderley Petriche, por ter contrahido matrimonio com Frederico Petriche, nasceu na cidade de Ponta Grossa, a 26 de Agosto de 1874 (4ª feira) (...) filha legítima de Affonso Guilherme Wanderley e D. Laurinda de Souza Wanderley (PETRICH, apud MACEDO, et al., 1918, p. 3).

Evidencia-se a importância dada por Julia Wanderley à maternidade, ao escrever a palavra Mãe, com inicial maiúscula. O destaque dado pela

---

<sup>43</sup> Segundo Outhwaite e Bottomore (1996, p.97), a partir do século XIX classe média “passou a se referir a “profissões de colarinho branco”. Estas incluem desde os profissionais liberais, como médicos, contadores, advogados, acadêmicos e assim por diante, a pessoas ocupando empregos relativamente rotineiros e menos especializados.”

<sup>44</sup> Como mostram diversos trabalhos historiográficos, como os de Michelle Perrot (1988; 2005), as mulheres pobres estavam inseridas socialmente de modo diverso, e sempre trabalharam em atividades diversas. Mas, o modelo burguês de família, que valorizará o lar como espaço feminino e da maternidade e educação dos filhos como tarefas primordiais da mulher, também acontecerá entre operários, inclusive no Brasil (cf. BERTUCCI, 1997, p.125-168).

<sup>45</sup> Na brochura **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia), até mesmo em trechos transcritos de escritos de Julia Wanderley; bem como na biografia escrita por Herbert Munhoz van Erven, o sobrenome PETRICH é grafado com a letra E no final, porém, nos documentos consultados escritos pela própria Julia Wanderley, e outros, o sobrenome é grafado sem esta letra E no final. Portanto a grafia utilizada nesta dissertação, a não ser quando for uma transcrição fiel ao documento investigado será PETRICH.

professora ao filho Julio reforça, também a importância do contexto familiar e do papel social da mulher como mãe no início do século XX. Para Mauad (2002, p. 155), a educação das meninas no período imperial (época que Julia Wanderley nasceu e frequentou o primário) padecia de ambiguidade, pois ao mesmo tempo em que as circunscrevia no universo doméstico, incentivando a maternidade e o estabelecimento do lar como seu domínio, “as habilitava para a vida mundana”, fornecendo-lhes elementos para brilhar em sociedade. Mas este ideal de mulher não poderia ter sido plenamente alcançado por Julia Wanderley se a biografada não tivesse recorrido à adoção. A professora, repetidamente retratada como uma mulher doente explicita no seu Livro íntimo ou Diário<sup>46</sup> a importância da maternidade, da manutenção da linhagem baseada na consanguinidade, além de sua impossibilidade de gerar filhos (sofreu pelo menos um aborto).

Nunca desejei ter filhos, porque, fraca como sou, reconhecia os graves sofrimentos porque haveria de passar com tal phase. Em setembro de 1897, tive um, fora do tempo, e foi o que bastou p<sup>a</sup> me amedrontar. Desejosa fossem meo com todo o carinho, atenção com todo desvelo um entesinho querido, em cujas veias circulassem o sangue da minha família (PETRICH, [19-], p. 8).

Ela desejava que o filho Julio conhecesse melhor a mulher que tanto o esperou e criou e para isso, repetiu uma prática que se difundiu entre as mulheres de ‘boa família’ desde os tempos do Império: escreveu um diário, conhecido como o Livro íntimo ou Diário de Julia Wanderley. Segundo Mauad (2002, p.137-176), muitas mulheres do Brasil do século XIX faziam anotações do dia-a-dia: de seus afazeres domésticos na casa, com os filhos e o marido;

---

<sup>46</sup> Excertos (xérox) do chamado Livro íntimo ou Diário de Julia Wanderley, estão inseridos em uma compilação, junto com cópias de outros textos, fotos, recortes de jornais da e sobre a professora. Esta compilação, encadernada com o título: **Julia Wanderley – escritos, homenagens e fotografias [19-]**, está na biblioteca da Faculdade Dr. Leocádio José Correia (FALEC), de Curitiba. Há indícios que o material tenha sido compilado por Lealis dos Santos Moreira, filha de Pompília Lopes dos Santos uma ex-aluna de Julia Wanderley. O material foi doado para a Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas (SBEE) de Curitiba, quando a possível autora da compilação frequentava a Sociedade. O material foi entregue pela SBEE para a biblioteca da FALEC, uma instituição educacional mantida por espíritas paranaenses. No estudo feito por Pucci (1987, p.40-41), há a informação que o Livro íntimo ou Diário original, além de álbuns de Julia Wanderley, teriam sido guardados por Luiz Gastão, filho de Julio Petrich da Costa e Azioleth Sardenberg da Costa.

de suas leituras, passeios, idas à igreja. Verdadeiros registros do cotidiano feitos por pessoas que deveriam viver para suas famílias.<sup>47</sup>



FIGURA 3 - LIVRO ÍNTIMO OU DIÁRIO E COLEÇÃO DA REVISTA FON-FON PERTENCENTES A JULIA WANDERLEY  
FONTE: SCHAEFFER; BRITTO; KLEINKE (1985, p.64)  
ACERVO: BIBLIOTECA DO MUSEU PARANAENSE

A identificação de Julia Wanderley como uma mulher atenciosa, que viveu para sua família, que foi extremamente amorosa com o filho e uma professora singular foi habilmente tecida na **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia), editada em 5 de maio de 1918, um mês após a morte da professora. Nesta publicação, Julia Wanderley é, também, apontada como uma pessoa dotada de um ideal transformador, característica que teria herdado do pai, um republicano, um artista, um homem que viveu em vários lugares e exerceu diferentes ofícios.

O casamento de Laurinda de Souza com Affonso Guilhermino Wanderley rompeu com os laços basicamente lusitanos da família Souza, traduzindo a miscigenação que caracterizou o Brasil. No caso da família paterna de Julia Wanderley a origem holandesa não era a mesma dos grupos de europeus que em maior número aportariam no país até o final do século XIX, mesmo considerando a invasão e ocupação realizada no nordeste brasileiro no século XVII. Os holandeses que se fixaram no nordeste eram organizadores de cidades e grandes comerciantes e, como resultado da quase

---

<sup>47</sup> Nesses diários poderiam também haver anotações diferenciadas. A imperatriz Teresa Cristina, casada com D. Pedro II, por exemplo, registrou no seu diário costumes e hábitos dos lugares por ela visitados. Este material esteve exposto no Museu Imperial, Petrópolis (RJ), de julho a dezembro de 2009.

secular presença holandesa na região, apareceram no Brasil as famílias Wanderley, Holanda, Buarque, Haya, etc (MICHAELE, 1969, p.136). Famílias que não ficaram circunscritas ao nordeste brasileiro.

De acordo com Freire (2002, p.56), Wanderley é a forma aportuguesada de escrever o sobrenome Van der Ley, radicado no Brasil desde a histórica invasão holandesa na Bahia e em Pernambuco. Segundo Erven (1945, p.17), “os Wanderley no Paraná descendem, através do pernambucano Afonso Matias Wanderley, dos seus homônimos nortistas”.

A mobilidade dos homens e das famílias que se dispersaram desde o século XVI, como paulistas e pernambucanos, ou paulistas e baianos, chega ao século XIX ampliada em vários subgrupos, que se mantém em contato pela intercomunicação familiar. Os Wanderley que a princípio se estabeleceram no nordeste e casavam entre si, com o tempo se assentaram no sul do Brasil, contraindo matrimônio com outros grupos populacionais (FREIRE, 2002, p.272). Foram provavelmente atraídos pelo comércio que dava sinais de grande crescimento e gerava perspectivas de prosperidade financeira.

Julia Wanderley se reportaria ao pai com mais detalhes do que sobre sua mãe, como se verifica na transcrição feita na **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia):

Affonso Guilherme Wanderley (pintor), filho de Affonso Martins Wanderley e d. Anna Augusta do Sacramento, nasceu em Desterro, capital de Santa Catharina, a 12 de dezembro de 1850. São seus irmãos Maria, Manoel e Rosalina. Em 1865 foi para o Rio e praticou para piloto; em 1868 e 1869 esteve no Rio Grande do Sul. Em 1870 voltou [para Santa Catharina] (...) Falleceu a 1º de julho de 1910 (PETRICH, apud MACEDO, et al., 1918, p. 3).

O pai de Julia Wanderley, Affonso Guilhermino, trazia consigo um sobrenome que exerceu influência política no nordeste do Brasil no período imperial, mas que, também, era identificado por uma característica pouco lisonjeira, para dizer o mínimo, e que não aparece quando contemporâneos e biógrafos tradicionais escrevem sobre as “qualidades” herdadas de seus descendentes por Julia Wanderley.

Os Wanderley têm saído para a vida política, para a magistratura e o sacerdócio, alguns homens ilustres, embora nenhum com características de gênio – exceção, talvez do Barão de Cotegipe<sup>48</sup>, um dos maiores estadistas do Império. Mas este, ao que parece, com sua pinta de sangue negro. Por outro lado poderiam colher-se exemplos numerosos, entre Wanderleys autênticos – entre os mais louros e cor-de-rosa – de degenerados pelo álcool. Nas palavras do povo “Não há Wanderley que não beba (...)” (FREIRE, 2002, p. 272).

Uma observação que se pode fazer sobre as características físicas de Julia Wanderley, ao analisar suas fotos (mesmo em preto e branco), é que seus traços não são fiéis ao “louro e cor-de-rosa” holandês; as imagens mostram uma pele clara, mas os cabelos e olhos são escuros. Erven (1945, p.10) assim descreve seu físico, “sonhadora aos 16 anos, esguia, morena, elegante (...)”. A poetisa paranaense Helena Kolody, ao se referir à origem da professora (fidalga por parte dos Wanderley), faz uma menção romântica (mas que possibilita muitas interpretações...) de sua “moreneza”:

Para que existisse Julia Wanderley, foi necessário que viesse João Mauricio, Príncipe de Nassau, e trouxesse, em sua comitiva, um certo fidalgo chamado Gaspar Wanderley e, ainda, foi necessário que uma parte da numerosa descendência desse primeiro Wanderley se disseminasse pelo Brasil e misturasse o tipo ruivo de sua fidalguia com a doce moreneza brasileira (KOLODY, apud PILOTTO, 1975, p.8).

---

<sup>48</sup> João Mauricio Wanderley, o Barão de Cotegipe, Presidente do Conselho de Ministros do Brasil de 1847 a 1889, membro do Partido Conservador, foi co-autor da Lei do Sexagenário ou Lei Saraiva-Cotejipe, que garantia a liberdade dos escravos com mais de 60 anos, lei promulgada em setembro de 1885.



FIGURA 4 - A JOVEM JULIA WANDERLEY  
FONTE: ERVEN (1945, p. 11)

Segundo Erven, o pai de Julia Wanderley (que é referido como Augusto, por distração do autor ou por erro de impressão):

(...) seguiu a regra geral dos catarinenses de antanho: tentou, na adolescência a carreira do mar. Viajou como piloto toda a costa sul. Abandonou, contudo a vida marítima. Vocação artística indisfarçável, dedicou-se Augusto (sic) Guilhermino à profissão de pintor-operário. Mas não se delimitou aos misteres do ofício. Fez arte. A Catedral de Curitiba, um poema de pedra em linhas góticas, teve nele um dos seus decoradores.<sup>49</sup> E a decoração da sé-metropolitana da cidade-tinguí não é obra medíocre. Sabia o inteligente dar valor à cultura. Prezava, no seu alto valor, o trabalho mental. O prosador, para ele, não era um vadio; nem um psicopata o poeta. Esmerou-se por isso na educação da prole (ERVEN, 1945, p. 18-19).

---

<sup>49</sup> Na Catedral Metropolitana de Curitiba, não foi possível verificar a documentação existente sobre as obras e os artistas que deixaram suas marcas nesta construção. Na seção Nostalgia, da **Gazeta do Povo**, de 26 de julho de 2009, p. 14, Cid Destefani, afirma que nos registros da construção da Catedral de Curitiba, não aparece, entre os nomes dos artistas que pintaram a igreja, o nome do pai de Julia Wanderley (DESTEFANI, 2009, p.14).

O pai de Julia Wanderley é descrito por Erven como um homem de grande mobilidade geográfica e mental, que estava sempre na busca de algo prazeroso, de liberdade, com um toque de artista. David Carneiro, em seu artigo de 1974, no jornal **Gazeta do Povo**, faz questão de relatar que Julia Wanderley, “começou por estudar com seu genitor que era pintor em Ponta Grossa [onde ela nasceu]. Passou a morar em Curitiba e aqui viveu como comerciante, proprietário da Casa Verde, no centro da cidade” (CARNEIRO, 1974, p.5). E Carneiro reforça a influência que o pai de Julia Wanderley teve sobre a personalidade da filha, quando escreve no mesmo artigo: “As qualidades anímicas mais notáveis de D. Julia eram a organização e decisão herdadas, sobretudo de seu pai (...)” (CARNEIRO, loc cit).

Em setembro de 1985, David Carneiro, em outra matéria do jornal **Gazeta do Povo** reforça a figura do pai de Julia Wanderley como inspirador da personalidade desbravadora da professora Julia:

De seu pai que foi lutador e decidido herdou as qualidades de caráter: decidida coragem e organização. Seu nome era Afonso Guilhermino Wanderley (...) fez-se comerciante e dono da Casa Verde, com seu comércio proporcionou possibilidades à família, permitindo a filha os estudos que pôde realizar (CARNEIRO, 1985, p.5).

A ênfase na figura do pai de Julia Wanderley, como quem muito influenciou a sua conduta, e vocação, é bastante acentuada por Carneiro. A organização da professora, característica supostamente herdada de Affonso Wanderley, foi, também, rememorada por outras pessoas. Segundo a ex-aluna Maria Nicolas, Julia Wanderley era “ordenada em todos os seus atos, pode-se dizer que era disciplinada militarmente” (NICOLAS, 1977, p. 182). Entretanto, eram nas coleções que sua organização se revelava de maneira particular. Coleções de fotografias (várias fotos supostamente tiradas pela própria professora) e postais, de selos, de recortes de jornais e até de pedaços de tecidos de roupas “para o Julinho”.



FIGURA 5 - COLEÇÃO DE SELOS DE JULIA WANDERLEY  
ACERVO: MUNESP/ SBEE

A professora também organizou e encadernou coleções das revistas **Fon-Fon** e **Careta**<sup>50</sup>, além de arquivar desenhos, santinhos e mais fotografias, recortes, etc, que eram colados no seu Livro íntimo ou Diário. Eram lembranças nítidas de uma vida, testemunhos de uma existência. Através de suas coleções e de breves escritos, Julia Wanderley se mostra, mas de maneira peculiar, a que ela própria foi moldando para ser observada por seus familiares, amigos, alunos, admiradores e, principalmente por seu filho. Ela determinará, indiretamente, um papel a ser assumido por Julio Petrich: o de guardião da memória, materna e familiar, alguém, que de acordo com Schapochnik (1998, p. 460), faz um papel que se “assemelha ao de um duble de arquivista, que reúne e atribui uma ordem de pertinência ao acervo”.<sup>51</sup>

Além da organização que Julia Wanderley teria supostamente herdado de seu pai, outras características atribuídas a Affonso Guilhermino Wanderley

<sup>50</sup> **Fon-Fon** foi uma revista brasileira publicada no Rio de Janeiro em 1907, idealizada pelo escritor e crítico de arte Gonzaga Duque. Seu nome era uma onomatopéia ao barulho produzido pela buzina dos automóveis. Tratava dos costumes e notícias do cotidiano, circulou até 1958. A revista humorística **Careta** circulou entre 1908 e 1960. Foi criada no Rio de Janeiro por Jorge Schmidt.

<sup>51</sup> Julio Petrich da Costa continuará a colecionar fotografias de sua família, de Curitiba, do Paraná, etc., revivendo uma prática de sua mãe. Várias imagens feitas e/ou colecionadas por ele estão expressas na Casa da Memória de Curitiba e constam no acervo de Julia Wanderley.

foram ressaltadas como a de bom profissional e homem espirituoso, além de republicano:

O Capitão Affonso Guilhermino Wanderley, natural de Florianópolis-S. Catharina, onde nasceu em 1852 [ou 1850] (...). Foi no início da vida, piloto em navio de propriedade de um seu tio. Desembarcou em Antonina, ainda em tenra idade, pois contava com 18 annos. Foi habil pintor, profissão que exerceu toda sua vida. Foi sócio fundador do Club Republicano de Curityba. Era geralmente estimado pelo espirito jovial e chistoso (NEGRÃO, 1929, p. 609).

Francisco Negrão, o único que escreveu com mais detalhes sobre o pai de Julia Wanderley e atribuiu a ele a patente de Capitão, valoriza sua habilidade como pintor, enaltece sua ação política e destaca sua característica jovial, de uma pessoa divertida, ou seja, “chistosa”. Sobre Julia Wanderley existe uma menção breve, algo protocolar, relacionada a sua alegria. Na **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia), a professora Celina Nogueira relembra, “(...) notavamos em seu semblante a alegria, nunca esmorecendo na luta pela vida” (NOGUEIRA, apud MACEDO, et al.1918, p.14). Seria a professora uma pessoa “chistosa” no espaço privado? Comportamento que pouco condizia com o das mulheres consideradas respeitáveis, essa forma extrovertida e espirituosa de ser não poderia coexistir com a da mulher pública, professora, morigerada; tal atributo não era o que se pretendia destacar. Como escreveram Maluf e Mott (1998, p.368), uma senhora das primeiras décadas do século XX deveria saber conservar um ar modesto e uma atitude séria quando transitasse pelos espaços públicos, pois a todos deveria impor respeito.

Entretanto outra característica atribuída ao pai de Julia Wanderley a de ser “hábil” pintor, ou seja, de competente naquilo que fazia, na atividade que exercia, foi identificada em sua filha em muitos textos escritos sobre a professora. De acordo, por exemplo, com seu ex-colega da Escola Normal, Lourenço de Souza, Julia Wanderley:

(...) no exercicio de sua nobilima profissão foi incomparável: dedicação acendrada e competencia excepcional, eis o preluzente aspecto da Preceptora excelsa. (SOUZA, L. apud MACEDO, et al. 1918, p.13)

O pai de Julia Wanderley faleceu em 1910 (oito anos antes da morte da filha), quando ela contava 36 anos, estava casada e tinha o seu filho Julio. É preciso considerar as palavras de Jacques Le Goff, que concorda com Marc Bolch quando ele afirma “os homens são mais filhos de seu tempo que de seus pais”, mas acrescenta que é possível ser mais preciso: “com o seu tempo e com o tempo de seus pais” (LE GOFF, 2002, p.28). No caso da personagem histórica Julia Wanderley essas influências se entrecruzam e se confundem.



FIGURA 6 - TÚMULO DO PAI DE JULIA WANDERLEY  
COLEÇÃO JULIA WANDERLEY  
ACERVO: CASA DA MEMÓRIA DE CURITIBA

Quanto ao pai de Julia Wanderley ser mencionado por Francisco Negrão como sócio fundador do Clube Republicano de Curitiba, <sup>52</sup> Romário Martins (1995, p.402-403) escreve que foram dois os clubes republicanos fundados no Paraná no final do século XIX, um em Paranaguá e outro em Curitiba, e apresenta dados da Ata da primeira reunião do Clube Republicano da capital

---

<sup>52</sup> Foi no contexto de desestabilização das bases do Império que, em 1870, se fundou o primeiro Partido Republicano, propondo o fim da monarquia, e entra em cena um novo grupo de intelectuais, artistas, políticos e militantes, a chamada “geração 70”, comprometida com uma plataforma de transformação das estruturas políticas do Império, que consideravam “ossificadas” (SEVCENKO, 1998, p. 13-15).

da Província, ocorrida no dia 22 de novembro de 1885. Entre os 30 sócios que assinaram a lista de presença estava Affonso Guilhermino Wanderley. Na mesma reunião foi feita eleição para constituição da Comissão de Estatuto, todos os presentes, em princípio, eram candidatos, portanto, poderiam ser votados. Affonso Wanderley não obteve votos.

Apesar de “jovial” e “chistoso”, ou por isso mesmo, e embora fizesse parte deste grupo que aspirava uma reorganização política, o prestígio de Affonso Guilhermino Wanderley parece que não era muito grande. É provável que se ele tivesse expressado publicamente o desejo de não ser votado, isto possivelmente, constaria da Ata. Mas, deixando estas considerações de lado, o que se sabe é que Affonso Wanderley, assim como mais da metade dos 30 sócios que estavam na reunião, não receberam votos. Ele, portanto, não estava sozinho. Entretanto, é interessante notar que os eleitos (assim como os outros homens que foram votados por seus correligionários <sup>53</sup>) tinham sobrenomes portugueses – grupo populacional dos ‘tradicionais da terra’. Foi declarado presidente Eduardo Mendes Gonçalves e secretários Ernesto Lima e Francisco Carvalho de Oliveira.

Independente da maior ou menor inserção de Affonso Guilhermino entre os republicanos de Curitiba, suas ideias e o exemplo de um republicano militante em casa certamente marcariam a vida de Julia Wanderley, educada tanto para o mundo interior, doméstico quanto para dar uma contribuição externa para a sonhada pátria republicana, combinando na medida exata o desembaraço com o recato e a modéstia (TRINDADE, 1996, p. 14).

Esse tipo de educação pode ser sutilmente percebido quando Julia Wanderley já professora escreveu para o jornal **A República** (órgão do Partido Republicano Paranaense, que circulou de 1886 a 1930<sup>54</sup>), de 25 de novembro de 1899, expressando sua opinião sobre o livro **História do Paraná**, recém

---

<sup>53</sup> Obteram votos 11 senhores: Lourenço Marins Viana (7), José Leandro Rocha (1), José Correia de Freitas (4), João Capela (3), Lúcio Pereira (5), Manoel Magalhães (1), José Costa (1), Urbano Carrão (3), Ernesto Lima (13), Francisco Carvalho (10), Dr. Eduardo Gonçalves (17) (MARTINS, 1995, p. 403). Já nos tempos republicanos, Affonso Guilhermino Wanderley foi convidado pelo Juiz de Direito da 2ª Vara da Comarca de Curitiba para ser jurado da cidade (**A República**, 11/11/1901, p. 3).

<sup>54</sup> Nas bibliotecas pesquisadas, onde existe o acervo do jornal **A República**, estão faltando vários números (anos inteiros) do periódico.

lançado por Romário Martins. Ela havia recebido um exemplar do próprio autor, que fora seu colega quando estudou no Colégio Curitibano. Julia Wanderley elogia Martins desembaraçadamente, mas procura mostrar, ao mesmo tempo, modéstia e humildade, como era praxe na época, não se esquecendo de nomear o autor de “cidadão”, pois em tempos da recém instalada república este tratamento era popular e muitíssimo bem-vindo.

Illustre cidadão Romario Martins.  
Saúdo-vos.

Accusando o recebimento de um exemplar da *Historia do Paraná*, importantissimo livro de que sois autor, cumpre-me o grato dever de, summamente penhorada, agradecer-vos a preciosa offerta.

Conquanto falleça-me em absoluto a necessaria competencia para, sobre este trabalho emitir opinião, tomo todavia a ousada deliberação de, *á vol d' oisseau*, fazer aqui a minha apreciação sobre a sua importancia e utilidade (**A República**, 25/11/1899, p.1, grifos da autora).

Sobre a relação de Julia Wanderley com intelectuais curitibanos, como Romário Martins, Erven afirma que:

Dotada de senso político informado pelo seu indisfarçável interesse na evolução coletiva, d<sup>a</sup> Julia freqüentava, com assiduidade, os líderes do eleitorado paranaense. Político algum deixou de ouvi-la, nem – muita vez – de considerar suas previsões. Acertava sempre. Dedicava-se, outrossim ao estudo das questões econômico-financeiras (ERVEN, 1945, p. 28).

É preciso lembrar que na pequena Curitiba do final do século XIX, com 50.124 moradores,<sup>55</sup> não seria muito difícil a convivência entre pessoas de relativa cultura. No caso de Julia Wanderley é preciso destacar que, filha de pai artista e republicano, que não havia obstaculizado seus estudos, frequentadora da Escola Normal, a professora seria notada, assim como foram, em proporções variadas, algumas de suas contemporâneas, como a escritora e também professora Mariana Coelho (mesmo que isso não significasse

---

<sup>55</sup> De acordo com a tabela de crescimento populacional do Paraná, 1854-1920, em 1900 o Estado tinha 327.136 habitantes e um quinto da população residia em Curitiba (MAGALHÃES, 2001, p.32).

afinidade de pensamento ou contato explícito entre essas mulheres).<sup>56</sup> O que chama a atenção no texto de Erven é a acentuada importância que dá as opiniões de Julia Wanderley que, segundo ele, “acertava sempre”. A professora é apresentada com uma intuição acurada e como uma cidadã perfeita.

Mas, voltando alguns anos no tempo e retomando a trajetória da família de Julia Wanderley, ficamos sabendo que a futura professora chegou a Curitiba em 5 de outubro de 1877, em companhia de seus pais e avós maternos, indo residir no Cajuru,<sup>57</sup> área que na época era tida como pouco valorizada e distante do centro da cidade. Não há registros sobre os motivos que impulsionaram a transferência da família de Ponta Grossa para Curitiba, provavelmente os Wanderley mudaram em busca de melhores condições de trabalho e de vida. Um ano após a transferência da família, a avó de Julia Wanderley faleceu, a 16 de outubro de 1878, com 56 anos de idade (MACEDO, apud MACEDO, et al., 1918, p.4).

Em outubro de 1879, a família de Julia Wanderley muda-se do Cajuru para o centro de Curitiba, ou seja, para a ‘cidade’, a área considerada urbana naqueles dias. De acordo com Costa e Digiovanni (1991, p. 41), desde o início do século XX, a categoria ‘centro’ estava atrelada a moradia das camadas médias e da elite local, os ‘curitibanos’, grupos que identificavam e confundiam centro com a própria ‘cidade’. A mudança da família de Julia Wanderley pode ter sido resultado de uma ascensão econômica ou da tentativa de maior inserção social.

Próximo de completar 7 anos, em 1881, Julia Wanderley começa a sua vida de estudante, num período em que Curitiba se desenvolvia, se urbanizava, graças à riqueza proporcionada pela exportação da erva-mate e pela

---

<sup>56</sup> Mariana Coelho nasceu em Sabrosa, Portugal, em 1873 e chegou a Curitiba em 1892. Dedicada ao magistério, fundou o Colégio Santos Dumont para o sexo feminino. Posteriormente foi diretora da Escola Profissional República Argentina (antiga Escola Profissional Feminina). Foi poetiza e prosadora. Ligada ao feminismo, conduziu na imprensa paranaense intensa campanha em defesa dos direitos da mulher. Faleceu em 1954 (TRINDADE, 1996, p. 63).

<sup>57</sup> Cahajurú, palavra de origem indígena que quer dizer “boca ou entrada da mata”, apareceu em 1681, numa petição de terras no caminho de Yuberaba (atual caminho do Itupava), no sítio chamado de Cahajurú (**A Regional desejada – etapa de planejamento**: Cajuru, CIC e Matriz, 2007, p. 7). No acervo de fotos e postais de Julia Wanderley há o registro deste local nos seus primórdios (**Coleção Julia Wanderley** – CMC).

exploração da madeira que, além de ser matéria-prima das barricas usadas para acondicionar e vender o mate, era usada em casas e, alguns anos depois, para a fabricação de móveis. De acordo com a brochura **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia) os seus primeiros passos no ensino formal seguiram o seguinte caminho:

Matriculou-se na escola de D. Arminda do Couto em 3 de julho de 1881. Matriculou-se nas aulas da cadeira de D. Iria Muricy a 5 de maio de 1884, passando para a Escola Oliveira Bello a 28 de setembro de 1884. Matriculou-se no Collegio Coritibano dirigido pelo Professor Nivaldo Braga a 19 de novembro de 1885. Passou para o Collegio Saldanha em setembro de 1886, tendo prestado exames parciais, tanto neste collegio como no do professor Nivaldo, sendo em ambos aprovada plenamente (MACEDO, apud MACEDO, et al., 1918, p.4).

A família de Julia Wanderley, segundo Erven (1945, p.19), possibilitou que ela frequentasse aulas de bons professores e os melhores educandários da época, o que pode ter representado um significativo gasto familiar. Reproduzindo alguns dados que estão na **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia), Erven afirma: “coube a honra de guiar-lhe os primeiros passos a D<sup>a</sup> Arminda do Couto, em cujo curso particular foi Julia matriculada (...). Ouviu-lhe as aulas durante 3 anos. Passou depois para o curso da Prof<sup>a</sup> Iria Luz Muricy” (1945, p. 20).<sup>58</sup> Chama atenção a forma como o biógrafo tradicional inicia o parágrafo: “coube a honra de guiar-lhe os primeiros passos (...)”. Uma frase de efeito ou deferência sincera com a professora? Não importa, o significativo é lembrar que um mito é construído de muitos detalhes e essas palavras fazem parte destes detalhes.

Em 5 de maio de 1884, já próximo dos 10 anos de idade, por 4 meses, Julia Wanderley será aluna de D<sup>a</sup> Iria Luz Muricy, “esposa do benemérito Capitão médico José Cândido da Silva Muricy” (Erven, 1945, p.20), que foi deputado provincial atuante, agraciado com várias comendas, um dos fundadores do Museu Paranaense (NEGRÃO, 1929, 190-191). Em 28 de

---

<sup>58</sup> Na biografia de Erven, este afirma que Julia Wanderley começou seus estudos em 3 de julho de 1879, e na **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia), há a informação que seus estudos começaram em 3 de julho de 1881. Portanto há divergências quanto à data de início da vida estudantil da professora Julia. Esta pesquisa se pautará pela informação retirada da **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia), por ser a partir dos 7 anos a data mais provável para as crianças começarem seus estudos regulares naquela época.

setembro de 1884, Julia Wanderley passou para a Escola Oliveira Bello, mas ficaria poucos meses na instituição, e em novembro de 1885 foi matriculada no Colégio Curitibano, considerado um “colégio de grande tradição didática” (Erven, 1945, p. 20). O diretor era Nivaldo Teixeira Braga, ex-professor público, que abandonou o emprego para organizar seu próprio estabelecimento de ensino. Braga fundaria também, em 1887, a **Revista Paranaense** primeiro periódico ilustrado da Província (MARTINS, 1995, p.VI).<sup>59</sup> Seu método de ensino, pelo menos de acordo com o que ficou marcado na memória dos curitibanos do início do século XX, mesclava disciplina e estímulo à busca do conhecimento.

O professor Nivaldo Braga procurava estimular os alunos, collocando-os nos bancos escolares de acordo com a sua aplicação ou seu merecimento. No seu tempo, a sciencia pedagogica não havia banido das aulas, o regime do castigo corporal: a palmatoria e a vara de marmello eram tão indispensaveis na escola, como o quadro negro, os bancos ou carteiras. Entretanto, o professor Nivaldo que não abandonava a vara de marmello, (...) não era um desses mestres-escola que julgavam mais importante a função de castigar do que a de ensinar. (...) Não se cingia as velhas normas de pedagogia: procurava despertar a curiosidade dos alunos, devassando novos horizontes (**Diccionario Histórico e Geographico do Paraná**, 1928, p.468).

Neste moldes Julia Wanderley cresceu, educada informal e formalmente com ideias embasadas pela configuração de um país republicano e de estados independentes e fortes econômica e culturalmente. Esses ideais que valorizavam a educação, a ordem e a ciência acompanhariam Julia Wanderley em sua formação escolar desde os primeiros anos e, inclusive graças as escolas que frequentou e os colegas que teve.

Entre os alunos do Colégio Curitibano, onde Julia Wanderley estudou, estavam pessoas que se tornariam personalidades históricas no Paraná, tais como Sebastião Paraná que, entre outras atividades, foi docente e diretor do Ginásio Paranaense, Superintendente Geral do Ensino, escritor e político (deputado estadual) influente no Estado; editor da revista **A Escola** e fundador

---

<sup>59</sup> O Colégio Curitibano, estabelecimento de ensino secundário, tinha frequência mista de alunos, muito embora separassem os meninos das meninas. Era subvencionado pelo governo (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001, p. 61).

do jornal **A Tribuna**<sup>60</sup> e Luiza Cândida Saldanha que, em 23 de novembro de 1884, se tornou a primeira mulher da Província a receber diploma de professora normalista, embora sem participação presencial na Escola Normal, mas por ter prestado “exames vagos” perante uma banca.<sup>61</sup> Julia Wanderley conheceria e manteria contato com os dois. Entre fotografias e postais guardados por Julia Wanderley se encontra a foto de Luiza Saldanha, com a seguinte dedicatória no verso: “Julia offereco-te o meu retrato. Conserva-o como uma recordação do nosso feliz tempo de collegas. São Paulo, 6-1-1906. Luiza Saldanha” (**Coleção Julia Wanderley - CMC**).



FIGURA 7 - LUIZA SALDANHA  
COLEÇÃO JULIA WANDERLEY  
ACERVO: CASA DA MEMÓRIA DE CURITIBA

Entre as pessoas que estudaram com Julia Wanderley no Colégio Curitibano estavam: Romário Martins, escritor, que também foi político e jornalista; Ermelino de Leão, deputado, escritor e memorialista; João David Pernetta, político paranaense e escritor; Artur Martins Franco, engenheiro, deputado estadual e federal, e um dos organizadores da Universidade do

---

<sup>60</sup> Sebastião Paraná nasceu em Curitiba em 1864 e faleceu em 1939. Foi também redator dos periódicos **O Município** e **A República**. Dirigiu o Museu Paranaense e a Biblioteca Pública do Paraná e pertenceu ao Centro de Letras do Paraná. Publicou as obras: **Corografia do Paraná**, **Galeria Paranaense** e **O Brasil e o Paraná**. Foi um dos fundadores da Sociedade Espírita do Paraná (**Memória da Federação Espírita do Paraná no seu centenário, 1902-2002**, 2002, p.12). Sobre as possíveis relações de Julia Wanderley com o espiritismo, veja o Capítulo 2.

<sup>61</sup> Lei n. 777, de 9 de outubro de 1884. Autoriza o Presidente da Província a mandar admitir D. Luiza Cândida Saldanha, aluna do Colégio Curitibano, a exame vago das matérias de pedagogia e metodologia, e expedir-lhe, no caso de aprovação, diploma de normalista (MIGUEL, 2000, p.280).

Paraná de 1912 (CAROLLO, 1995, p. IV-V; MARTINS, 1995, p.83-84; 108-109).

Julia Wanderley expandiu seus horizontes ao deixar de vivenciar apenas o que ocorreria no ambiente privado, algo que, pouco a pouco, as jovens mulheres das chamadas “boas famílias” começavam a fazer. Como afirmam Maluf e Mott (1998, p. 368-369), essas moças “princiaram a se aventurar sozinhas pelas ruas da cidade para estudarem, abastecerem a casa ou para suprir outras necessidades pessoais ou familiares”.

Retomando a trajetória escolar da futura professora normalista, em setembro de 1886 Julia Wanderley vai estudar no Colégio Saldanha e, um mês depois, em 18 de outubro de 1886 passa a ser aluna do Colégio Santa Luiza, no qual ficaria por quase dois anos. Prestou exames parciais<sup>62</sup>, isto é, de algumas cadeiras (ou disciplinas), tanto neste Colégio quanto no do Professor Nivaldo, sendo em ambos aprovada “com distinção” (ou seja, como o(a) melhor aluno(a) entre os que prestaram exame na mesma data e cadeira(s)). Julia Wanderley matriculou-se em 21 de junho de 1888 no Colégio Nossa Senhora da Glória, estabelecimento de grande prestígio, que apenas perderia seu lugar de destaque em Curitiba quando foram criados os colégios de Mme. Mariette, Mme Talouis e Mrs Brand, “que prenunciavam o gosto cosmopolita que iria predominar na educação das senhoritas paranaenses na virada do século” (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001, p.62). Julia Wanderley prestaria seus exames finais no ainda prestigiado Colégio Nossa Senhora da Glória, dia 28 de dezembro de 1888, e foi aprovada com distinção. (MACEDO, apud MACEDO, et al., 1918, p. 4). Estava apta para frequentar o ensino secundário.

Mas, apesar das distinções e aprovação final, uma questão se impõe. Por que Julia Wanderley mudava tanto de escola? Seria por incompatibilidade com a metodologia aplicada? Pelo pequeno número de alunos (de ambos os sexos), o que inviabilizaria a manutenção da turma? Seria o pequeno número de alunas para continuar uma turma feminina? Seria por que Julia Wanderley era uma pessoa doente desde a fase escolar e tinha dificuldade em acompanhar as aulas regularmente? Seriam dificuldades financeiras, que

---

<sup>62</sup> Exame parcial era a realização de avaliação, ou seja, de exame de uma cadeira (hoje diríamos disciplina ou matéria), isto significava que o aluno não tinha concluído uma série ou grau, mas apenas havia sido aprovado em uma disciplina.

inviabilizavam o pagamento dos estudos quando particulares? As fontes silenciam sobre este assunto.

David Carneiro, no jornal **Gazeta do Povo**, de setembro de 1985, escreveu que Julia Wanderley, “era filha de gente modesta e trabalhadora, que desejava ascender na vida” (CARNEIRO, 1985, p.5). O pai de Julia Wanderley era um comerciante em ascensão, e sua família não pertencia às famílias tradicionais do Paraná. Como um morador do centro da cidade, frequentador dos círculos republicanos, Affonso Guilhermino possivelmente tinha ambições sociais, econômicas e até artísticas, mas isto não significa que a família tenha tido as mesmas facilidades das pessoas mais ricas de Curitiba, mesmo assim Julia Wanderley prosseguiu nos estudos.

Por volta dos 15 anos de idade, em 1889, Julia Wanderley começa seus estudos secundários no Colégio Nossa Senhora da Glória e, a partir de setembro, estuda também com o professor Justiniano de Melo e Silva. Em 6 de dezembro de 1889 retira-se do Colégio Nossa Senhora da Glória, passando a frequentar apenas as aulas do professor Justiniano de Melo e Silva que tinha ótima fama como educador, também foi deputado e jornalista no Paraná (MACEDO, apud MACEDO et al., 1918, p.4; ERVEN, 1945, p.20).

Iniciou Julia Wanderley o curso secundário, em 15 de outubro de 1889, com um sábio, reconhecido como uma das maiores culturas da América: o prof. Justiniano de Melo e Silva. Foi sempre, ao que *parece*, a aluna predileta do grande sergipano (ERVEN, 1945, p.20, grifo do autor).

É interessante perceber a ênfase que Erven procura dar a Julia Wanderley, como sendo a “aluna predileta” do “sábio” professor, apesar de se valer da expressão “ao que parece”, que mesmo resguardando o autor do texto de possíveis contestações, colabora para a construção da memória da futura professora como alguém excepcional, alguém que além de estudar com “uma das maiores culturas da América”, pode ter sido sua aluna preferida. Os estudos secundários de Julia Wanderley com o professor Justiniano de Mello e Silva não duraram um ano, pois em junho de 1890, ela começa a estudar com o professor Francisco Guimarães e um mês depois passa para o Colégio do professor Miguel Schleder (MACEDO, apud MACEDO et al., 1918, p.4).

Nesse período em que Julia Wanderley estudava com diversos professores, Curitiba crescia, graças, principalmente, à riqueza gerada pela erva-mate. Os serviços urbanos foram aprimorados, o governo cuidou da limpeza pública (especialmente do centro), da água e do esgoto; realizou a arborização das principais ruas da cidade e instalou a iluminação pública (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001, p.66). Nesse contexto a educação ganhou ênfase, segundo proposta do recém instalado governo republicano era urgente ampliar a instrução primária e para que esta mudança ganhasse em eficiência, era preciso valorizar a Escola Normal e atrair pessoas que estivessem dispostas a seguir uma profissão que não era das mais rendosas. Entretanto a questão da presença de mulheres com homens na mesma escola que formaria professores era questão polêmica, gerando debates que haviam se acirrado nos últimos tempos do Império, inclusive no Paraná (LOPES; MARTINEZ, 2007, p.63-64).<sup>63</sup>

Foi nesse contexto que Julia Wanderley tornou-se uma jovem mulher, conseguiu autorização para com outras senhoritas, frequentar as aulas do curso da Escola Normal e organizou uma escola particular poucos meses antes de formar-se professora normalista, em 1892. Nos anos seguintes seria nomeada professora em escolas públicas, mesmo período em que sua escola particular deixaria de funcionar.<sup>64</sup>

Em 1º de outubro de 1895, com 21 anos, a professora casa-se com Frederico Petrich,<sup>65</sup> em cerimônia realizada na Catedral Metropolitana de Curitiba (Ferrante, 1974, p.2). Nas palavras de Erven (1945, p.21), Julia Wanderley era uma “católica esclarecida” e podia discutir “todos os ramos do conhecimento”, inclusive os relacionados à filosofia (especialmente teodicéia), e debater com padres e professores.

Vários são os cartões com santos impressos, os conhecidos ‘santinhos’, que estão fixados no Livro íntimo ou Diário de Julia Wanderley. O primeiro

---

<sup>63</sup> Conforme afirmava o Presidente da Província do Paraná em 1888, a Escola Normal, “funcionando como está juntamente com o Instituto Paranaense [masculino] não há como esperar-se que ela seja frequentada por alunas” (apud MOACYR, 1940, p. 344).

<sup>64</sup> Sobre Julia Wanderley profissional da educação, veja o Capítulo 2.

<sup>65</sup> Frederico Petrich faleceu em Curitiba, no dia 2 de maio de 1935, 17 anos após o falecimento de Julia Wanderley, sua única esposa (FERRANTE, 1974. p. 11). A foto emoldurada de Julia Wanderley que ainda no início do século XXI se encontra no hall de entrada do Colégio Estadual Tiradentes, foi doada por Frederico Petrich.

deles é o de Santa Ana, em que a mãe de Nossa Senhora é retratada com a Virgem Maria ainda menina. Segundo a Igreja Católica, Santa Ana é a mãe das mães, muitas vezes representada com um livro, ensinando Maria a ler. Mulher-mãe-professora, a imagem de Santa Ana é emblemática e a opção de Julia Wanderley por guardar esse 'santinho', o primeiro fixado no Livro Íntimo ou Diário, é muito significativa.



FIGURA 8 - SANTA ANA, MÃE DE MARIA  
FONTE: JULIA WANDERLEY: ESCRITOS, ... [19-], p.3

Julia Wanderley vai ganhando contornos singulares, por vezes exagerados: podia discutir “todos os ramos do conhecimento”, segundo as palavras de Erven, mas ele também reforça, além da cultura, saber e eficiência profissional, a ideia de uma Julia Wanderley com coração generoso, cristão, defensora (com inequívoco aspecto maternal) das causas sociais.

O interesse pela classe operária, externado em colaborações realmente maternas, a defesa das causas da criança, os trabalhos literários que inspirou o seu catolicismo esclarecido, impressionam a qualquer observador. Se Julia ocupou o mais alto posto na educação paranaense deve, indubitavelmente, à delicadeza do seu espírito, talagarça de ideias alcandorados (ERVEN, 1945, p.23).

Pouco a pouco a configuração da mulher-mãe que “ocupou o mais alto posto na educação paranaense”, ganhou contornos que perduram no tempo. Mas, a história da trajetória de conquistas das mulheres no campo profissional, não pode ser concebida sem a história das representações, decodificações de imagens e dos discursos existentes no imaginário e na norma social sobre elas.

Julia Wanderley teve um percurso de vida considerado feminino na época. Até a idade com que casou, 21 anos, não está fora dos padrões observados na região no final do século XIX. Conforme aponta Balhana (2003, p.67) nas famílias alemãs e italianas que se estabeleceram em Curitiba desde o final do Oitocentos, “a idade média da mulher se casar foi de 21,5 e dos homens de 24,5, enquanto a idade modal situou-se aos 20 para as mulheres e 22 e 23 para os homens”. É muito interessante perceber como era estigmatizada uma solteira na época em que Julia Wanderley era jovem:

(...) si são feias, a bondade do character deveria compensar as imperfeições da natureza, si são bonitas, seu infortunio [ser solteira] deve estar baseado em mais graves causas (**A República**, 18/10/1899, p. 2).

Em pesquisa sobre as mulheres do sul do Brasil, Joana Pedro (2004, p. 308), observou a situação das moças casáveis no final do século XIX, e concluiu que o “mercado matrimonial” era restrito, retardando ou impossibilitando um casamento de muitas moças. Para a maioria dos homens, o casamento era um incômodo (responsabilidades extras, restrições sociais, etc.), e casavam o mais tarde possível. A situação mudava para as moças da elite sociopolítica e ricas herdeiras, que tinham, desde muito jovens, tantos pretendentes quanto suas posses.

Conhecendo um pretendente aprovado pela família, casar o mais rápido possível talvez fosse uma garantia de não ficar “solteirona”, especialmente quando não se era rica herdeira ou da elite, como Julia Wanderley. Mas uma mulher “com estudo” se casaria se não fosse com alguém próximo do seu mundo? Possivelmente não, e Frederico Petrich tinha um perfil próximo ao de Affonso Guilhermino Wanderley, inclusive quanto à origem, pois ambos não eram membros de famílias portuguesas, as primeiras que povoaram a região: Wanderley de ascendência holandesa, Petrich de ascendência alemã.

Com o casamento a professora passou a se chamar Julia Augusta de Souza Wanderley Petrich (**Um olhar para o futuro**, 2005, p.6). David Carneiro chama a atenção para o fato do pouco se falar sobre o marido de Julia Wanderley, “seu marido era entalhador, e chegou a possuir loja de molduras. Mas dele se fala pouco (ao lado de sua ilustre esposa) que é como se apagasse (pela nulidade de sua influência) ou pela inferioridade, em brilho e em atuação altruísta” (CARNEIRO, 1974, p.5).

Sobre Frederico Petrich, Francisco Negrão (1929, p. 613) afirmava que um era “capitalista”. Erven (1945, p.14), assim se refere ao marido de Julia Wanderley: “foi-lhe devotado esposo o Sr. Frederico Petrich, escultor gaúcho. Tornou-se capitalista”. Erasmo Pilotto (1974, p. 3), escreve que Petrich foi um “entalhador, que se constitui em comerciante com bem equipada casa de molduras, que era de propriedade de seu sogro, conhecido estabelecimento da rua XV, a Casa Verde. Tais atividades deram-lhes independência econômica. Por isto passava a ser apontado como capitalista.” No jornal **Gazeta do Povo**, em matéria de 2009, Cid Destefani, relata que Frederico Petrich “deu continuidade à fábrica de molduras do sogro, no que foi muito bem sucedido economicamente” (**Gazeta do Povo**, 26/07/2009, p.14).

Dia 5 de janeiro de 1902, o jornal **A República** publicou o seguinte anúncio da Casa Verde, já propriedade de Frederico Petrich:

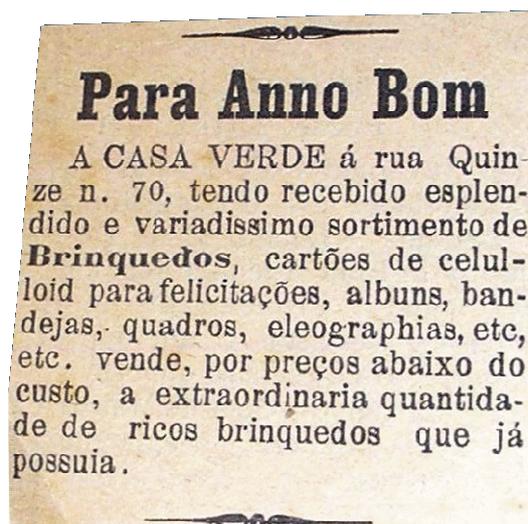


FIGURA 9 - PARA ANNO BOM  
FONTE: **A REPÚBLICA** (5/01/1902, p. 2)

É possível deduzir que Frederico Petrich não era uma pessoa de grandes posses e recebeu ajuda da família de Julia Wanderley para melhorar economicamente sua vida e da família que constituiu. Ele se assemelhava ao pai de Julia Wanderley, inclusive no que se refere a profissão, e soube utilizar as redes de sociabilidade da família republicana de Julia Wanderley. As propagandas e notas sobre a Casa Verde publicadas no jornal **A República**, são um exemplo da manutenção dessas relações.<sup>66</sup>

Frederico Petrich foi um trabalhador, um comerciante bem sucedido, entretanto na construção do mito Julia Wanderley, sua figura fica embaçada diante daquela que se destaca: a de Julia Wanderley, suas ações como esposa-mãe-educadora a força temperada com o afeto.

David Carneiro, assim relembrou “o marido de Julia Wanderley”:

Seu marido era marceneiro e entalhador. Montou uma loja de molduras, e teve uma vida bastante regular, admirador de sua esposa, cujas idéias e atitudes seguia *irrestritamente*, marcado pela dominante personalidade de sua mulher (CARNEIRO, 1985, p.5, grifo meu).

Diferentemente do habitual, Frederico Petrich é lembrado como ‘o marido’ de Julia Wanderley, a ênfase é sobre ela, a esposa e não o contrário. Depois de casados os Petrich passaram a residir em alguns compartimentos do prédio ocupado pela Biblioteca Pública do Paraná.<sup>67</sup> Morar nestes compartimentos poderia evidenciar tanto um mérito (uma subvenção) para a professora normalista, quanto indicar dificuldade financeira do jovem casal.<sup>68</sup> No início de 1902, os Petrich se mudaram para a Escola Tiradentes, pois nesta

---

<sup>66</sup> Em 1902, outros anúncios serão publicados no jornal nos dias 6 de janeiro, 29 e 30 de dezembro, além de uma nota, dia 2 de janeiro, agradecendo a oferta de uma folhinha do ano. Interessante observar que as propagandas são estrategicamente publicadas na época mais festiva do ano: natal, ano novo, dia de reis. Os anúncios de Petrich não foram encontrados em outro jornal.

<sup>67</sup> A Biblioteca Pública do Paraná, em Curitiba, foi instituída legalmente em 07/03/1857, e inaugurada oficialmente em 25/02/1859, por José Antonio Vaz de Carvahais, vice-presidente da província do Paraná. A Biblioteca funcionou a princípio em uma sala do Liceu Curitibano, depois funcionou anexa a Tesouraria Provincial. Em abril de 1872 passou a funcionar anexa ao Museu Paranaense, na Praça Zacarias, centro da cidade. Após a proclamação da república o Museu e a Biblioteca mudaram para a rua Dr. Muricy, não muito distante do antigo local (MOREIRA, 1960. p. 6-9).

<sup>68</sup> Há, de acordo com Ferrante, no **Livro próprio com recibos de vencimentos no ano de 1896**, p.107, assinatura de Julia Wanderley no verso de uma anotação do ofício nº 440, de 30-09-1896. A anotação comunicava que Julia Wanderley não teria direito a gratificação estadual paga pela conservação do edifício (da Biblioteca), visto estar residindo em compartimentos que pertenciam ao edifício que era ocupado pela Biblioteca Pública (FERRANTE, 1974, p. 3).

instituição de ensino Júlia Wanderley era professora e diretora desde 1895. A situação financeira devia ter melhorado, pois o casal contava com o auxílio de uma empregada (PETRICH, [19-], p. 14).

Mas no ano anterior ao da mudança para a Escola Tiradentes, em 1901, um acontecimento marcaria de forma indelével a vida da professora: o nascimento de Julio, o filho de sua irmã Minervina Wanderley da Costa e de Antonio Herderico da Costa que foi criado pelo casal Petrich como filho. O menino nasceu dia 1º de novembro e recebeu o nome de Julio Petrich da Costa.<sup>69</sup> Ao recordar o batizado do menino Julia Wanderley se apresenta como organizadora do acontecimento religioso.

A principio pretendi baptisal-o no dia 25 de Dezembro e depois mudei efetuando o seu baptismo no dia 18 de Maio [de 1902], consagrado a festa do Divino Espírito Santo (...). As 8 e  $\frac{3}{4}$  partimos para a Catedral (...) fomos de carro a casa do Dr. Victor do Amaral, seu futuro padrinho (...) Julinho foi baptizado pelo Conego Celso da Cunha as 9 e meia da manhã (PETRICH, [19-], p. 18).

Entretanto, Julio Petrich da Costa só passou a morar com Julia Wanderley e seu marido quando já tinha 1 ano e quatro meses.

No dia 19 de Fevereiro [de 1903] em diante [Julio] passou a definitivamente dormir em minha companhia, na cama conjunctamente com migo e com o Frederico (PETRICH, [19-], p. 31).

O que teria motivado a irmã de Julia Wanderley e seu marido a entregarem seu filho para os Petrich: Um grande amor fraternal de Minervina pela irmã? Pressão da família? Dificuldades financeiras do casal Wanderley da Costa? Por que Minervina demorou em entregar “definitivamente” a criança para a irmã: Para amamentar o menino e realizar os cuidados dos primeiros meses? Biografias tradicionais, memórias e artigos, se calam. O que se sabe é que não houve uma adoção legal, mesmo o menino sendo registrado pelo pai biológico como Petrich da Costa, ou seja, também com o sobrenome de Frederico, o marido de Julia Wanderley. Esta é uma história singular.

---

<sup>69</sup> Em alguns periódicos o menino é chamado de Julio ‘Wanderley’ Petrich da Costa, como nos jornais **A Republica** e **Diário da Tarde** de 31 de outubro de 1903. No caso do jornal **Diário da Tarde**, as três felicitações que são feitas ao menino no mesmo dia, aparecem com três formas diferentes de registro, a grafia já citada e mais Julinho da Costa Petrich e Julinho Petrich (PETRICH, [19-], p. 39).

Pouco se conhece sobre o Antonio Herderico da Costa, mas é sabido que ele conseguiu sustentar os outros filhos, entretanto, Julia Wanderley, no Livro íntimo ou Diário, quando rememora o nascimento de Julio Petrich da Costa, entre várias expressões que procuravam traduzir seus sentimentos e ações (alegre, satisfeítissima, afeto, ternura, rapidamente, precipitadamente), não se esquece de mencionar que pagou a parteira e que o rebento, que seria seu filho adotivo e herdaria não apenas seu nome, mas tudo o que fosse dela.

No dia 1º de novembro, às 7 horas da manhã recebi, pelo Affonsinho, noticia de que meu filho havia nascido. Alegre, satisfeítissima, tomei dinheiro para a parteira e rapidamente encaminhei-me para o Juvevê. Lá chegando, entrei precipitadamente, tomando então em meus braços e contemplando com estranho affecto, com infinicta ternura aquelle que havia de ser o herdeiro absoluto do meu nome e de tudo que demais caso eu pudesse por ventura possuir na existencia (PETRICH, [19-], p. 11).

Entre os recortes de jornais guardados por Julia Wanderley há um que noticia o nascimento de “Julio Petrich da Costa, filho legítimo de Herderico da Costa”; enquanto outro cumprimentava Antonio Herderico da Costa, pois “floresce[u] mais um candido lyrio que receberá o nome de Julio”. Um terceiro recorte, em que está anotado manualmente que Julio havia nascido há 17 dias, existe a mensagem: “Frederico Petrich e Julia Wanderley Petrich, têm a satisfação de comunicar-vos o nascimento do seu querido filho adotivo – Julio Wanderley Petrich da Costa”. O redator do jornal teria deduzido que o filho da professora também assinaria Wanderley? Teria sido este o nome que o casal Petrich (ou um dos dois) havia informado ao periódico? Impossível saber, mas no início das anotações do Livro íntimo ou Diário, Julia Wanderley é categórica ao registrar: “Historico do Julinho Petrich da Costa” (PETRICH, [19-], p. 9 e 11).<sup>70</sup>

Em depoimento escrito pela professora fica evidente sua dificuldade de engravidar, depois sua ansiedade, emoção e euforia por ser mãe adotiva:

Desde que em 25 de Maio de [1900] nasceu o Antoninho, filho de Minervina, perante D. Serafina Costa, Mamãe , Herderico e outros, disseram que o seu 3º filho seria meu. A elle desejava consagrar a minha existência; e elle, a esse filho que eu

---

<sup>70</sup> Estes recortes não trazem os nomes dos jornais, datas ou páginas.

consideraria enviado de Deus para minha felicidade e quem sabe si ate para bem da humanidade, eu queria dedicar todos os meus melhores affectos depositando-lhe todas as minhas mais consoladoras esperanças. Pedi a Deus um filho, a ele dirigi, suplicas, promessas. (...) No dia 28 abril de 1901, Domingo, espera da partida de Frederico para o Rio, com grande alegria tive conhecimento da existência do meu filho que já tinha vida concebida (...) meu filho, meu Julinho, meu encanto, meu amor (...) (PETRICH, [19-], p. 9).

Segundo Bassanezi (2004, p.609, 633-634), “a vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas da feminilidade. (...) Para a mulher, ser mãe e dedicar-se aos filhos, mais que um direito ou uma alegria, era uma obrigação social, a sagrada missão feminina”. A forma como Julia Wanderley, Frederico Petrich e outros membros da família resolvera’ a questão da aparente impossibilidade da professora de ter filhos está, portanto, em perfeita sintonia com a época em que viveram.

Sobre a irmã e o cunhado de Julia Wanderley, escreveu Francisco Negrão:

Minervina Wanderley da Costa, casada com o Major Antonio Herderico da Costa; foi comerciante e exerce actualmente [1929] as funcções de Chefe de Secção da Thesouraria da Municipalidade de Curityba, filho do Capitão Manoel Antonio da Costa e de sua mulher Serafina de Miranda. (...) (NEGRÃO, 1929, p. 613).

Em 1974, Osvaldo Pilotto escreveu sobre a adoção:

Não houve filhos do casal. Lamentando tal destino, D. Julia obteve de sua irmã, D. Minervina W. da Costa, casada com o Major Antonio H. da Costa, a promessa de deixar aos seus cuidados o terceiro filho que nascesse. Julio foi o sobrinho que adotou como seu filho (PILOTTO, 1974, p. 3).

Mas, Eleonora Wanderley da Costa Biscaia, filha caçula de Minervina e Antonio Herderico da Costa, quando interrogada a respeito da entrega de seu irmão Julio para sua tia Julia Wanderley afirma:

D. Julia queria o segundo filho [de minha mãe], mas mamãe não o deu. O terceiro D. Julia passou a cuidar e com ele acabou ficando. Entretanto foi registrado como Julio Petrich da Costa; mamãe não deixou o Wanderley! Mas Julia era viva! Foi tapeando até ficar com o menino! (BISCAIA, apud PUCCL, 1987, p.50).

A adoção, portanto, não foi lembrada por todos como tranquila e fraterna.<sup>71</sup> Primeiro chama a atenção a formalidade com que Eleonora Biscaia se refere a tia: “D.Julia”, depois a informação que Julia Wanderley já pretendia ficar com o segundo filho da irmã Minervina; quanto ao terceiro filho, a impressão deixada pela sobrinha é que Julio ficou com o casal Petrich graças a insistência e sagacidade da professora, que “passou a cuidar “ dele, “era muito viva” e “foi tapeando até ficar com o menino” (BISCAIA, apud PUCCI, 1987, p.50-51).

Não era algo excepcional no Brasil, até pelo menos o final do século XIX, um pai adotar como sobrenome (ou um dos sobrenomes) de um filho o sobrenome de um parente ou de um amigo que se pretendia homenagear (ou nome de um local ou até um apelido), basta uma rápida leitura dos nomes de personalidades históricas para constatar que tal costume era difundido. Por exemplo, o marido de Iria Muricy, que foi professora de Julia Wanderley, assinava José Cândido da Silva Muricy e seus pais eram Joaquim Ignacio da Silva Pereira e Joanna Francisca (ou Francisco) Pereira (NEGRÃO, 1929, p.190-191).

Teria sido apenas esta a intenção do casal Wanderley da Costa (fazer uma homenagem) quando deu ao filho, além do nome semelhante ao da tia (Julio), o sobrenome Petrich da Costa? Impossível saber. Mas, com certeza, a maneira informal, não documentada, de adotar filhos de parentes próximos era algo comum no período. Segundo relata Mauad (2002, p. 170), Pedrinho que era filho do conselheiro Pedro Luis Pereira de Souza, em suas férias de janeiro de 1890, saía da fazenda de seu pai e ia para fazenda São Francisco de seus tios maternos, que como não tiveram filhos “adotaram como sendo seu filho um sobrinho, Augusto”.

No jornal a **Gazeta do Povo**, em 2009, Cid Destefani comentando a adoção de Julio Petrich da Costa a partir de informações obtidas do próprio filho de Julia Wanderley, afirma:

Como Dona Julia Wanderley Petrich não teve condições de ter filhos, sua irmã, Minervina W. da Costa, lhe prometeu que daria o terceiro filho que nascesse. O que de fato ocorreu, em novembro de 1901. No dia 1º daquele mês nasceu um menino, que foi entregue a Dona Julia e seu marido no dia 17. O garoto

---

<sup>71</sup> Sobre processos legais de adoção, veja: Venosa, 2001, p.257-283.

foi batizado e registrado com o nome Julio Wanderley Petrich, como sendo filho do casal Petrich. Esse fato o próprio Julinho me confirmou, em entrevista quando achei que ele seria adotivo (DESTEFANI, 2009, p.14).

As informações dadas, segundo o jornalista pelo próprio filho de Julia Wanderley, não coincidem com o que a professora registrou em seu Livro Íntimo ou Diário. São três as contradições: a que Julio foi morar com o casal Petrich 17 dias após seu nascimento; que ele foi registrado também com o sobrenome Wanderley e, por fim, que o menino foi registrado como filho do casal Petrich. É interessante como, pelo menos na forma transcrita por Destefani, Julio Petrich da Costa recordou sua história inicial. Ele inclusive não teria mencionado o sobrenome Costa, marca de sua família biológica, ou Cid Destefani teria se esquecido de mencionar? As duas hipóteses são significativas, afinal o ‘esquecimento’ de um ou de outro indica o quanto a vida de Julio foi associada, por ele ou por seus contemporâneos, aos pais adotivos; o que se observa é uma “memória enquadrada”.<sup>72</sup> Julio Petrich da Costa inclusive fará uma homenagem a Julia Wanderley ao colocar em sua primogênita o nome da mãe adotiva<sup>73</sup> (seu outro filho se chamaria Luiz Gastão).

Entre o período que separa o nascimento de Julio e sua transferência para a casa dos Petrich foi intensa a presença de Julia Wanderley junto ao menino: a professora expressa de forma efusiva, até sagrada, sua satisfação pela mudança de casa da irmã e do cunhado, que tornava mais fácil e frequente seu acesso ao menino:

Satisfeitíssima fiquei com essa mudança que facilitou-me a contemplação diária de meu abençoado filho. Diariamente, a todas as horas que podia ia vel-o, contemplando-o com affecto, admirando-o com ternura a notavel intelligencia do meu amado Julinho (PETRICH, [19-], p. 14).

O Livro Íntimo ou Diário de Julia Wanderley é uma testemunha de seu amor maternal: são páginas com contornos da “mão do Julinho” – como está

---

<sup>72</sup> Memória enquadrada é um termo mais específico do que memória coletiva. Refere-se a certo enquadramento da memória de um grupo, mesmo não sendo construída de maneira arbitrária, isto é, é construída de forma específica a partir de fragmentos amplamente difundidos e que se legitimam como expressão de uma verdade (POLLAK, 1989, p. 9).

<sup>73</sup> Julio Petrich da Costa foi farmacêutico, proprietário da farmácia São Sebastião em Curitiba, casou com Aziolé Sardenberg (NEGRÃO, 1929, p.613).

registrado – com 8, com 9 e com 10 anos de idade: as marcas visíveis do crescimento do menino. Muitos desenhos e os primeiros “escritos de Julinho”. Uma coleção de pequenas amostras de tecido para roupas do menino, cuidadosamente dispostas e coladas, lado a lado, em mais de uma folha. Recortes de jornais com anúncios de médicos (Julinho poderia precisar?) e escolas (nas quais o filho poderia estudar um dia?), e também os que informam sobre o aniversário de Julio Petrich da Costa e sobre doações para instituições de caridade que o casal Petrich fazia em nome do filho, uma prática social de gente de bem.<sup>74</sup>

**FELICITAÇÕES [publicadas em diferentes números do jornal A República]**

Completa hoje 4 annos de risonha existencia o interessante Julinho, dilecto filho do nosso amigo Capitão Frederico Petriche, a quem enviamos sinceros parabéns.

O galante Julinho, filho do nosso bom amigo sr. Capitão Frederico Petriche, nos enviou um delicado cartão agradecendo nos as referencias ao seu aniversario.

Do galante Julinho W. Petriche recebemos 750 coupons de bond para a Instituição Protectora da Infância, em homenagem ao anniversario natalicio do seu estimadissimo pae sr. Capitão Frederico Petrich (PETRICH, [19-], p.38-39).

Observando um pouco mais as Felicitações guardadas por Julia Wanderley, também chama atenção a importância da figura paterna: os cumprimentos eram endereçados a Frederico Petrich (além de ao menino Julio), o nome da mãe não é mencionado. Mesmo a mãe sendo a professora Julia Wanderley o que transparece é o homem como regente da ordem familiar. Frederico Petrich (cujo perfil mais detalhado teria sido ofuscado pelo da esposa, segundo memorialistas e biógrafos tradicionais) é inclusive chamado de “Capitão”, em um período em que patentes militares eram frequentemente usadas como tradução de ascensão social (e econômica).<sup>75</sup> E mais uma vez é

---

<sup>74</sup> Segundo Schaeffer; Britto; Kleinke (2005, p.20), também existiriam neste material orientação sobre educação e estímulo ao futuro profissional de Julinho. Para realizar essa dissertação foi possível consultar apenas parte do Livro íntimo ou Diário.

<sup>75</sup> Em uma sociedade recém saída do Império, as patentes do exército nacional (que já eram utilizadas no Oitocentos), recebidas devido serviços prestados (nas forças armadas ou não) ou compradas, substituíam os títulos de nobreza, mesmo que com grau de prestígio um pouco

Julia Wanderley que nos fornece pistas do porque foi alçada a modelo para todas as curitibanas e paranaenses: era moderna (professora normalista, uma mulher culta), mas dentro dos limites femininos bem demarcados da época.



FIGURA 10 - JULIA, MARIDO E FILHO  
FONTE: JULIA WANDERLEY: ESCRITOS, ... [19-], p.47

São muitas as fotografias guardadas por Julia Wanderley que acompanham o crescimento do filho: imagens do batizado, em festas, da primeira comunhão, etc. As idades de Julio Petrich variam; algumas fotos foram tiradas pela professora, por familiares ou amigos, mas muitas foram feitas em estúdio fotográfico. Segundo Mauad (2002, p.174), no final do século XIX e início do XX, no atelier fotográfico as crianças eram aprisionadas, moldadas, pela pose, nas festas de família pelos trajes enfeitados, na escola pela disciplina dos estudos e em casa pela moral das orações e temores a Deus.

---

menor. Affonso Guilhermino é citado em alguns documentos como Capitão e Antonio Herderico da Costa, como Major. Se haviam ou não atuado nas forças armadas não sabemos.

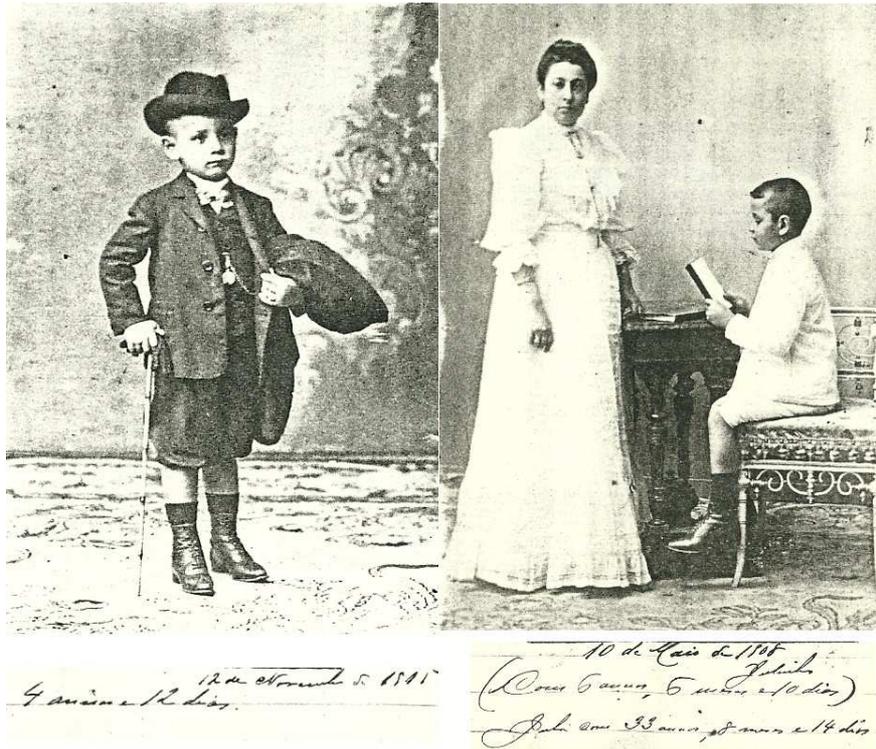


FIGURA 11 - JULIO PETRICH DA COSTA  
 FONTE: JULIA WANDERLEY: ESCRITOS, ... [19-], p.50; 65.

Essas fotografias, que estão no Livro íntimo ou Diário, chamam a atenção pela forma como Julia Wanderley valorizava tudo que se referisse ao filho Julio.



FIGURA 12 - FAMÍLIA E AMIGOS DE JULIA WANDERLEY  
 FONTE: JULIA WANDERLEY: ESCRITOS, ... [19-], p.8.

Uma dessas imagens chama particularmente a atenção, pois ela mostra a fachada da casa de madeira de Minervina e de Antonio Herderico da Costa, no bairro Juvevê, em Curitiba. Algumas pessoas estão postadas na frente do imóvel, as roupas denunciam um dia festivo, que estava ensolarado. Uma mulher está com um bebê nos braços, seria Julia Wanderley? É provável. Ao lado desta mulher está um casal, o homem segura a mão de outra criança, seriam os Wanderley da Costa? Várias jovens e um homem a cavalo (apenas para a pose da foto?) também aparecem, e um outro homem ocupa o primeiro plano da fotografia, abrindo a cena. Na foto está escrito “Julio Petrich da Costa, 17 de novembro de 1901”.

Como o menino nasceu dia 1º de novembro, a data da fotografia coincide com a publicação, em jornal de Curitiba, de nota enviada pelo casal Petrich comunicando o “nascimento de seu querido filho adotivo” (PETRICH, [19-], p.11). E 17 de novembro de 1901 também é a data que, segundo Destefani, Julinho “foi entregue a Dona Julia e seu marido (...)” (DESTEFANI, 2009, p.14). Seria Frederico Petrich o homem que está em primeiro plano na fotografia, comemorando e, como chefe de família, ‘apresentando’ seu filho adotivo? O menino poderia até ficar mais tempo com os Wanderley da Costa, mas já seria considerado filho dos Petrich? Suposições. A fotografia para Schapochnik (1998. p. 459), constitui o vestígio de alguma coisa que realmente existiu, mas que não pode ser tida como a imagem exata do ocorrido.

Ao longo dos anos o que transparece é a preocupação e o cuidado de Julia Wanderley em registrar a trajetória de vida de Julio Petrich, a dela própria e de sua família, para o próprio filho e, também, para a sociedade. A fotografia utilizada para solenizar e eternizar momentos da vida particular, familiar ou social, foi um artifício muito utilizado por Julia Wanderley inclusive para reforçar o seu lugar de memória<sup>76</sup>. Para Schapochnik (1998. p. 433), o colecionador culmina a paixão individual pela propriedade privada, o que pode ser convertido em fuga apaixonada, refúgio “em meio a objetos que são também narcísicos do eu.”

---

<sup>76</sup> Lugares de memória pertencem a dois domínios: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos a mais sensível experiência e, ao mesmo tempo sobressaindo da mais abstrata elaboração. Com efeito, nos três sentidos da palavra: material, simbólico e funcional simultaneamente. (NORA, 1981, p. 21)

Mas, além de fotografias de Julio Petrich e seus familiares, Julia Wanderley possuía uma coleção de fotos e postais que registravam a vida cotidiana e os momentos considerados excepcionais do período que viveu em Curitiba. Essas imagens concorrem para a localização social da família em um tempo específico. Captam transformações da urbe (praças, monumentos, etc), eventos artísticos, homenagens públicas e festas (religiosas ou não). De acordo com Schapochnik (1998, p. 440), desde o século XIX este hábito de tudo registrar, colecionar, fotografar era “um verdadeiro culto da aparência exterior, com vistas a qualificar de antemão cada indivíduo”.

Assim o hábito de colecionar de Julia Wanderley estava em sintonia com uma época em que as jovens, além de lerem romances no silêncio de seus quartos, escreviam diários e, como afirmou Perrot (2005, p.37-39), colecionavam “mil nada” que recordassem momentos especiais: flores secas, bibelôs, lenços, etc. (Julia Wanderley também tocava piano, como toda menina ou moça prendada). Mas, entre os biógrafos tradicionais e memorialistas da professora, este hábito ganhou ares de diferenciação, algo que a singularizava. Até hoje Julia Wanderley é lembrada pelas coleções que organizou.

É preciso lembrar que, no final do século XIX e início do XX, ser ‘civilizado’, como os franceses e europeus em geral, significava maior presença feminina (e registro desses momentos) em acontecimentos da vida social (CORBIN, 1991; D’INCAO, 2004), e foi o que a organizada professora Julia Wanderley fez como várias outras mulheres de seu tempo fizeram de forma mais ou menos sistemática e diversificada. Material, sem dúvida, rico de informações, caprichosamente organizado durante anos (inclusive com doações), não se pode deixar de considerar as coleções de Julia Wanderley como elemento do mito da mulher/mãe/professora, ordeira, dedicada e pioneira dos ‘novos tempos’. Julia Wanderley, segundo Erven, teria sido a tudo que interessasse a sua terra, ao “progresso surpreendente” do Paraná.

Amiga de sua terra e compreendedora de sua gente colecionava d. Julia, com carinho, recortes e fotografias. Critério adotado: tudo que pudesse interessar à história do Paraná. Guardam seus álbuns aspectos da campanha do Contestado, inaugurações, sedes de serviço públicos, personalidades, reuniões políticas, paradas militares, desportivas, escolares, cívicas, etc., tudo, enfim que poderá

servir de verificação da marcha de nosso progresso surpreendente (ERVEN, 1945, p. 26).

Outra característica destacada como própria da personalidade de Julia Wanderley, é a de eficiente administradora, tanto no ambiente público como professora e diretora, como no ambiente privado, sendo inclusive lembrada como responsável pelo projeto e supervisão das obras de sua casa, construída na Praça 19 de Dezembro, na área central de Curitiba.

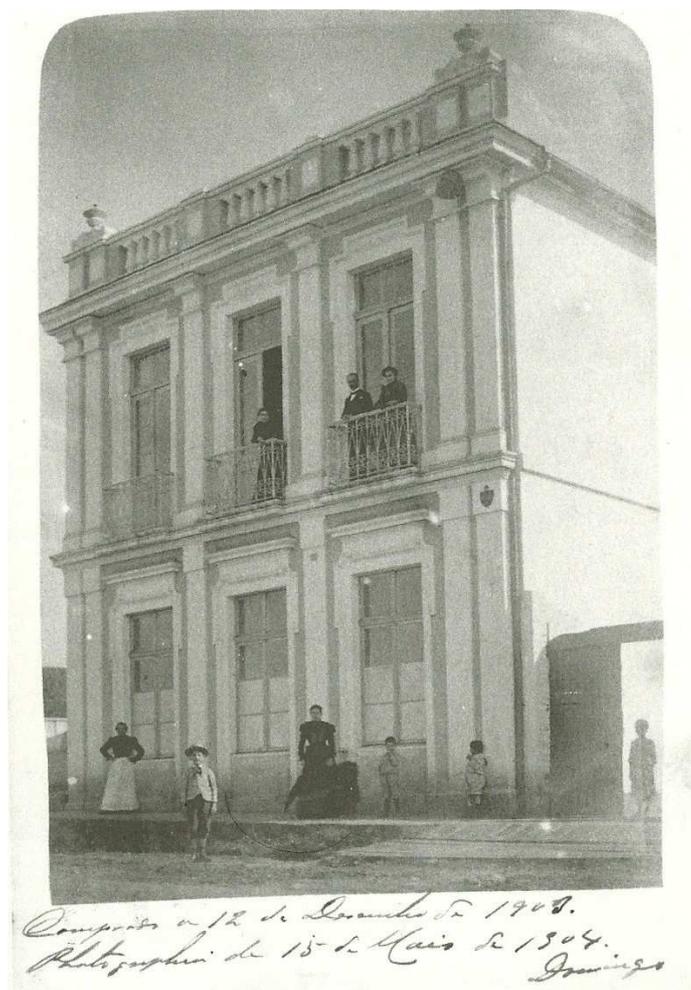


FIGURA 13 - SOBRADO DA PRAÇA 19 DE DEZEMBRO  
COLEÇÃO JULIA WANDERLEY  
ACERVO: CASA DA MEMÓRIA DE CURITIBA

No final do século XIX e início do XX, como ressalta D' Incão (2004, p.230), a mulher era a responsável pelos cuidados com o marido, com os filhos e pelas atividades relacionadas ao espaço doméstico, entretanto é preciso considerar que a mulher poderia ter outros afazeres, "se o lar, o marido e os filhos fossem com isso beneficiados", como assinalou Almeida (1998, p. 32-33).

E é dentro desta perspectiva que o feito de Julia Wanderley foi elogiado e valorizado.

Quando os Petrich resolveram construir sua casa, na Praça 19 de Dezembro, quem projetou foi Dona Julia, assim como administrou as obras. Depois de pronta, a residência era visitada inclusive por engenheiros que, curiosos, queriam ver a perfeita solarização idealizada pela mestra. Dizem os que conheceram a casa, que esta era a mais perfeita existente na cidade em termos de aproveitamento de luz solar. Atualmente não existe mais, em seu local foi construído um edifício (DESTEFANI, 1972, p.13).

Supor que a professora tenha orientado o projeto da casa e administrado sua construção para conter gastos ou para que tudo ficasse como ela de fato queria, não é algo desproporcional. A família Wanderley Petrich mudou-se para o imóvel em maio de 1904 (quando deixou de residir nas dependências da Escola Tiradentes). Em 1905 e 1909 há indícios que a família tenha adquirido outros imóveis, porém não se sabe se lá moraram ou não. Ou apenas adquiriram novos imóveis como investimento? Em outubro de 1909, há indícios sobre a compra de outro imóvel, o qual ficou com eles até janeiro de 1911. Há também o registro do projeto de uma casa para Frederico Petrich na rua Barão do Serro Azul (que começa na praça 19 de Dezembro) datado de 3 de outubro de 1912, sendo engenheiro responsável Adriano G. Goulin. Não há informação sobre a realização da obra (**Documentos Julia Wanderley-** CMC). Muitas aquisições podem indicar que as condições financeiras da família tinham melhorado progressivamente.

Lendo os textos de biógrafos tradicionais e memorialistas escritos sobre Julia Wanderley desde o início do século XX, é possível perceber como o episódio rememorado por Destefani em 1972, sobre o projeto e supervisão das obras da casa da Praça 19 de Dezembro, ganhou detalhes e destaque ao longo das décadas, reforçando uma imagem de Julia Wanderley que a aproxima muito mais das mulheres dos tempos em que os comentários foram escritos do que propriamente da época na qual a professora viveu ou foi rememorada por seus contemporâneos. Julio Negrão, por exemplo, ao escrever sobre a professora em 1929 sequer menciona o fato de Julia Wanderley ter auxiliado decisivamente na construção da casa, o mesmo aconteceu com Herbert Munhoz van Erven na biografia que escreveu sobre a

professora em 1945. Mas, nos anos 1970, marcados pela exacerbação do movimento feminista (que havia ganhado contornos especiais na década anterior), pela inserção social, política e profissional mais vigorosa das mulheres de classe média, 'atualizar' o mito, sem desvirtuá-lo, foi fundamental.

<sup>77</sup> De acordo com Outhwaite e Bottomore (1996, p. 470), mito não se relaciona a um espaço e a um tempo determinado, mas tem 'elementos' que o fazem ser 'atual' ou atualizado de maneira recorrente.

Julia Wanderley faleceu no dia 5 de abril de 1918, com 44 anos. Em sua certidão de óbito está como causa da morte neoplasma pelviano, atestado firmado pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral, um dos profissionais mais renomados de seu tempo, médico e amigo da família de Julia Wanderley.

Quando a professora faleceu seu filho tinha aproximadamente 17 anos. Segundo Destefani (1972, p.13) o "espírito de organização da professora Julia Wanderley foi demonstrado até na hora da morte". Atacada por um câncer uterino, sentindo o seu fim próximo, teria dividido suas jóias e outros pertences, fazendo recomendações ao marido e ao filho sobre a quem destinar cada objeto. O sepultamento de Julia Wanderley foi realizado no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, em Curitiba, dia 6 de abril de 1918.<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup> Em escrito sobre as damas do século XII, Georges Duby mostrou como os textos sobre essas mulheres, encomendados e escritos por homens, informam muito mais sobre a época de sua redação do que sobre 'verdades' históricas da vida daquelas mulheres e que, justamente por isso, esses escritos têm inestimável valor para o historiador (DUBY1997, p.55-56).

<sup>78</sup> No **Livro n. 45 do Registro Civil de Óbitos**, folha 118, consta o sepultamento de Julia *Vanderleia* Petrich (grifo meu), na quadra 22, quadra que os funcionários do local não sabem em que lote e rua ficam. O marido de Julia Wanderley, Frederico Petrich está sepultado na quadra 26, lote 11, rua 2 e ao lado do seu túmulo, existe um medalhão em homenagem a Julia Wanderley. Ficam as questões: Onde estariam de fato os restos mortais de Julia Wanderley? Sepultados juntos com os de Frederico Petrich? Será falha na administração burocrática do cemitério, ou se perdeu no tempo o registro exato de onde estão os restos mortais de Julia Wanderley? Sobre a singular situação de corpos 'desaparecidos', veja o que relata Magda Ricci sobre o Regente Feijó, em Ricci, 2001, p.73-78.



FIGURA 14 - MEDALHÃO DE JULIA WANDERLEY AO LADO DO TÚMULO DE FREDERICO PETRICH ACERVO PRÓPRIO (2008)

Sua morte foi noticiada por jornais curitibanos e do Paraná e, em um desses periódicos, o **Comercio do Paraná**, Sebastião Paraná, faz uma homenagem a Julia Wanderley:

Sei que ela vive. Bem sei que não morreu.  
Nada morre. Nada se perde no universo...

Viverá para sempre na memória da avultada  
geração que ela norteou...

paira como uma lampada, como um fanal,  
como uma estrela fulgurante na constelação do  
magistério público paranaense

Motivo porque desfolho goivos de saudades e  
beijo reverencioso o sepulcro que se fechou  
hontem tufado de flores, ao som lugubre da  
surdina elegíaca de saudades imarcescíveis”.

(PARANÁ, apud FERRANTE, 1974, p. 13)

No **Diário da Tarde**, de 6 de abril de 1918, também houve uma homenagem do escritor Raul Gomes para Julia Wanderley:

A sua obra foi grande, o seu trabalho imenso, este Paraná novo e forte, cheio de esperanças e fadado para rutilos destinos, deve-lhe muito (...). Vá, na palidez destas linhas, a nossa saudade imensa dessa fulgurante mulher que, em qualquer terra do mundo, andaria ombro a ombro com as mais insignes educadoras da infância! (GOMES, 1918, p.1)

O jornal **A República**, do dia 6 de abril em homenagem a Julia Wanderley divulgou um relato da sua vida estudantil e profissional<sup>79</sup>, bem como exaltou a tristeza pela sua morte:

(...) perda irreparável da *mulher excepcional* (...) a *mais notável mestra* (...) espírito feminino, (...) educadora patricia, cuja morte deploramos e cuja memoria ficará eternamente aureolada pela saudade e gratidão dos paranaenses. (**A REPÚBLICA**, 06/04/1918, p. 2, grifo meu)

Em meados de 1918, foi divulgado pelos jornais de Curitiba que amigos, “admiradores” e ex-alunos que tinham destaque na cena sociopolítica, cultural e educacional da cidade estavam organizando a publicação de uma brochura em homenagem a Julia Wanderley. Depois de publicado o material foi enviado aos jornais da Capital e foi divulgado amplamente. É inegável que esta brochura, nomeada **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia) exerceu papel relevante na configuração e no enquadramento da memória da professora Julia Wanderley.

#### POLYANTHEA

Os professores de Curityba vão publicar uma polyanthéa em homenagem a memoria de sua d, Julia Wanderley, no trigésimo dia do fallecimento da distincta professora paranaense (**Julia Wanderley**: escritos, ... [19-], p.154).

#### D. JULIA WANDERLEY

Recebemos a polyanthea referente a fallecida professora, cujo nome encima estas linhas. Merecida homenagem de seus collegas, amigos e admiradores.

Colaboraram nesse feixe de flores as seguintes pessoas: d. Annette Macedo, dr. Victor do Amaral, Sebastião Paraná, dr. F. R. de Azevedo Macedo, Raul Gomes, L. de Souza, Celina Nogueira, James Macedo, dr. Enéas Marques, V. de Souza, Sanito Rocha, Stella Soler. Traz em seguida notas diversas e termos de visitas assignados por autoridades escolares. E' excellente o trabalho material, feito nas officinas typographicas dos srs João Haupt & Comp. Agradecemos estimada offerenda (**Julia Wanderley**: escritos ..., [19-], p.154).

---

<sup>79</sup> Este relato foi muito utilizado na obra bibliográfica de Erven (1945) sobre Julia Wanderley.

As homenagens impressas seriam complementadas ao longo dos anos por discursos e inaugurações de monumentos, bustos, medalhões e retratos da professora. Escolas receberam o nome Julia Wanderley. Em 1973, a Academia Feminina de Letras do Paraná escolheu Julia Wanderley como patrona de sua 2ª cadeira. Pilotto (1975, p.8) afirma que a primeira a ocupar tal cadeira foi a poetisa Helena Kolody, que na ocasião de sua posse fez comentários sobre a professora. Pilotto relembra as palavras da poetisa:

Em seu discurso de posse, [Helena Kolody] a ilustre nova acadêmica disse da vida de D. Julia, com afirmações cantantes, pelo seu talento poético, com observações e sabedoria, pelas suas qualidades de cultora da Ciência da Educação.

- Há vidas – abre assim [Kolody] o seu discurso – que são clarões de incêndio: apagam-se e logo são esquecidas. Outras brilham no fulgor que se reflete para além do nosso olvido. Assim brilhou a vida de Julia Wanderley Petrich.

[Helena Kolody] as virtudes [da professora] exalta, mostrando as novas gerações quem foi e o que representou, ao seu tempo, Julia Wanderley Petrich para a escola paranaense (PILOTTO, 1975, p.8).

Na Academia, “feminina” é preciso frisar, o que é exaltado em última instância é um modelo de feminilidade, virtuosa, sábia nas questões de educação. E o mito é atualizado, vivificado. Orioux, (1994, p.45), chama a atenção sobre o olhar que o biógrafo deve ter sobre a personagem histórica pesquisada, afirmando que, não devemos lhe coroar de rosas, mas também não podemos lhe coroar de espinhos. É inegável que Julia Wanderley marcou a história paranaense, especialmente a de Curitiba, da virada para o século XX, pela forma como, mantendo os padrões ideais femininos do período contribuiu em um tempo que isto era socialmente cada vez mais desejado para ampliação do espaço de formação e atuação da mulher no magistério.

Para Pilotto (1975, p.8), Julia Wanderley mereceria ser apresentada para as novas gerações por sua importância para escola paranaense. Podemos perguntar: Como foi a prática pedagógica da professora Julia Wanderley, e como e por que teria marcado com tanta relevância uma época? Estas e outras indagações serão discutidas no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO 2

### JULIA WANDERLEY: FORMAÇÃO DOCENTE E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, (...) este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, [e] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.

Maurice Halbwachs



## 2.1 NORMALISTA

Para um historiador, conhecer totalmente o seu biografado é impossível, mas se esta pessoa marcou uma época, e ainda marca a sociedade em que viveu como Julia Wanderley, fica para o pesquisador a curiosidade e a paixão por desvendar pelo menos as marcas e reflexos que esta pessoa deixou; investigar como se construiu e se reconstrói a memória em torno do seu sujeito de pesquisa. Segundo Erven (1945, p.31), lembrar Julia Wanderley seria sempre “uma honra para os seus conterrâneos”. Uma lembrança permanente que estaria alicerçada sobre uma Julia Wanderley expoente profissional da educação: normalista, professora e diretora escolar.

Julia Wanderley nasceu na segunda metade do século XIX, o século que herdou o otimismo iluminista e os ideais da revolução francesa. Uma época em que a confiança na renovação e transformação do mundo fortaleceu a ideia de progresso e a valorização da ciência e da educação, que adentraram o século XX.<sup>80</sup>

Julia Wanderley vivenciou esse período que, no Brasil, foi marcado pelo paulatino crescimento urbano e industrial que, ao mesmo tempo, oferecia ao homem maior diversidade de trabalho e apontava para a necessidade urgente de ampliar a escolarização primária da população. As mulheres se ocuparam desta tarefa, cada vez mais atrelada à noção de continuidade do cuidado infantil (próprio das mulheres) e menos atrativa para o sexo masculino, devido aos baixos salários e pouca valorização social. Desta forma, a partir do final do século XIX, uma profissão que era quase exclusivamente masculina, foi se tornando cada vez mais feminina (LOURO, 2004, p.449-450; ALMEIDA, 2004, p. 44).

O empenho de Julia Wanderley para participar de forma presencial, junto com rapazes do curso da Escola Normal estava, portanto sintonizado com uma mentalidade que entendia o magistério primário como função feminina e que percebia a educação da população como parte fundamental dos “alicerces

---

<sup>80</sup> Sobre as transformações ocorridas no século XIX e início do século XX, entre outros, ver HOBBSAWM, 2007.

da sociedade moderna, garantia de paz, de liberdade, de ordem e do progresso social, elemento de regeneração social” (SOUZA, 1998, p. 26).

Na família de Julia Wanderley, o magistério já era opção conhecida, para homens e mulheres, mas, no caso dos homens, algumas vezes temporária, provavelmente exercida nos dias piores ou como apêndice de outra atividade mais lucrativa. Um tio e uma tia, irmãos da mãe de Julia Wanderley exerceram a profissão docente: “Antonio de Souza Xisto, professor publico aposentado, natural de Ponta Grossa, casado com Julia Correia da Silva Xisto (...). Florinda de Souza Xisto, natural de Ponta Grossa, professora publica aposentada, casada com o Capitão José Antonio Lopes” (NEGRÃO, 1929, p. 209).

Dois irmãos de Julia Wanderley também exerceram o magistério, mas não como única profissão. Jocelyn Wanderley (casado com a também professora Donayde Carmeliana de Miranda Wanderley) abandonou o magistério para se dedicar ao ramo industrial e Affonso Guilhermino Wanderley Junior (casado com Cecília de Albuquerque Bello Wanderley) foi também advogado, jornalista e, segundo Osvaldo Pilotto, ainda “militou na política catarinense, tendo sido deputado federal pelo estado vizinho” (NEGRÃO, 1929, p. 614; PILOTTO, 1974, p.3).<sup>81</sup>

No final da década de 1920 os dois irmãos Wanderley eram assim descritos.

Jocelym de Souza Wanderley, foi professor publico em Rio Negro, Lapa, Morretes, Ponta Grossa e nos arrabaldes de Curityba; hoje é proprietario e industrial no Rio de Janeiro, onde reside (...). Dr. Affonso Guilhermino Wanderley Junior, diplomado pela Escola Normal de Curityba. Foi professor publico em Ponta Grossa. Fez concurso para uma cadeira da Escola de Aprendizes Marinheiros. Foi estagiario na Escola Modelo de Marinheiros na capital Federal, na Ilha das Cobras, serviu nas Escolas de Aprendizes de Paranaguá e Florianópolis. Possuidor de força de vontade, mesmo já sendo casado e com tres filhos, matriculou-se na Escola de Direito da Universidade do Paraná, conseguindo formar-se em ciencias jurídicas e sociaes em 1925, depois de um curso brilhante. Milita na imprensa desde a mocidade (NEGRÃO, 1929, p.613-614).

---

<sup>81</sup> Os outros irmãos de Julia Wanderley, segundo a **Genealogia Paranaense**, eram: Minervina Wanderley da Costa (casada com o Major Antonio Herderico da Costa); Maria da Luz Wanderley; Arthur de Souza Wanderley (faleceu criança); Arthur de Souza Wanderley (funcionário da prefeitura de Curitiba, casado com Joanina Perelles); Walfrido Wanderley e, Alcides de Souza Wanderley (mestre alfaiate da 'A Curitybana', casado com Escolástica Macedo) (NEGRÃO, 1929, p. 609-614).

As transformações do final do Oitocentos que, em Curitiba como em outras localidades brasileiras, fazia o magistério de primeiras letras ser uma atividade cada vez mais feminina, tornou a docência primária uma extensão da maternidade, na qual cada aluno deveria ser visto como um filho espiritual da professora. O magistério era cada vez mais representado como uma profissão de amor, de entrega e doação. Julia Wanderley, como outras moças de sua época, por convicção na importância da educação e/ou por necessidade financeira, aproveitou o espaço profissional representado pelo magistério, espaço cada vez mais reconhecido e valorizado socialmente como próprio da mulher 'de bem', que poderia assim colaborar com a família, no sustento da casa, e com a sociedade, através da educação dos futuros cidadãos.<sup>82</sup>

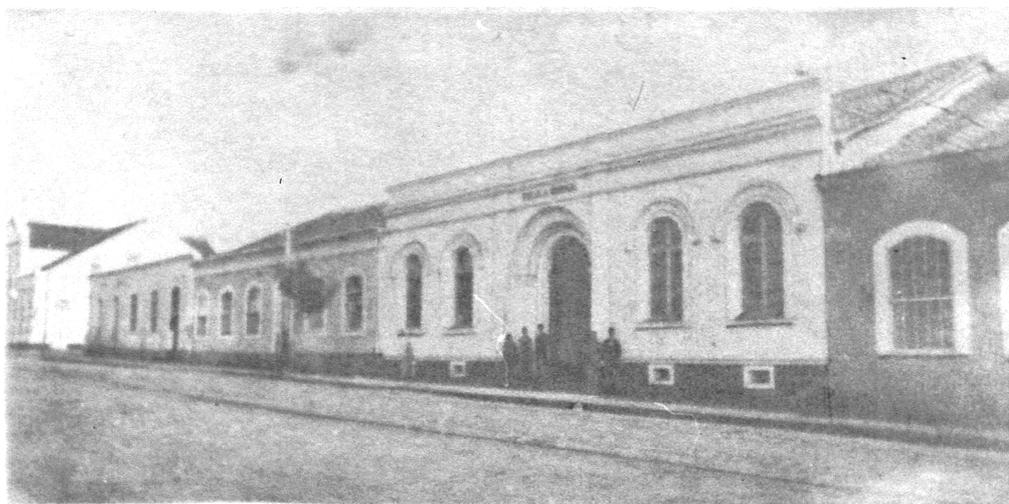
Mas, a precária formação dos professores preocupava os intelectuais e era item de pauta de governantes desde o século XIX. A criação, em 1835, da primeira Escolar Normal brasileira, a Escola Normal da Corte (em Niterói), foi uma tradução desta preocupação. Entretanto, os debates e propostas sobre o tema formação de professores e as diversas mudanças pelas quais passaram as escolas normais no Brasil, foram muitas vezes mais pautados por disputas políticas do que por intenções educacionais (VILLELA, 2000).<sup>83</sup> Em Curitiba, o presidente Adolfo Lamenha Lins, na década de 1870, depois de avaliar como precária a situação da instrução pública do Paraná propõe a criação de um Curso de Preparatórios ou Estudos Propedêuticos associado a uma Escola Normal, a primeira de Curitiba. Os cursos, anexos foram instalados oficialmente dia 12 de abril de 1876, pela Lei nº 456, a direção geral ficou sob a responsabilidade do professor João Pereira Lagos, na época Diretor Geral da Instrução Pública. Entre os professores da instituição o responsável pelas

---

<sup>82</sup> Cada vez mais o magistério será atrativo para moças da classe média, mas não foi sempre assim, as primeiras mulheres professoras formadas eram de origem humilde, pobres, que tinham poucas chances de casar e não possuíam uma família que as amparasse na idade adulta e na velhice.

<sup>83</sup> A partir de 1834, com a aprovação do Ato Adicional, foi transferido para as províncias o encargo de prover a administração do ensino primário e secundário. Não tardaram a surgir numerosos problemas, de difícil solução, pois eram derivados de várias causas, entre elas: a deficiência do número de escolas, professores sem habilitação adequada, salários baixos, indiferença dos pais pela instrução dos filhos, escolas mal instaladas e desprovidas de materiais básicos, baixa frequência dos alunos (solicitados para ajudar os pais), falta de fiscalização efetiva e ausência de Escolas Normais para promover a formação dos professores (em 1840, havia apenas duas Escolas Normais no Brasil, uma em Niterói e outra em Salvador) NISKIER (1995, p. 146-147).

cadeiras de Pedagogia, Religião e Gramática Filosófica, nos três primeiros anos, foi Justiniano de Mello e Silva, afastado da instituição em 1879, com alguns colegas, “por razões legais” (STRAUBE, 1993, p.27-28). O professor Mello e Silva que, segundo Erven (1945, p.11), tinha ideias socialistas, deu aulas para Julia Wanderley em sua escola particular entre 1889 e 1890, neste último ano voltou a ser professor da Escola Normal, ensinando Pedagogia e Português (STRAUBE, 1993, p. 37, 43).<sup>84</sup> Seria apenas coincidência, ou ter sido aluna de Mello e Silva facilitou a efetivação da pretensão que Julia Wanderley tinha de frequentar as aulas da Escola Normal?



*Antigo edifício da Escola Normal do Estado inaugurado em fevereiro de 1876 pelo Dr. Lamenha Lins.*

FIGURA 15 - PRIMEIRA ESCOLA NORMAL DE CURITIBA<sup>85</sup>  
COLEÇÃO JULIA WANDERLEY  
ACERVO: CASA DA MEMÓRIA DE CURITIBA

Segundo a memória construída sobre o empenho de Julia Wanderley em efetivar sua matrícula na Escola Normal como aluna presencial, ela recorreu, entre o final de 1890 e início de 1981, ao então Diretor Geral da

<sup>84</sup> O que um homem de ideias socialistas ensinaria sobre religião? Quais eram efetivamente as ideias professadas por Justiniano de Mello e Silva? O tema socialismo será retomado nas próximas páginas.

<sup>85</sup> Escola onde Julia Wanderley estudou. Pode se observar suas anotações na foto, “Antigo edifício da Escola Normal do Estado, inaugurada em [?] 1876 pelo Doutor Lamenha Lins. De 16 de Fevereiro de 1891 a 21 de Novembro freqüentei as aulas deste estabelecimento”. Este prédio atendeu Escola Normal e ao Ginásio Paranaense (antigo Instituto) até 1904, localizado na rua Aquidaban, atual rua Emiliano Pernetta (STRAUBE, 1993, p. 23).

Instrução Pública,<sup>86</sup> que também era Diretor do Instituto (depois Ginásio) Paranaense e da Escola Normal, Monsenhor Alberto José Gonçalves, para que este interferisse junto ao governo do Estado para autorizar sua frequência.<sup>87</sup> Sobre este fato, Raul Gomes escreveu:

Hoje que ha escolas publicas e particulares em abundancia; hoje que existem palácios providos de optimos professores gratuitos; hoje que não aprende a menina que não quer, ninguém avalia a serie de tropeços com que as moças luctavam para estudar outrora (GOMES, apud NEGRÃO, 1929, p. 610).

Mas, é preciso considerar que mulheres e homens já frequentavam juntos as aulas da Escola Normal da Corte desde 1880 e que os debates sobre a atuação feminina no magistério primário e sua formação para tal atividade eram temas correntes. Em sintonia com essas discussões e necessidades, o governo paranaense havia aprovado em 1882 o **Regulamento do Instituto Normal e de Preparatórios da Província do Paraná** que previa a participação de ambos os sexos nas mesmas aulas da Escola Normal,<sup>88</sup> o que não significa que as mulheres tenham ocorrido ao estabelecimento, mas sinalizava uma possibilidade de estudo (se e até que ponto o **Regulamento** vigorou não é o fundamental neste caso), poucos anos antes da proclamação da República. Assim, as propaladas 'grandes dificuldades' de Julia Wanderley para ingressar na Escola Normal podem ser amenizadas.

---

<sup>86</sup> Entre 1890 e 1891 a função era denominada Superintendente Geral do Ensino Público, em 1892 o nome mudou para Diretor Geral da Instrução Pública (STRAUBE, 1993, p.128). Monsenhor Gonçalves, que exerceu a função nesse período de transição, em declaração feita em 1925, refere-se à atividade que exerceu como Diretor [Geral] da Instrução Pública e assim será feito nesta dissertação (GONÇALVES, 1925).

<sup>87</sup> As funções de direção do Instituto (depois Ginásio) Paranaense e da Escola Normal e de Superintendente Geral do Ensino Público ou de Diretor Geral da Instrução Pública (o nome variou ao longo dos anos, dependendo das mudanças legislativas sobre a organização do ensino) foram exercidas pela mesma pessoa de meados da década de 1870 até 1916 (STRAUBE, 1993, p.128-130). O depoimento completo do Monsenhor Alberto José Gonçalves está transcrito no Capítulo 3.

<sup>88</sup> Cf.: Lei nº 712, de 30 de novembro de 1882, aprova o **Regulamento do Instituto Normal e de Preparatórios da Província do Paraná** (apud MIGUEL, 2000, p.252-270) No Capítulo Único, Art. 1º, determina: "fica instituída na Província do Paraná uma Escola Normal destinada ao preparo de professores e professoras de instrução primária e secundária" (...) (p.254). O Capítulo V, Art.33 afirma: "a frequência das aulas é comum e simultânea aos alunos de um e outro sexo, sendo os assentos nelas dispostos em duas sessões, uma para os alunos e outra para as alunas" (p.259).

O fato de Julia Wanderley ter recorrido ao Monsenhor Gonçalves foi uma escolha certa. Membro do governo na área de educação ele também era o diretor da instituição na qual ela pretendia estudar. Um representante da Igreja Católica nesta posição indicava a força da instituição religiosa mesmo em tempos republicanos. O que evidencia a tentativa dos católicos de manter, e até ampliar, sua inserção no campo educacional (parte do ideal ultramontano)<sup>89</sup> em um período marcado por debates acalorados sobre educação/religião/ciência, que envolviam diversos intelectuais curitibanos, muitos deles agrupados sob a denominação de livre-pensadores, vários deles anticlericais (cf.: MARCHETTE, 1999; VIEIRA, 2007).

Mas, voltando aos primeiros dias da Escola Normal, em 31 de julho de 1876, primeiro ano de funcionamento da Escola, eram 6 os alunos e 5 foram aprovados. No segundo ano a frequência foi de 2 alunos e apenas 1 foi aprovado. Fato desalentador. As discussões e esforços para aumentar o número de matrículas pareciam inúteis e os gastos para a manutenção da instituição começavam a preocupar o governo (STRAUBE, 1993, p. 26-29).

O tema da boa formação do professor circulava por Curitiba, e os jornais da época, algumas vezes em meio a outras notícias ou informações, também abordavam o assunto. O jornal **Dezenove de Dezembro**, em 17 de março de 1877, publicou o Relatório que o presidente da Província, Adolpho Lamenha Lins, havia apresentado na Assembléia Legislativa do Paraná. No Relatório o presidente apontava as razões para a regulamentação que tinha promulgado em julho de 1876.

A fundação de uma escola normal assegura em futuro mais ou menos proximo a regeneração do professorado. Aggregado como se acha esse estabelecimento ao curso de preparatorios, mais facilidade encontram os respectivos alumnos em se habilitarem nas disciplinas secundarias. A economia que resulta da associação dos dois estabelecimentos, que são regidos pelos mesmos professores, e inspeccionados gratuitamente pelo director dos estudos, é secundada por uma outra conveniencia, qual a do argumento de frequencia nas respectivas aulas (...). Mandei sobrestar os concursos, emquanto não houvessem normalistas preparados (...). Assim, serão preenchidas por contrato as cadeiras que forem vagando, do sexo masculino; contrato, para o qual se exige exame de sufficiencia (LINS, 1877, p.1).<sup>90</sup>

---

<sup>89</sup> Sobre o ultramontanismo e a questão da educação, veja: CINTRA, 2005, p.13-17.

<sup>90</sup> A primeira tentativa de criação da Escola Normal em Curitiba ocorreu dia 19 de abril de 1870, com a Lei nº 238, porém não consta ter sido efetivada essa criação (continuavam os

Em meados do século XIX as cadeiras do magistério do Paraná eram de preferência regidas pelos homens, poucas reservadas às mulheres, a exemplo de Rita Anna de Cássia França,<sup>91</sup> que conseguiram instrução que lhes possibilitasse exercer o magistério, pois muitas vezes estudavam sozinhas ou, as que tinham condições financeiras, pagavam professores particulares, para depois prestarem os “exames vagos” que as habilitariam para lecionar.

Uma grande parte das mulheres brasileiras dos grupos sociais mais abastados, desde o período colonial até pelo menos início do século XIX, foi submetida a um tipo de alienação cultural.<sup>92</sup> Controladas pelos homens, herdeiras e reprodutoras de costumes portugueses, eram vistas como seres próprios para o convívio privado da família, afastadas do convívio público, a maioria delas sem qualquer instrução.<sup>93</sup> Entretanto a história dessas mulheres está longe de ser uma história apenas de clausura e passividade. Mulheres também foram formadoras dos filhos, treinadoras dos escravos e empresárias

---

professores a serem nomeados interinamente sem as provas de capacidade e de moralidade). Em 12 de abril de 1876 foi sancionada a Lei nº 456, que autorizava o governo paranaense a criar o Instituto de Preparatórios e em anexo a Escola Normal. O curso na Escola Normal foi iniciado em dia 31 de julho de 1877 e deveria durar 2 anos. Em 1882, a Lei nº 712, de 30 de novembro, que extinguiu o Instituto de Preparatórios Paranaense, manteve e reorganizou a Escola Normal. Em 1883, a Lei nº 769, de 1º de dezembro, cria o Instituto Paranaense, ficando a Escola Normal anexa a ele (STRAUBE, 1993, p. 20, 26, 27 e 33). Segundo Oliveira (1994, p.43), apenas em 1922 a Escola Normal se separou efetivamente do Instituto Paranaense.

<sup>91</sup> Rita Anna de Cássia França nasceu em Curitiba em 1810 e faleceu em 1883. Foi à primeira professora pública para meninas em Curitiba, na então 5ª Comarca de São Paulo, seu exame vago, para o cargo, até então só ocupado por homens, foi um grande acontecimento na sociedade curitibana. Candidata a cadeira de primeiras letras para o sexo feminino de Curitiba, seu exame foi marcado para o dia 1º de outubro 1833, por ser um acontecimento incomum, pois era a primeira vez que se via o nome de uma mulher concorrer ao lugar de professora pública em Curitiba (vila), e como muitas pessoas iriam assistir, decidiu-se derrubar uma das paredes da Câmara para melhor abrigar a todos. A candidata foi aprovada plenamente. Iniciando seu trabalho docente em janeiro de 1835. A segunda professora pública para meninas foi Maria do Carmo de Moraes, em 1839 e terceira foi Leopoldina Leoniza França, também em 1839. (KUBO, 1982, p.171-179) O retrato e breve histórico da vida de Rita Anna de Cássia França estão no Museu Paranaense (Curitiba), ao lado do retrato de Julia Wanderley, ambas referidas como pioneiras da educação feminina do Paraná.

<sup>92</sup> A mulher branca desde o período colonial, de acordo com Maria Odila Leite da Silva Dias, foi destinada a reproduzir e transmitir as propriedades e os símbolos da ascendência colonizadora através da cor, língua e religião. Estereótipo e valores ideológicos que têm menos a ver com a condição dos papéis sociais femininos do que com as relações de poder numa dada sociedade. Mas nem todas assumiram brandamente tais papéis, muitas tiveram papel de liderança social, como chefes de famílias lideravam clãs e alianças políticas nas localidades em que se estabeleciam (DIAS, 1984, p. 70-71).

<sup>93</sup> De acordo com Alcântara Machado, até 1627 a única mulher que sabia assinar seu nome no Brasil era a holandesa Magdalena Hobsquor, alfabetizada em seu país. Apenas em 1699 uma mulher brasileira, Leonor Góis Siqueira, instruída em solo próprio, assinou um documento público. Na época os documentos traziam a seguinte explicação pela ausência da assinatura das outorgantes: ‘por ser mulher e não saber ler’ (MACHADO, apud MONTEIRO, 1992, p.31).

ativas, administradoras eficientes de suas lavouras e propriedades. Chefes de grupos familiares exerciam papel de coesão e de harmonização para perpetuação dos privilégios do seu clã. Quando tinham dificuldades em manter suas terras, costumavam vender as fazendas e mudar-se com os filhos para vilas ou cidades, investindo em escravos de ganho, em aluguel de casas e chácaras para manter e multiplicar sua riqueza (DIAS, 1984, p.73-76).

Nesse período, as mulheres pobres, menos favorecidas social e economicamente, tinham maior autonomia: circulavam pelo espaço social público – fontes, lavadouros, ruas, praças. Muitas delas se dedicavam ao comércio ambulante, geralmente das chamadas quitandas (biscoitos, bolos, doces), eram costureiras ou bordadeiras (DIAS, 1984, p. 10-185). Em algumas décadas, mulheres pobres seriam mão-de-obra barata para as novas fábricas que surgiriam no Brasil (BERTUCCI, 1997, p.158-166).

Em Curitiba, no final do século XIX, as mulheres pobres, muitas delas imigrantes, também circulavam pelo centro da cidade, vendendo leite e produtos hortifrutigranjeiros, trabalhando nos mercados ou como empregadas domésticas; a maioria morava na zona rural ou nos arredores da cidade que crescia e diversificava sua economia (BUENO, 1996, p. 46-47).

A escola pública primária será pensada nesse contexto de crescimento e diversificação lenta e constante, das possibilidades de trabalho. A escola deveria fornecer a base, preparar as crianças, meninos e meninas, filhos de imigrantes ou não, para a vida morigerada e produtiva nessa sociedade. Desde 1827, a Lei Geral da Instrução Pública determinava que, no Brasil, deveriam existir escolas “de meninas nas cidades, vilas e lugarejos mais populosos em que os presidentes das províncias, em conselho, julgarem convenientemente este estabelecimento” (BASTOS, 2005). Assim, timidamente, a defesa de um espaço educacional para as mulheres foi iniciada, mas, as dificuldades eram muitas, as possibilidades de estudo restritas, e seria desta forma ainda por vários anos.

Francisco Negrão ao relembrar o cenário educacional da cidade no qual Julia Wanderley viveu, faz um retrato nada animador da educação da mulher. Mesmo considerando que o memorialista Negrão usa na construção de sua obra literária a forma descritiva para destacar a suposta ousadia e coragem de

Julia Wanderley, suas palavras também revelam um pouco do período vivido pela professora.

Era, em primeiro lugar, a escassez de escolas. E quando havia estas eram primárias, não satisfazendo, portanto, as mais comensais necessidades femininas quanto ao cultivo do intellecto. Os raros collegios particulares eram privativos de rapazes. Só os ricos e remediados podiam pagar professores (...) D. Julia Wanderley enfrentou todos os obstáculos e pela sua coragem, pela sua pertinencia conseguiu transpor os porticos da casa dos professores (NEGRÃO, 1929, p. 610).

Entretanto, a educação e o espaço que a mulher teria no magistério não se justificariam apenas por anseios ou necessidades pessoais ou mesmo como grupo, mas foram pautados pela função social da professora-mãe. A feminização do magistério que começava a se evidenciar no final do regime Imperial, e foi fortalecida e ampliada após a institucionalização da República, estará intimamente relacionada ao crescente desinteresse dos homens pela docência. É preciso avaliar o quanto a presença da mulher na escola primária foi mais um episódio de “uma emancipação sob tutela” (cf. LAGRAVE, s.d.) do que o resultado de uma luta por espaço social no mundo educacional e do trabalho.

Na figura da normalista inteligente, ousada e capaz, Julia Wanderley será a representação da mulher-professora, traduzindo anseios de seu tempo e do lugar onde viveu. A construção da memória de Julia Wanderley, de sua ‘missão educativa’, associa-se de forma explícita à tese da construção de uma nova nação, civilizada e moderna.<sup>94</sup>

A jovem formadora de gerações, de mentalidade idealista e de palavra fácil, eloqüente sem verbiagem, que orlhava mestres como Euzébio [da Motta],<sup>95</sup> Justiniano [de Mello e Silva] e

---

<sup>94</sup> No final do século XIX, o rompimento de um modelo monárquico e a defesa de uma educação popular, inspirada nas nações consideradas modernas (a norte-americana e algumas européias), era a grande empreitada da elite intelectual brasileira (GONDRA, 2004, p. 267).

<sup>95</sup> Segundo Erven (1945, 10), o professor Euzébio da Motta teria sido um “filósofo equiparado a Jackson de Figueiredo, a Farias Brito (...)”. Professores do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, Farias Brito, é autor de importante obra filosófica; elaborou um sistema plural de teísmo. Jackson de Figueiredo, leitor do anterior, foi agnóstico e anticlerical, converteu-se ao catolicismo no final dos anos 1910 e tornou-se um dos principais pensadores católicos da primeira metade do século XX. Cf.: PAIM, 1979, p.70-73; 77-81. Se e quanto Euzébio da Motta contribuiu para as ideias da “católica esclarecida” não foi possível saber.

Franco do Valle<sup>96</sup> não lhes desmentiu os prognósticos. Equiparou-se-lhes na cruzada vitoriosa de criar uma *civilização*. Tudo se transubstanciava nas labaredas do seu ardor cívico (ERVEN, 1945, p. 26-27, grifo meu).

No material organizado por Maria de Lourdes Ferrante em 1974, em comemoração ao centenário de nascimento de Julia Wanderley, existe a afirmação que a professora também foi vanguarda da feminização do magistério público no Paraná e há o esquecimento de suas três companheiras de turma na Escola Normal:

Dona Julia Augusta de Souza Wanderley, comprovadamente, não só a primeira mulher a solicitar matrícula na Escola Normal desta capital e a primeira mulher a obter o Diploma correspondente, como também a primeira Normalista com curriculum completo formada em Curitiba a ser nomeada para o Magistério Público Primário do Estado do Paraná (FERRANTE, 1974, p. 16).<sup>97</sup>

Como lembra Almeida (1998, p. 71), embora tenha havido algumas mulheres que abraçaram a causa da educação ou aquelas que se dedicaram ao magistério para deixar o estrito mundo doméstico, o maior motivo para se dedicarem a lecionar em escolas primárias foi “o fato de realmente precisarem trabalhar”.

Como era a situação econômica da família de Julia Wanderley? Erven (1945, p.15), dá uma pista ao escrever que para a professora era “o magistério primário o campo único que se lhe apresentava à expressão da cultura e a operosidade cívica. Era-lhe, outrossim, um meio de independência econômica”. A profissionalização feminina conseguida graças à instrução era muitas vezes apontada como necessidade econômica ou de complementaridade nas despesas do lar, uma imperiosa colaboração com o marido.<sup>98</sup>

---

<sup>96</sup> No final do século XIX, o médico José Joaquim Franco do Valle foi professor de Latim e Literatura Nacional na Escola Normal, também foi diretor da instituição escolar mais de uma vez (STRAUBE, 1993, p.37, 43, 128-130).

<sup>97</sup> O material, paginado manualmente, foi dividido em partes: 1ª Catálogo de documentos referentes à professora Julia Wanderley; 2ª, Catálogos de fotografias; 3ª, Registro Cronológico, 1850 a 1974; 4ª, Síntese do panorama educacional, e 5ª, Frases que definem uma vida. Na Casa da Memória de Curitiba, local onde se encontra o documento, apurou-se que as fotocópias em anexo foram avaliadas como ilegíveis e descartadas do material.

<sup>98</sup> Nem sempre o trabalho do homem era suficiente para proporcionar à família todas as comodidades almejadas, neste caso a mulher colaborava para a manutenção da casa, mas

Como lembra Trindade (1996, p. 9), no Paraná, a partir do final do século XIX, “foi considerável o número de mulheres que participaram da vida pública das cidades, através de atividades sociais, do exercício do trabalho ou de iniciativas de caráter cultural”. Julia Wanderley foi uma dessas mulheres e, como todas as outras, vivenciou as alterações do espaço social e profissional feminino e os limites dessas mudanças. Algumas ousaram mais, outras menos. Teria Julia Wanderley uma ação diferenciada, que romperia com esses limites? Ou teria se aproveitado, como muitas outras, das possibilidades que surgiram e procurado ocupar seu espaço e ainda adquirir certa autonomia financeira?

Oswaldo Pilotto lembra Julia Wanderley como uma pessoa persistente, por isso teria conseguido frequentar o curso da Escola Normal atraindo outras moças para serem suas colegas de turma:

Julia insistiu e o seu requerimento, datado de 28 de janeiro de 1891, foi deferido. Impôs-se, entretanto, uma condição: Não fosse ela a única moça. Nada mais fácil. Conseguiu companheiras para o cumprimento da imposição (...) (PILOTTO, 1974, p.2).

Mas, as palavras de Pilotto podem revelar mais. “Nada mais fácil”, ele diz, sobre a necessidade de Julia Wanderley ter que encontrar companheiras de turma. Isto indicaria uma predisposição social, uma aceitação crescente do ensino presencial misto, para homens e mulheres no mesmo curso normal em Curitiba, inclusive devido ao desinteresse masculino pela carreira? É muito provável. No Paraná, desde as décadas finais do século XIX, alguns defendiam a organização de duas escolas, uma para moças e outra para moços, mas isto seria economicamente viável? No Relatório do presidente da Província José Cesário de Miranda Ribeiro, havia a afirmação sobre salas mistas nas escolas:

Esta co-educação, que no paiz é admissivel na primeira e até na segunda infancia e tem seu typo nas escolas primarias mixtas, é de todo ponto repugnante aos nossos costumes na idade da adolescencia. (...) É de urgencia, pois, crear se nesta provincia a Escola Normal de senhoras em edificio separado e dar-lhes a organisação especial que o seu fim exige (RIBEIRO, 1888, p. 34-35).

---

também havia mulheres que manifestavam a necessidade de trabalhar para atingir uma posição simétrica ao homem e de tornarem-se ‘livres’. Para saber mais sobre este assunto: SOIHET, 2000, p 97-98.

Ideia semelhante foi defendida por um Inspetor de Ensino da cidade do Rio de Janeiro em 1883, que fazia severas críticas à Escola Normal mista, pelo fato de homens e mulheres aprenderem pelos mesmos métodos, nas mesmas aulas, em um país, segundo ele, em que homens e mulheres viviam em um total divórcio de ideias e costumes.<sup>99</sup>

Contudo, Julia Wanderley, Maria Rosa Gomes, Isabel Guimarães e Cândida Nascimento, começaram a frequentar as aulas do 1º ano da Escola Normal de Curitiba dia 16 de fevereiro de 1891, nesse período ainda concluíam-se o curso de magistério em dois anos. Eram também seus colegas de turma: Ernesto Luis de Oliveira, Veríssimo de Souza e Lourenço de Souza. Impossível não observar que já na primeira turma mista o número de mulheres supera o de homens.

A turma de Julia Wanderley iniciará os estudos na Escola Normal em um tempo de transformações na organização da estrutura de ensino. O Instituto Paranaense ao qual a Escola Normal era anexa será substituído pelo Ginásio Paranaense em outubro de 1892, um mês antes da formatura de Julia Wanderley e seus colegas. A mudança era mais do que a simples troca de denominação. O decreto nº 3, de 18 de outubro de 1892, em seu artigo 1º, instituiu na cidade de Curitiba um curso secundário destinado a ministrar “a mocidade paranaense” os elementos fundamentais da ciência geral e habilitá-los para a matrícula nos estabelecimentos de ensino superior da República. O artigo 2º denominava o local onde o curso ginasial seria ministrado e determinava que o estabelecimento funcionasse anexo à Escola Normal e que esta passaria de dois para três anos de curso, destinada ao preparo do pessoal docente para as escolas primárias do Estado (OLIVEIRA, 1994, p.49)<sup>100</sup>. Os

---

<sup>99</sup> Em relatório do Dr. Antonio Herculano de Souza Bandeira, Inspetor Geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro, apresentado ao Congresso de Instrução, realizado no Rio de Janeiro em 1883, existem severas críticas ao funcionamento da Escola Normal da Corte, especialmente ao fato de ser mista, e formar professores e professoras com o emprego dos mesmos métodos, pelos mesmos mestres, nas mesmas aulas, e, segundo palavras do próprio Bandeira, “isto num país onde os dois sexos vivem em completo divórcio de ideias e de costumes, consequência de uma educação tradicional” (LOPES; MARTINEZ, 2007, p.63-64).

<sup>100</sup> O curso da Escola Normal de acordo com o **Regulamento da Instrução Pública do Estado**, de 1891, era de dois anos. No 1º ano os alunos estudariam: Pedagogia e Metodologia, Português, Aritmética, Álgebra Elementar, Moral, Geografia e Desenho. No 2º ano: Álgebra Elementar, Geografia, Geometria, Moral, Pedagogia e Metodologia, Noções de Ciências Físicas e Naturais e Desenho. Porém a partir de 1893, o curso da Escola Normal de acordo com o novo **Regulamento da Instrução Pública do Estado** passou para três anos contendo no 1º ano às disciplinas de: Aritmética e Álgebra Elementar; Português, Francês, Geografia

mesmos professores atuavam no Ginásio Paranaense e na Escola Normal, exceto o professor de Pedagogia e o de Metodologia, disciplinas privativas do curso normal.

Em novembro de 1892, mês de formatura da turma, no jornal oficial do Paraná foi publicado, segundo a brochura **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia), o seguinte “resumo das aprovações obtidas nas matérias do 2º ano da Escola Normal”:

- 1º D. Julia Augusta de Souza Wanderley, 7 distincções e 2 plenas.
- 2º Ernesto L. d’ Oliveira, 7 distincções e 2 plenas.
- 3º D. Maria Rosa Gomes, 4 distincções e 5 plenas.
- 4º D. Isabel Guimarães , 2 distincções, 6 plenas.
- 5º D. Candida Nascimento, 1 distincção, 1 plena e 7 simples.
- 6º Verissimo A. de Souza, 6 plenas e 3 simples.
- 7º Lourenço A. de Souza, 3 plenas e 6 simples (MACEDO, et al., 1918, p. 19).

Julia Wanderley e Ernesto de Oliveira se igualavam no aproveitamento dos exames, mas a letra “D” que abreviava a forma de tratamento, “Dona”, dispensada às mulheres, garantia a primazia do nome de Julia Wanderley. É interessante observar que as outras mulheres da turma se sobressaíram nos exames em relação aos outros homens. E impossível não considerar que o tratamento formal dispensados às mulheres, todas chamadas de “Dona” (os homens não são chamados de “Senhor”), reafirma o lugar primeiro da mulher: senhora do lar, dona-de-casa, responsável pelos filhos e, para as que se dedicavam ao magistério primário, responsável pelos alunos, que deveriam ser alunos-filhos.

Julia Wanderley teria sido uma aluna tão dedicada aos seus estudos quanto Ernesto de Oliveira, mas, aparentemente, os dois colegas que mais se destacavam na turma não mantiveram convivência depois da formatura. Talvez

---

Física, Pedagogia, Ginástica e Evoluções Militares, Música e Desenho, Prendas Domésticas. No 2º ano: Geometria, e Trigonometria, Português, Francês, Física e Química Geral, Pedagogia, Ginástica e Evoluções Militares, Música e Desenho, Prendas Domésticas. No 3º ano: História Natural e noções de Biologia, História Universal, História do Brasil, Noções de Sociologia e Moral, Pedagogia, revisão de Português, Francês, Matemática, Geografia, História Natural e História do Brasil. (STRAUBE, p. 38-39).

pelos rumos que tomaram? Ernesto de Oliveira<sup>101</sup>, que segundo Pilotto (1975, p.2-3), tinha uma inteligência privilegiada foi “colaborador dos primeiros anos da nossa Universidade, <sup>102</sup> era no ramo das matematicas aplicadas o substituto eventual de professores”.

Os outros dois colegas homens da turma de Julia Wanderley na Escola Normal escreveram na **Julia Wanderley - homenagem** (Poliantéia) para homenageá-la. Os professores normalistas Veríssimo A. de Souza e Lourenço A. de Souza foram atuantes na educação paranaense na primeira metade do século XX. As colegas da turma de Julia Wanderley não se manifestaram na brochura organizada em 1918. Qual seria o motivo? Provavelmente não eram próximas da professora homenageada, ou do grupo que organizou o material, ou ainda não tinham perfis apropriados ou uma rede de relações que lhes permitisse participar deste material alusivo à Julia Wanderley. Entretanto, sua colega de turma, Isabel Guimarães Schmidt foi citada por Raul Gomes como uma das pessoas que mais se empenharam para que um busto de Julia Wanderley fosse erigido na Praça Santos Andrade, no centro de Curitiba, em homenagem à professora (GOMES, apud MACEDO, et al., 1918, p 10-12).

No material organizado por Ferrante (1974, p.1), sobre a vida escolar de Julia Wanderley, na parte Catálogos dos documentos, há referência de um abaixo-assinado feito pelos alunos do 1º e 2º anos do curso normal, em 21 de março de 1892, e encaminhado aos Membros da Congregação do Instituto (depois Ginásio) Paranaense e Escola Normal, solicitando modificações no horário das aulas, para que sobrasse mais tempo para que pudessem estudar. Assinaram “juntamente com D. Julia: Cândida M. Nascimento, Isabel Guimarães, Raymundo José de Ramos, Benedicto Nicolau dos Santos, Maria Rosa Gomes da Costa e Maria Rita D’Oliveira”. Observando os nomes, é possível constatar que da turma de Julia Wanderley a do 2º ano, apenas as mulheres assinaram o documento reivindicatório, além disso, no total de assinaturas as das mulheres são uma maioria significativa (não foi possível

---

<sup>101</sup> Em março de 1912, Ernesto Luiz de Oliveira foi nomeado pela Presidente do Estado do Paraná para exercer o cargo de Secretário do Estado dos Negócios de Finanças do Comércio e Indústria (**Diário Oficial do Estado do Paraná**, 02/03/1912, p.4).

<sup>102</sup> Sobre a Universidade do Paraná, organizada com base em concessão de Lei Federal de 1912, desmembrada oficialmente por Lei Federal de 1915. Veja: BURMESTER, 2002; CAMPOS, 2009.

obter a relação completa de alunas e alunos matriculados no 1º ano). Seriam as moças mais dedicadas que os rapazes no quesito estudo, inclusive para mostrar competência em uma área ainda muito masculina? Ou a preocupação das jovens estaria relacionada ao fato de que, além dos estudos na Escola Normal, terem outros afazeres ligados ao universo doméstico e familiar (tarefas que poderiam ir de arrumar a casa, cozinhar, costurar ou bordar, até participar de saraus, ter lições de piano e estudo de outra língua, preferencialmente francês)?

Nada foi mencionado sobre as motivações que levaram os três rapazes da turma de Julia Wanderley a não assinarem o abaixo-assinado, mas, mesmo não havendo menção de que Julia Wanderley tenha liderado o movimento para a formalização da solicitação, ao lembrar o episódio Ferrante (1974, p.1) escreve: “assinam juntamente com D. Julia”, e a figura da professora ganha destaque no episódio. O resultado do abaixo-assinado é uma incógnita.

Segundo Erven (1945, p. 13), “[a] primeira turma de professoras normalistas foi imediatamente nomeada”. E não poderia ser de outra maneira, haja vista a grande falta de professores qualificados para atuar no ensino público primário. As professoras normalistas seriam imediatamente contratadas. Esse processo da crescente presença feminina no magistério também foi observado em outros países no século XIX, como lembra Louro (1997, p.449), e, mesmo variando de região para região, inclusive dentro de um mesmo país, esteve relacionado à maior urbanização e ao crescimento fabril ocidental. Esse processo multiplicou as oportunidades de trabalho melhor remunerado para os homens e, também, tornou evidente a necessidade de educar crianças e jovens, pois eles viveriam em uma sociedade que se transformava e carecia de mão-de-obra com instrução mínima para as novas possibilidades de trabalho.<sup>103</sup> Mas, para educar de forma eficiente era imperioso bem formar quem ensinava.

Como meio de melhor qualificar os profissionais do magistério foram

---

<sup>103</sup> Em Curitiba neste período é crescente o número de ruas que se abrem e que são pavimentadas; novas casas, verdadeiros palacetes, são construídos e ostentam uma arquitetura inovadora; a rua XV de Novembro, se embeleza e se transforma na via central da cidade. Expandem-se as fábricas e instalam-se outras (metalúrgicas, de massas, de fósforos, etc.), o governo aprimora os serviços públicos, higieniza o centro, amplia a limpeza pública, arboriza e ilumina a cidade, cria a guarda civil, entre outras ações (TRINDADE, 1996, p. 19).

utilizados materiais didáticos que facilitavam a instrução e proporcionavam um atendimento mais abrangente de alunos. Livros, mapas, quadros cosmográficos entre outros materiais foram trazidos especialmente da França para melhorar e uniformizar o ensino nas Escolas Normais brasileiras.<sup>104</sup> Entre estes materiais, Carvalho (2007, p.32-33), indica o manual de pedagogia de autoria de Charbonneau, utilizado pelas Escolas Normais do Rio de Janeiro e de São Paulo que também era utilizado em Curitiba. Segundo Erven (1945, p13), “Michel Charbonneau, então em voga, seria aplicado inteiramente no Paraná”. Este biógrafo tradicional apresenta uma fotografia de Julia Wanderley do final do Oitocentos e afirma que a professora, retratada em pé e sozinha, encostada em um banco, segura em uma de suas mãos um exemplar do **Compêndio** de Charbonneau.



A normalista Júlia Augusta de Sousa Wanderley aos 16 anos de idade. Traz consigo o inseparável compêndio de Charbonneau.

FIGURA 16 - JULIA WANDERLEY COM COMPÊNDIO DE MICHEL CHARBONNEAU  
FONTE: ERVEN (1945, p. 15)

O **Compêndio** de Charbonneau era um guia de aconselhamento ao professor. Carvalho (2007, p. 25), afirma que este livro era “(...) recheado de

---

<sup>104</sup> Em janeiro de 1883, por exemplo, Paul Bourroul, diretor da Escola Normal de São Paulo, oficia ao presidente da Província o recebimento de 13 caixas despachadas da França, informando-o sobre o material recebido para aprimorar o ensino (CARVALHO, 2007, p.19- 38).

preceitos moralizantes que visavam moldar, segundo representações éticas de longa tradição no pensamento teológico-político europeu, um novo tipo de profissional: o professor”. O **Compêndio** fornecia aos que ensinavam “conselhos úteis”, para uma prática docente mais eficaz, conselhos que apontavam para a utilização pelo professor de fatos comprovados pela experiência ordinária. Segundo Carvalho (2007, p. 32), a circulação das proposições chamadas de “pedagogia moderna” era intensa na Europa no século XIX, sendo amplamente divulgadas pela imprensa, chegando ao Brasil. Entre essas proposições destacavam-se as do Método Intuitivo, também conhecido como Lições de Coisas.

Erven (1945, p.14), menciona que Julia Wanderley era “partidária incondicional do método intuitivo” e citava “Pestalozzi em tudo que se referisse à ciência e a arte de sua especialidade. Não que cingisse, unicamente, as teorias do imortal suíço”.<sup>105</sup> Em 1905, quando já exercia há anos o magistério público e era diretora escolar, Julia Wanderley escreveu um Relatório Escolar ao Diretor Geral da Instrução Pública,<sup>106</sup> no qual faz considerações que efetivamente refletem o pensamento de Pestalozzi. A professora, por exemplo, afirma:

A educação, promovendo o desenvolvimento physico, intellectual e moral da criança, é incontestavelmente a fonte principal do engrandecimento dos povos (...). [Para isso] a percepção, a atenção, o juízo, a memória, e a imaginação serão assim igualmente aperfeiçoadas e harmonicamente desenvolvidos (...) (PETRICH, 1905, p.2-3).

Em outro Relatório Escolar, escrito três anos depois, Julia Wanderley é mais enfática na defesa do método do educador suíço e afirma:

---

<sup>105</sup> Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), educador suíço, nasceu em Zurich. Foi influenciado pelo pensamento de Rousseau e por aspectos do movimento romântico, como por exemplo, o amor pela natureza e a concepção organicista do mundo. Foi professor, diretor e fundador de escolas particulares. Postulou a difusão do saber universal a todas as classes sociais como condição para alcançar a dignidade humana (ZANATTA, 2005, p. 166-171).

<sup>106</sup> Cópia deste Relatório Escolar foi publicada no primeiro número da revista **A Escola** (p.17-25), que começou a circular em fevereiro de 1906, como publicação mensal. A revista tinha escritório na Rua Assunguy, nº 5, era órgão do Grêmio dos Professores Públicos do Paraná (inaugurado dia 19 de dezembro de 1903, na Escola Carvalho). Na última seção da revista, intitulada Expediente Oficial, se divulgavam relatórios de professores ao diretor da Instrução Pública, decretos expedidos sobre educação, listagem de cadeiras escolares preenchidas, relação de escolas públicas e particulares do Estado, etc (SOUZA, 2004, p. 25).

Para as classes mais atrasadas é *vantajossissimo* o emprego do methodo intuitivo ou de Pestalozzi. Assim, nas primeiras noções de qualquer materia costumo partir do conhecido para o desconhecido (...) (PETRICH, 1908, p. 12, grifo meu).<sup>107</sup>

O Método Intuitivo se baseava na ideia do desenvolvimento integrado, isto é, desenvolver ao mesmo tempo, mente-corção-mão, o que seria possível se a educação fosse pautada na tríplice atividade: conhecer-querer-agir. Ou seja, a educação do intelecto tinha que estar estritamente ligada à educação moral/afetiva e a física/manual ou profissional (ZANATTA, 2005, p. 169). Nesta perspectiva o meio essencial para que o processo educacional aconteça é a intuição. A intuição está, assim, na base do ato de aprender, e ela está imbricada com o estímulo dos sentidos (audição, visão, tato, paladar e olfato), através dos quais se realiza o contato inicial com o mundo exterior. Os sentidos é que produzem sensações e percepções de coisas e acontecimentos que constituirão a matéria prima das ideias através das quais a educação pode acontecer. A percepção, a curiosidade e o interesse do aluno devem, portanto, servir de base para a intervenção/ensino do professor. Nessa proposta metodológica o processo de ensino deve desenvolver-se do simples para o complexo, do conhecido para o ignorado, dos fatos para as causas, do concreto para o abstrato. Todo o conhecimento deve ser gerado com base no contato com os objetos de estudo (VALDEMARIN, 2000, p. 75-77).

Esta nova orientação pedagógica, que embasou a Reforma Caetano de Campos em São Paulo, modelo para as escolas paranaenses,<sup>108</sup> era contraposta ao Método de Lancaster ou de Ensino Mútuo, que era o método oficial do Brasil, desde a Lei Geral da Instrução Pública, de 15 de outubro de 1827 (BASTOS, 2005). Segundo Tunari (1970, p.16-17), “as primeiras Escolas Normais brasileiras reduziram o preparo didático e profissional do mestre à

---

<sup>107</sup> Há uma alusão de Pilotto (1975, p. 4), sobre Julia Wanderley ter pedido ao seu irmão Affonso Guilhermino Wanderley Junior, que morava no Rio de Janeiro e havia conhecido um “novo processo para aprendizagem da leitura, [que] fizesse uma demonstração às professoras de seu grupo”. O autor, que não informa a data do episódio, afirma que desde então a Escola Tiradentes teria passado a trabalhar com a nova técnica, que também não informa qual era.

<sup>108</sup> Seguindo o exemplo de São Paulo, após a reforma de Caetano de Campos, referendada pelo Decreto de 12 de março de 1890, outros estados irão difundir o Método Intuitivo, desenvolvido por Pestalozzi (ALMEIDA, 2004, p. 47-48). A bibliografia que aponta São Paulo como modelo para o Paraná é diversificada, entre outros, veja: BENCOSTTA, 2001; OLIVEIRA, 1994.

compreensão do referido método [lancasteriano]”.<sup>109</sup>

Julia Wanderley estudou na Escola Normal em um período de transição entre os dois métodos, do Mútuo para o Intuitivo, e o Método de Pestalozzi triunfaria rapidamente já nos primeiros anos de atuação profissional da professora. Ela afirmaria em seu Relatório Escolar de 1905 que:

A educação, promovendo o desenvolvimento physico, intellectual e moral da criança, é incontestavelmente a fonte principal do engrandecimento dos povos. (...)  
Em educar a criança, desenvolvendo-lhe as faculdades, formando-lhe o character, aperfeiçoando-lhe o coração e ministrando-lhe conhecimentos, consiste, pois, a grande obra do preceptor (...) (PETRICH, 1905, p.2).

Outro tema muito significativo na proposta de Pestalozzi, e que Julia Wanderley incorporaria ao seu discurso, é a família, entendida como matriz da educação da criança, por ser a base do afeto e do trabalho comum. Pestalozzi compara a criança a uma plantinha que merece cuidados especiais de “jardineiros”, tanto em casa (os pais) quanto na escola (os professores). Estas ideias fortalecerão um nexos entre escola que se buscava constituir, na qual o(a) professor(a) seria o representante dos pais, e a família. Aos mestres caberia continuar e ampliar a educação iniciada no lar. De ambos, pais e professores, dependeria o futuro da criança e, assim, o fortalecimento da Pátria, com a formação de pessoas morigeradas e trabalhadoras. Julia Wanderley imbuída deste ideal escreveu:

Effectivamente, a criança, constituindo o enlevo dos paes, é tambem a alegria da familia e a esperança da patria, e, assim sendo, o professor que recebe o deposito de tão preciosos germens, tem o sagrado dever de envidar os melhores esforços para que elles produzam os mais abundantes e sazonados fructos (PETRICH, 1905, p.4).

Mas, segundo Erven, no período de sua formação na Escola Normal e durante seus primeiros anos de atuação como professora, outras ideias concorreram para a formação de Julia Wanderley. O biógrafo tradicional escreve:

---

<sup>109</sup> Criado por Andrew Bell e Joseph Lancaster na Inglaterra, no começo do século XIX, e implantado em vários países europeus e americanos, o Ensino Mútuo ou Método de Lancaster, (como ficou conhecido no Brasil), utilizado para propagar a educação popular com o apoio do Estado em diversos países, introduzia duas inovações: o uso de monitores e o ensino conjunto da leitura e da escrita, inclusive para as crianças menores (SOUZA, 1998, p. 33).

Dois prismas dão-nos a conhecer as tendências entre os 17 e os 21 anos, idade com que se casou: as então recentes conquistas científicas e a questão social. Era, por êsse tempo, uma entusiasta de Darwin e apologista ardorosa do socialismo de cátedra. Os jornais “O Artista” e “Operário Livre”, estampavam, editorialmente umas vezes, assinados outras, e, também, às vezes, sob o pseudo-pseudônimo de “Augusta de Sousa”, artigos vibrantes da moça idealista (ERVEN, 1945, p. 14-15).

Para Erven (1945, p.14), mesmo fazendo a ressalva “resta muito pouco do que ela escreveu”, Julia Wanderley era uma mulher diferenciada: “uma entusiasta de Darwin e apologista ardorosa do socialismo de cátedra”. Erven (1945, p.11), especula sobre a possibilidade que sua defesa (de Julia Wanderley) do socialismo tenha ocorrido por influência de Justiniano de Mello e Silva, seu professor no final dos estudos secundários e na Escola Normal e, ao mesmo tempo, apresenta Julia Wanderley como uma entusiasta de Darwin (uma pessoa muito bem informada sobre as inovações científicas) e, também, como uma católica esclarecida:

Não é possível descobrir, num golpe de vista, a direção do seu espírito. O interesse pela classe operária, externando em colaborações realmente maternais, a defesa das causa da criança, os trabalhos literários que inspirou, o seu catolicismo esclarecido, impressionam a qualquer observador (ERVEN, 1945, p. 23).

Julia Wanderley deixou, em mais de um momento, registros de sua fé católica em seu Livro íntimo ou Diário. Ela escreveu em uma de suas páginas iniciais: “(...) meu amado Julinho [foi] concebido, nascido, creado sob a proteção do Divino Espírito Santo (...)” (PETRICH, [19-] p.14).

Nos últimos anos do século XIX e anos iniciais do XX, diversas teorias científicas aportaram no Brasil, ganharam singulares traduções e combinações, concorrendo para a elaboração de interpretações originais sobre o país e sua gente, que desembocaram em ações variadas, inclusive no campo educacional (BERTUCCI, 2009). Entre essas teorias estava a evolucionista de Darwin <sup>110</sup> e o socialismo em sua versão reivindicatória (SCHMIDT, 2001;

---

<sup>110</sup> Charles Darwin, naturalista inglês que viveu de 1809 a 1882, escreveu suas observações e apresentou sua teoria da evolução dos seres vivos, por meio da seleção natural, no livro **On the origin of species**, publicado em 1859 na Inglaterra.

2007).<sup>111</sup> Nesse mesmo período, o papa Leão XIII promulgou a encíclica **Rerum Novarum**, em 1891, que apontava a necessidade urgente de uma ação de amparo aos mais necessitados e defesa dos trabalhadores, inclusive como forma de combater ideias socialista (cf.: **Rerum Novarum**, 1891). Em meio a essa pluralidade de informações e teses, é plausível supor que o “socialismo de cátedra” de Julia Wanderley tenha se combinado com as ideias da “católica esclarecida”, preocupada com causas sociais (que também era “entusiasta” de Darwin, algo impensável para uma católica ortodoxa), pois segundo aquela perspectiva não revolucionária do socialismo, o Estado deveria intervir de maneira ampla na sociedade para controlar a economia, socorrer e educar os mais pobres (a classe operária) (HUGON, 1942).<sup>112</sup>

O quanto as ideias de Justiniano de Mello e Silva também concorreram para a formação desse pensamento ‘ecléctico’ de Julia Wanderley é difícil mensurar, contudo é interessante constatar que esse homem considerado “socialista” era professor de Pedagogia na Escola Normal, inclusive entre 1890 e 1891 quando um membro da Igreja Católica, Monsenhor Alberto José Gonçalves, dirigiu o Ginásio Paranaense e a Escola Normal e foi o Diretor Geral da Instrução Pública. O Monsenhor seria substituído nas duas funções pelo próprio Justiniano de Mello e Silva, que ficaria nos cargos entre 1891 e 1892 (STRAUBE, 1993, p.129).

Em **Julia Wanderley – mestra no ser e no saber**, de Maria Ida Silva Pucci, outra faceta da professora aparece. Em entrevista que concedeu à Pucci, Eleonora Wanderley da Costa Biscaia, irmã biológica de Julio Petrich da Costa, afirmou que a tia acreditava no espiritismo, consultava espíritos, “mas depois acharam que ela estava ficando fanática e ela desistiu” (PUCCI, 1987, p. 49). Mas, Julia Wanderley, ao fazer o relato de um problema de saúde que acometeu o filho Julinho, quando o menino ainda morava com seus pais

---

<sup>111</sup> Sobre as ideias socialistas em Curitiba veja ARAUJO; CARDOSO, 1992.

<sup>112</sup> A matriz da tese do “socialismo de cátedra” está expressa no Manifesto d’Eisenach, de 1872, apresentado num congresso em que se debatia a questão social e do qual fazia parte um grande número de professores alemães de ciência econômica. Queriam estes que o Estado se interessasse pela instrução e formação do operariado e procurasse fazer com que as condições do trabalho não levassem a decadência do trabalhador. Defendiam a ideia do intervencionismo do Estado por meio de reformas, devendo formar e educar o indivíduo, legislar para socorrer os fracos e evitar o abuso dos fortes. Nesse sentido o socialismo de cátedra desenvolveu o programa de legislação operária, onde o Estado deveria regulamentar e fiscalizar o número de horas de trabalho, condições, higiene entre outros. Os impostos nesse programa tinham a pretensão de fazer um nivelamento social (HUGON, 1942; ROLL, 1977).

biológicos, nos indica (com uma perspectiva um pouco crítica) o quanto essas ideias e práticas delas derivadas<sup>113</sup>, eram comuns em sua família, apesar do relato da sobrinha que pretendeu imputar à tia, de forma pejorativa, a crença em teses espíritas.

No dia 25 de Julho de manha quando tratava alegremente dos arranjos domesticos, fui surpreendida com a desagradavel noticia [da doença de Julio] abandonei tudo, casa, escola e outros deveres, correndo imediatamente para lá [casa da irmã e do cunhado] depois de ter ido buscar medicamento em casa do Sr. Antonio Loureiro [?], medium espírita em cujas receitas os seus paes confiam em absoluto (...) Dia 26, elle continua no mesmo estado, Minervina vio seu 1º dentinho. Resolvi então chamar um medico, embora com aquiescencia de seus paes. Domingo de manha sobre isso falei com Frederico. Elle manifestou desde logo desejos de chamar o Dr. Victor (PETRICH, [19-], p. 20).

Em 1875, o **Livro dos Espíritos**, de Allan Kardec, foi editado pela Casa Garnier do Rio de Janeiro, em português, e dois anos depois, em 1877, foram organizados os primeiros centros espíritas nacionais. Pouco a pouco, a doutrina espírita ganhou adeptos em todo o país.<sup>114</sup> No Paraná, o kardecismo teve a adesão de muitos republicanos e vários espíritas mantinham estreitos vínculos com os maçons, teosóficos e neopitagóricos.<sup>115</sup> Esses grupos, de forma geral, eram favoráveis ao ensino laico nas escolas públicas e à participação mais ativa da mulher na sociedade. Mas, como adverte Trindade (1996, p.105-113), esta participação seria como “um ser moral – anjo na família, força na sociedade e esteio na pátria”. Entre os espíritas paranaenses do início do século XX, estava Sebastião Paraná (que chegou a ser presidente

---

<sup>113</sup> Desde metade do século XIX, ideias espiritualistas que surgiram tanto nos EUA como na Europa encontraram ambiente favorável no Brasil, muitos dos líderes espíritas ocupavam posições sociais de relativo prestígio, o que garantia aos grupos que com eles participavam a possibilidade de se beneficiar de recursos, conhecimentos e redes de relações valiosas em determinadas circunstâncias (ARAUJO, 2007, p. 46-47).

<sup>114</sup> Sobre o espiritismo no Brasil, entre outros veja: MACHADO, 1983 e ARAUJO 2007. Segundo Schmidt (2001, p.118), Allan Kardec (1804-1869), procurou unir racionalismo e crença, buscando associar os novos métodos da ciência aos enigmas metafísicos a fim de explicar racionalmente o mundo espiritual e a imortalidade.

<sup>115</sup> De acordo com Aglaé Terezinha do Espírito Santo (2006, p.6-10), o comerciante de origem portuguesa Manoel da Cunha migrou do Rio de Janeiro para Curitiba por volta de 1870, fundando o primeiro ‘Centro Spirita de Corityba’, em 1897. Colaborou na formação da Federação Espírita do Paraná (FEP), que em 1906 conseguiu da prefeitura de Curitiba, por intermédio de Romário Martins, membro da Câmara Municipal, a doação de um terreno para a Construção da sede da FEP. Sobre maçons, teosóficos e neopitagóricos em Curitiba, confira: ANDRADE, 2005.

da Federação Espírita do Paraná) com quem Julia Wanderley tinha convivência desde os tempos em que foi aluna do Colégio Curitibano.

Para uma jovem que cresceu nesse ambiente múltiplo, em que mesmo os católicos compartilhavam com outros grupos a tese da inserção social da mulher como “anjo da família” e “esteio da pátria”, a combinação de perspectivas sobre o mundo e a vida (inclusive após a morte) não seria algo excepcional. Outro aspecto apresentado sobre a normalista (além de socialista de cátedra, de católica esclarecida, entusiasta de Darwin, simpatizante do espiritismo) que ainda deve ser destacado: como era a aparência física da jovem normalista Julia Wanderley? Como se relacionava com o sexo oposto?

Segundo Erven (1945, p.23), a jovem Julia Wanderley poderia despertar especial admiração nos homens. Assim é possível considerar que ela teria dotes físicos e/ou emocionais imprescindíveis para cumprir aquela que era considerada na época a função por excelência da mulher: casar e ser mãe. Como lembra Louro (2004, p.453), a ação da mulher fora do lar, mesmo no magistério, era delimitada “por restrições e cuidados para que sua profissionalização não se chocasse com sua feminilidade”.

Erven, apesar de não nomear namoros ou amores de Julia Wanderley, faz um comentário interessante:

É presumível que foi d<sup>a</sup> Julia, pouco depois dos 20 anos, a egéria de uma das mais belas poesias de Tiago Peixoto, dedicada “a um aniversário”. Eram lindas redondilhas sob o título “Canção de amor”. E’ que o vate inspiradíssimo – se for verdade o pressuposto – soube compreender e, compreendendo, admirar a jovem intelectual (ERVEN, 1945, p. 23-24).

Mas, as palavras de Erven, terminam por destacar “a jovem intelectual”. O contemporâneo Sebastião Paraná traça um perfil físico comedido de Julia Wanderley, em texto do jornal **A Tribuna**, quando em 1895 parabeniza o noivo da professora pelo futuro casamento. Destaca no texto as qualidades intelectuais e de caráter de Julia Wanderley:

JULIA WANDERLEY – Trajo simples, sem enfeites. Singelo como as violetas. No Ginásio Paranaense onde concluiu com brilhantismo o curso de normalista, deixou um nome querido, que pelo seu bom proceder, quer pela extrema dedicação que votava ao estudo.

*Não era feia, nem bonita, é mean [meio termo].*

Ensina hoje um bando de crianças, que considero felizes por terem a preceptora que têm.

Fala a bandeira despregada. Dá por paus e pedras, e, (...) vai casar. Parabéns ao noivo. Parabéns porque Julia será no lar o que é na escola: reta, carinhosa, sobranceira e distinta (PARANÁ, apud ERVEN, 1945, p. 24, grifo meu).

Uma boa professora será uma boa esposa-mãe, e o contrário também seria verdadeiro (boas esposas e mães seriam boas professoras), a associação está presente, mesmo que de forma indireta. E foi esse perfil de Julia Wanderley que, com diferentes nuances, foi repetido por outros biógrafos tradicionais e memorialistas.

Recuperar, pelo menos um tênue contorno, da personalidade de uma jovem, uma jovem normalista, do final do século XIX, só é possível a partir de conjecturas efetuadas com base em imagens, impressões e relatos, marcados pelo tempo em que foram produzidos e por quem os produziu. Assim, o que é possível traçar da trajetória da normalista é uma Julia Wanderley aparente, envolvida com os temas e as mudanças de sua época, que aproveita este panorama propício para a entrada da mulher no magistério, defende a legitimação deste ideal, se sobressai nos estudos e conclui o curso normal presencial, porém não sozinha: outras mulheres fizeram o mesmo.

## 2.2 PROFESSORA E DIRETORA ESCOLAR

Formada professora normalista, em novembro de 1892, Julia Wanderley tentará pautar sua prática pedagógica pelos princípios da racionalização do trabalho escolar, nos aspectos da moral, do civismo, da ordem, colaborando, como vários de seus colegas, para a construção do novo perfil docente: o formador de gerações.<sup>116</sup> Segundo ela “a educação encerra em seu regaço mais do que a toga do romano, mais do que a paz ou a guerra, encerra os destinos dos homens e das nações”. (PETRICH, 1905, p.3)

Em 1918, pouco depois da morte de Julia Wanderley o Dr. Victor

---

<sup>116</sup> Racionalização do trabalho escolar é entendida como a implementação de mudanças que tinham como base a ordenação do tempo: fixação do tempo da jornada escolar, do início e término das aulas, dos intervalos, recreios e descansos de alunos e professores. Horários dedicados ao ensino de cada matéria, unidade ou lição. Além da classificação dos alunos por idade. Princípios da divisão do trabalho e de critérios administrativos (de vigilância e controle), que ressaltavam a economia de custos, são estabelecidos (SOUZA, 1998, p. 35-37).

Ferreira do Amaral, que no período era Superintendente Geral do Ensino, elogia a conduta profissional da professora, afirmando:

Fazendo do magisterio um verdadeiro sacerdócio, não solicitou um só dia de licença, durante o quarto de século, em que com tanta competência e devotamento exerceu a nobre profissão em Curitiba (AMARAL, apud MACEDO et al, 1918, p. 7).

Os verdadeiros sacerdotes nunca se afastam de seus fiéis, da mesma forma que uma verdadeira mãe está sempre pronta para atender seus filhos e seu esposo. Assim deveria ser a professora perfeita: devotada, incansável. E a própria Julia Wanderley colaboraria para a difusão e fixação dessa imagem. Ao escrever sobre o perfil exemplar do professor, em seu Relatório Escolar de 1905, ela afirma:

(...) o preceptor desempenhará preponderante papel aperfeiçoando o carácter e o coração de seus alunos, porque, como é sabido, o sentimento moral, unificando o ensino, eleva o mestre e dignifica a escola (...). Todos esses salutares conselhos, porém, devem ser acompanhados pela moral em acção; pela prática e pelo exemplo que o professor deve dar em todos os actos de sua vida modelar (PETRICH, 1905, p.6).

Em 1908 Julia Wanderley reforçaria a tese defendida em 1905, destacando a importância da moral como alicerce da educação e assim da atividade do professor primário. Segundo ela:

[Todos os filósofos] consideraram a Moral como a base da educação, cumprindo, portanto ao professor primario o imperioso dever de instruir e moralizar os meninos confiados aos seus cuidados (PETRICH, 1908, p. 13).

Como lembra Louro (2004, p. 449-450), desde o século XIX, “a instituição de novos hábitos e comportamentos, especialmente ligados às transformações urbanas, estavam produzindo novos sujeitos sociais”. Esse processo concorreu para organização de propostas que visavam organizar esses ‘novos sujeitos’ em uma ‘nova sociedade’, a do progresso (cada vez mais ligada a máquina) e da ordem. Nesse contexto, a necessidade de constituir professores ‘missionários’, não de uma religião, mas de uma moral social (pretensamente universal) para ampliar a instrução pública, atendendo a

maioria da população, se evidenciava em Curitiba como em diversas outras cidades brasileiras.

Apreciada desde o final do Oitocentos como uma atividade profissional recomendada para a mulher honesta, a função de professora será apreciada, segundo Cunha (1999, p. 127), “como ‘vocação natural’ da mulher, um prolongamento de suas próprias atividades de mãe e dona-de-casa, ou uma forma de exercer maternagem simbólica”.<sup>117</sup>

O lar e a escola seriam, para a mulher, quase sinônimos, pois em ambos ela deveria ter o mesmo cuidado e atenção da ‘boa mulher’. Mas, é preciso mais uma vez lembrar, que na virada do século XIX para o XX, para a jovem o “casamento e a maternidade eram efetivamente constituídos como a *verdadeira carreira* feminina” (LOURO, 2004, p. 454-454, grifos da autora). Desta forma a profissionalização da mulher não poderia representar um risco para suas prioritárias funções sociais, não poderia constituir um desvio de sua “verdadeira carreira”, seria apenas um seu complemento. A carreira da professora Julia Wanderley será validada por seus memorialistas e biógrafos tradicionais pautada em tais princípios.

Julia Wanderley começou sua carreira como professora primária pública em 1893, quando o governo do Paraná a designou para a 9ª cadeira promíscua de Curitiba. Nas palavras de Erven (1945, p.13), “a professorinha de 19 anos, no ardor de seu temperamento e na psicomotilidade ciclótica que lhe era característica, dedicou-se de alma e corpo às atividades didáticas”. Em 17 de julho de 1893, o Delegado de Ensino, Albino Silva, em visita à escola, deixou registradas, no **Livro Termos de Visitas**,<sup>118</sup> suas impressões sobre o trabalho da professora:

---

<sup>117</sup> A idéia de que toda mulher mãe ou não traz dentro de si um instinto materno, está presente no livro **Armadilhas da Sedução** de Maria Teresa Santos Cunha, a qual faz um estudo referente aos romances de M. Dely e apresenta as “condutas ideais” passadas através dos romances às jovens do final do século XIX e início do XX (CUNHA, 1999). Confira também o livro clássico sobre a variabilidade do ‘sentimento materno’ ou seja ‘a maternagem simbólica’ de Elisabeth Badinter, **Um amor conquistado: o mito do amor materno** (BADINTER, 1985).

<sup>118</sup> O **Livro Termos de Visitas** complementava a lógica de vigilância, manutenção da hierarquia e padronização de ações (inclusive didáticas) realizadas nas escolas no início do século XX. Nesses livros eram registradas visitas feitas pelos representantes do governo e suas impressões sobre a escola como um todo (NASCIMENTO, 2009, p.2-7). No Paraná, pelo **Regulamento** de 1889, Artigo 11, os professores (que eram os responsáveis pelas escolas) deveriam ter em suas escolas um livro de matrícula dos alunos, ‘um de termos de visitas’, um de exame e um de pontos (MIGUEL, 2009, p. 309).

Ao visitar esta escola dirigida pela professora normalista D. Julia Wanderley, tive a satisfação de ver quanto foi bem inspirado o Governo do estado, aproveitando para o magistério uma jovem que entre nós já se havia salientado pela sua intelligencia e pela dedicação ao estudo, já nas escolas primárias, já no Instituto Paranaense, onde fez jus aos mais honrosos grãos de aprovação (SILVA, apud MACEDO, A. et al, 1918, p. 21).

As considerações de Albino Silva foram feitas poucos dias após Julia Wanderley tomar posse na cadeira, criada pelo Ato nº 157, de 3 de julho de 1893, assinado pelo vice- presidente do Estado, Dr. Vicente Machado (FERRANTE, 1974, p.2).

Julia Augusta de Souza Wanderley, (...) toma posse no dia 4 de julho de 1893, tendo vencimento mensal de 121\$324 (cento e vinte e um mil, trezentos e vinte e quatro réis) do qual recebeu o valor líquido [referente ao mês de julho] de 66\$924 (sessenta e seis mil, trezentos e vinte e quatro réis) (...) (FERRANTE, 1974, p.2).<sup>119</sup>

No início de sua vida profissional no magistério público, o salário de Julia Wanderley tinha pouco poder aquisitivo. Por exemplo, se em 1893 ela quisesse ir e voltar de trem para a cidade de Palmeira, no Paraná, local onde seus avós maternos viveram por um tempo, gastaria, na primeira classe 18\$200 (dezoito mil e duzentos réis) e 10\$100 (dez mil e cem réis) na segunda classe (**A República**, 16/04/1893, p.3).<sup>120</sup> Se a professora quisesse comprar um **Compêndio de Botânica**, encadernado, da Editora Lambert, que estava à venda na Casa do Cidadão, de Augusto de Assis Teixeira, gastaria 2\$000 (dois mil réis) (**A República**, 3/01/1893, p.2). Em 1908, de acordo com Ferrante (1974, p.3), o salário de Julia Wanderley seria de 256\$666 (duzentos e cinquenta e seis mil, seiscentos e sessenta e seis réis), provavelmente já incorporado o cargo de diretora.

---

<sup>119</sup> Julia Wanderley foi classificação na 5ª classe (iniciantes) de professores normalistas. Entre 1891 e 1894, existiu uma divisão dos professores paranaenses em cinco classes, que eram determinadas pelo número de alunos que os professores conseguiam aprovar nos exames finais. No **Regulamento da Instrução Pública** de 1895, que manteve o privilégio dos normalistas (melhor remuneração em cada classe em comparação com os não normalistas), a classificação passa a ser por tempo efetivo de serviço e não mais pela quantidade de alunos aprovados. Os professores com até 10 anos de serviço pertenciam a 1ª classe, de 10 a 20 anos a 2ª classe e com mais de 20 anos a 3ª classe (OLIVEIRA, 1994, p. 93-99).

<sup>120</sup> No final do século XIX e início do XX, a moeda brasileira era o real, no plural réis: \$500 (500 réis), 500\$000 (500 mil réis), 500:000\$000 (500 contos de réis).

Raul Gomes no seu livro **Missão, e não profissão!** de 1928, reproduz, na primeira página e sob uma fotografia de Julia Wanderley, uma frase da professora: “A árdua tarefa de instruir e educar é mais uma missão do que uma profissão” (GOMES, 1928, p.1). A partir desta frase, Gomes constrói o título de sua obra literária e sua argumentação sobre as dificuldades financeiras que envolviam os professores públicos dos primeiros anos do século XX. Ele comenta sobre as palavras da professora Julia Wanderley:

Grandes e bellas palavras! Nobre e generoso coração o daquela mulher unica que, com a intuição dos gênios, marcava ao magisterio, o eterno humilhado e desprezado, lugar superior na hierarquia social, attribuindo-lhe não mera função, mas UMA MISSÃO (GOMES, 1928, p. 5, grifo do autor).

Raul Gomes (1928, p.5-6), apresenta seu livro como sendo um minucioso estudo da “digna atividade docente paranaense através da história e os seus dramáticos sofrimentos financeiros”. Compara o Paraná com outros estados como São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina. Argumenta que pela Lei nº 136 de 31 de dezembro de 1894, regulamentada em 9 de fevereiro de 1895, houve uma notável melhoria nos vencimentos dos professores e que as leis subsequentes nada ou quase nada alteraram os salários dos professores públicos do Paraná. Apresenta um quadro comparativo entre outras profissões para demonstrar a pauperização daqueles que ensinam:

<b>Cargos</b>	<b>Porcentagem de aumento de 1895 a 1926</b>
Lente da escola normal .....	60%
Chefe de Secção .....	66%
Director de Secretaria .....	110%
Presidente do Estado .....	172%
Secretario do Estado .....	185%
Major da Polícia .....	191%
Coronel da Polícia .....	241%

[...] De todos os seus colaboradores, o Estado lembrou-se dos mais altos aos mais infimos, como porteiros que forma beneficiados com elevações de 66%, os continuos de 73% e os serentes de 53%. E o professorado?

Ao professorado, ao pobre do professorado ocorreu esta coisa inaudita:

**Os normalistas de 1ª nomeação tiveram seus vencimentos diminuídos de 16%.** (GOMES, 1928, p. 25-26, grifo do autor)

Mais um sacerdócio que uma profissão e, cada vez mais uma missão feminina, o magistério, no máximo poderia ser uma complementação da renda doméstica, cuja responsabilidade primeira era do marido, do pai ou até mesmo do irmão. Raul Gomes (1928, p.26) comenta que “homens ilustres” do Paraná, devido aos baixos salários e à falta de reconhecimento do Estado “foram buscar noutras profissões, aquilo que o magistério, a carreira da fome, da miséria e da mediania não lhes garantia”.

A necessidade de completar a renda familiar teria sido a motivação para que Julia Wanderley desse aulas privativas e organizasse, mesmo antes de sua formatura na Escola Normal, uma escola particular? Segundo Ferrante (1974, p.9), Julia Wanderley “ministrou aulas de primeiras letras e de matérias isoladas e (...) possuiu uma escola particular, que teve o início de suas atividades em 3 de junho de 1892”. Chamada Escola de Dona Julia ou Escola Particular de Dona Julia, a instituição teria funcionado em um prédio no início da rua das Flores (atual rua XV de Novembro). É possível que este endereço seja o mesmo da loja do pai de Julia Wanderley, a Casa Verde (estabelecimento comercial que depois seria de seu marido). Ferrante escreve:

Desde muito cedo ministrou aulas de primeiras letras, de matérias isoladas, e, também, para preparar candidatos para exames nos estabelecimentos de ensino da época.

A “Escola Particular de Dona Julia”, instalada inicialmente em modesto prédio da Rua das Flores, foi frequentada por elevado número de alunos de ambos os sexos, desfrutando, por todo o seu tempo, de grande prestígio nos meios educacionais da cidade (FERRANTE, 1974, p. 16).<sup>121</sup>

Entretanto, não há informação oficial se existiu ou por quanto tempo teria funcionado a Escola Particular de Dona Julia.<sup>122</sup> O que é possível considerar, caso a Escola tenha efetivamente existido, é que a nomeação como professora pública pelo governo do Estado em 1893, além de lhe dar estabilidade financeira, exigiu uma dedicação que poderia dificultar sua atuação no seu estabelecimento particular de ensino. As poucas informações

---

<sup>121</sup> Ferrante não menciona o número de alunos. Nesse período, o governo do Paraná proporcionava subvenção aos professores particulares que tivessem um mínimo de 20 alunos (SOUZA, 2004, p.84).

<sup>122</sup> Entre memorialistas e biógrafos tradicionais consultados apenas Ferrante se refere à Escola Particular de Dona Julia.

sobre a escola particular desaparecem.

Continuando sua vida profissional, em 23 de julho de 1894 Julia Wanderley é nomeada para a 1º cadeira do sexo feminino de Curitiba. Cerca de seis meses depois, outra mudança, dia 8 de fevereiro 1895 ela toma posse como professora e diretora da recém inaugurada Escola Tiradentes, uma escola para meninas (FERANTE, 1974, p. 2).<sup>123</sup> Com a nomeação para dirigir a instituição escolar Julia Wanderley tornou-se a primeira professora normalista a ser diretora de escola pública no Paraná.

Certamente um acontecimento significativo, mas é preciso considerar o quanto nesses tempos de valorização do curso normal e de incentivo a entrada das mulheres no magistério, seria muito bem vinda à nomeação de uma normalista para um cargo de direção escolar, além disso, eram poucos os normalistas (homens e mulheres) no Paraná. Em 1895, eram apenas 5 professores e 5 professoras formados pela Escola Normal atuando em escolas mantidas pelo governo paranaense. No mesmo ano, atuavam nas escolas públicas paranaenses, 65 professores e 121 professoras não diplomados no curso normal (OLIVEIRA, 1994, p. 216).

Julia Wanderley irá dirigir e também lecionar na Escola Tiradentes, uma escola que passará a ser de 1º e 2º graus, primária. Em 1901, o **Regulamento da Instrução Pública do Estado do Paraná** dividiu o primário em de 1º e de 2º grau. O decreto nº 93, de 11 de março, determinava, em seu Título III, Capítulo I, Artigo 21, que as matérias do 1º grau seriam: Leitura e caligrafia; Noções de gramática e aritmética; Introdução a Geografia Pátria, especialmente a do Paraná; Noções de desenho; Recitação e leitura em voz alta; Composição e descrição elementar de cartas, Objetos e assuntos da vida comum; Noções de agronomia; Princípios de moral; Noções de economia doméstica e trabalho de agulha para as meninas. O 2º grau primário teria como

---

<sup>123</sup> A Escola Tiradentes, inicialmente voltada para a instrução primária, teve sua criação aprovada no governo do Dr. Francisco Xavier da Silva, pela Lei nº 10, de 16 de maio de 1892. Situada na época na esquina das ruas Conselheiro Barradas (hoje Carlos Cavalcanti) com rua do Serrito (hoje Barão do Cerro Azul), a Escola Tiradentes foi construída graças a uma cooperação entre o governo estadual e a Sociedade Propagadora da Erva-mate, presidida por Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul. O lançamento da pedra fundamental ocorreu em 19 de dezembro de 1892. Sua inauguração deu-se em 8 de fevereiro de 1895, quando foi empossada na direção da Escola a professora Julia Augusta de Souza Wanderley Petrich, pelo Diretor da Instrução Pública, Dr. João Pereira Lago (**Boletim da Casa Romário Martins**, 2005, p. 4; **Súmula histórica da Escola Tiradentes**, 2009, p. 1-4).

matérias: Gramática, compreendendo Análise Etimológica e Sintática e Morfologia; Aritmética em geral; Noções de Geometria Plana; Noções Gerais de Geografia e História da Pátria, especialmente do Paraná; Noções Gerais de Agronomia; Princípios de Moral; Decoração e Explicação de Trechos de Escritores Nacionais; Composição e Estilo Epistolar e Descritivo; Ginástica “de salão”; Corte e Costura e Bordado para meninas. A obrigatoriedade escolar, para meninos seria de 7 a 14 anos e para meninas de 7 a 12 anos (PARANÁ. **Decreto, nº 93**, p.91-92). Para a matrícula no 2º grau os alunos deveriam “(...) exibir certificado de aprovação nas matérias do 1º grau, passada pelo respectivo professor e autenticada pelo inspector escolar (...). (PARANÁ. **Decreto, nº 93**, Título III, Capítulo VII, Art. 49º, p.97).<sup>124</sup> Alunos e alunas aprovados em todas as matérias do 2º grau primário recebiam um “atestado de habilitação em taes matérias” (PARANÁ. **Decreto, nº 93**, Capítulo X, Art.57º, 5º, p.99). A aprovação no 2º grau era requisito para a matrícula na Escola Normal (Paraná. **Decreto, nº 93**, Título IX, Capítulo II, Art.221º, 2º, p.136).<sup>125</sup>

Em 22 de março de 1901, com 27 anos, Julia Wanderley tornou-se regente da Escola de 2º grau primário para meninas, da Capital, que funcionaria anexa a Escola Tiradentes (uma escola de 1º grau primário); a professora continuou como diretora da Escola Tiradentes. O **Relatório do Secretário de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública do Paraná**, Dr. Octavio Ferreira do Amaral e Silva, enviado ao Sr. Dr. Francisco Xavier da Silva, presidente do Estado, afirma:

---

<sup>124</sup> A divisão do ensino primário em duas etapas não era novidade no Paraná, sua forma variou ao longo dos anos. Confira, por exemplo, o **Regulamento** de 8 de abril de 1857, que dividiu as escolas primárias em de primeira e segunda ordem (esta última apenas para o sexo masculino) (apud MIGUEL, 2000, p.21). O primeiro regulamento escolar do período republicano, de 31 de janeiro de 1890, dividia o ensino primário em elementar e complementar. O Regulamento da Instrução pública de 1901 estabelecia a seguinte estrutura de instrução: ensino primário, ministrado nas escolas primárias mantidas pelo estado e dividido em 1º e 2º graus (somente nas cidades poderia haver os 2 graus), o ensino normal realizado pela Escola Normal de capital, e ensino secundário, ministrado no Ginásio Paranaense ou em outros estabelecimentos criados por Lei. (OLIVEIRA, 1994, p.47-57).

<sup>125</sup> Para obter o certificado de 2º grau primário, que dava condições para o aluno frequentar o grau secundário, o aluno também poderia requerer ao Diretor Geral da Instrução Pública exame das disciplinas do 2º grau nas escolas que ofertavam tal ensino (Paraná. **Decreto, nº 93**. Título IX, Capítulo II, Art.221º, 2º, p.136). Sobre o ingresso no Ginásio Paranaense, veja: Paraná. **Decreto, nº 93**. Título VI, Capítulo VII, p.129.

Tendo o regulamento em vigor, dividido o ensino primario em 1º e 2º grãos, apenas funcionam, como escolas de 2º grão, duas nesta capital, que são as dos professores Francisco de Paula Guimarães e D. Julia Wanderley Petrich, continuando ainda as demais escolas como ensino do 1º grão (SILVA, 1901, p.11).

Em um período que, como afirma Souza (1998, p. 62-63), “era pelo professor que se poderia reformar a escola e levá-la a realizar as grandes finalidades da educação pública”, ser professora (e de 2º grau) e diretora escolar eram atividades que se revestiam de grande responsabilidade e evidência. Julia Wanderley procurará se mostrar através de seus Relatórios Escolares de 1905 e 1908, como uma professora ‘padrão’, reprodutora competente das ideias pedagógicas que então se difundiam pelo Paraná.<sup>126</sup>

No seu Relatório Escolar de 1905, Julia Wanderley fortalece a sua identidade como professora que praticava as mais modernas ideias sobre educação e, indiretamente, como diretora eficiente na difusão do Método Intuitivo. Suas palavras são evidentemente pautadas em teses de Pestalozzi sobre a importância de se educar também o físico dos alunos:

(...) considerando a criança como um composto de corpo e alma, não deverá o professor esquecer-se da sua natureza physica, tratando em primeiro lugar dos cuidados que devem ser dispensados ao corpo. *Mens sana in corpore sano*.(...)  
Como medida de grande alcance hygienico, no fim das diversas lições diárias, concedo as alumnas um pequeno intervalo para repouso do espirito e exercicio dos membros, durante o qual, sob minha immediata direcção, marcham, cantam e fazem exercícius ao ar livre no vasto jardim que circunda este edificio escolar (PETRICH, 1905, p. 5)

Três anos depois, no Relatório Escolar de 1908, Julia Wanderley reforça

---

<sup>126</sup> De acordo com Souza (1998, p. 80-81) os relatórios escolares também eram utilizados pelos diretores/professores para fazerem considerações sobre suas necessidades e sobre os melhoramentos que as escolas precisavam. Julia Wanderley, nos Relatórios Escolares de 1905 e 1908, informa sobre melhorias que haviam resultado de solicitações feitas. Em 1905 escreve: “em Agosto do corrente anno foram executados os reparos de que carecia este prédio, que se acha hoje em excellentes condições de solidez e asseio” (1905, p.7). Três anos depois, a professora e diretora afirmaria que uma das salas de aula da escola, com capacidade para 70 a 80 alunas, mas sem a ventilação necessária, havia sido arrumada graças a ordem do Inspetor Escolar que, também, havia providenciado reparos nos sanitários da escola (1908, p.1). Os relatórios escolares eram também mais uma das formas de controle sobre a escola, seus professores (ideias pedagógicas, práticas educativas) e alunos; reforçava a hierarquia e concorria para a padronização do ensino.

o aspecto essencial do cuidado com o corpo, atrelado a moral, ambos como inspiradores da ordem e da saúde para os futuros cidadãos:

(...) considero de grande importancia a educação physica pelo auxilio que incontestavelmente presta a educação moral. Portanto deste assumpto, procuro sempre cuidar da hygiene em primeiro lugar, conservando a sala de aula e suas dependencias no maior asseio. Não me esquecendo que a mobilidade é necessária a natureza da criança, ministro-lhes sempre lições curtas e variadas, permittindo que vão ao jardim, uma ou duas vezes por dia, sem prejuízo, porém da disciplina e dos trabalhos escolares.

(...) concedo as alumnas um recreio geral de meia hora, durante o qual brincavam ao ar livre no patêo do jardim desta Escola, cantando, marchando, correndo e fazendo diversos exercicios de gymnastica escolar sob minha direcção (PETRICH, 1908, p. 10).<sup>127</sup>

O recreio, mencionado por Julia Wanderley, era instituído como necessário, porém isso não significava que não era um período de “aprendizagem”, ele deveria ser fiscalizado, para que não ocorressem algazarras, gritarias, correrias ou certo tumulto. Quando Julia Wanderley afirma enfaticamente que as alunas são por ela direcionadas no recreio, ela reforça o papel do professor, que além de ensinar/orientar seus alunos, também deve fiscalizar, corrigir e, quando necessário, punir. O recreio está, portanto, “investido de moralidade”,<sup>128</sup> de uma moral que disciplina e organiza os atos dos indivíduos que viverão na sociedade do trabalho do início do século XX. Como escreveu Meurer (2008, p. 120), a rotina escolar que se estabelecia nas instituições de ensino apresentava uma gama de procedimentos rigorosos sobre o tempo, o espaço e as pessoas. Ele cita como exemplares “a racionalidade das filas e dos sinais, a marcha, a postura dos alunos”. Nesse período, segundo Moraes (1999, p.191), “formar o educando é transformá-lo em cidadão prepará-lo para assumir diante da sociedade o seu papel – aquilo que a sociedade espera dele”.

---

<sup>127</sup> Esse ideal de boa constituição do brasileiro terá no movimento sanitário, a partir de meados dos anos 1910, uma de suas mais completas expressões (BERTUCCI, 2007).

<sup>128</sup> Havia de acordo com Sidmar Meurer, uma moralidade manifestada no momento do recreio, em função do tempo e do espaço, as aglomerações de alunos eram proibidas. Meninos e meninas tinham recreios separados. As atitudes, as atividades e as brincadeiras das crianças eram fiscalizadas. Se estabelecendo um consenso entre o que era e o que não era legítimo ou permitido no recreio escolar. A escolarização primária objetivava instrumentalizar e qualificar mão de obra para o mundo do trabalho, em especial ao processo de industrialização (MEURER, 2006, p. 125-130).

Fiel servidora da educação promovida pelo Estado, Julia Wanderley continua seu Relatório Escolar de 1905 reafirmando a importância das atividades físicas atreladas ao desenvolvimento dos sentidos, detalhando um pouco mais o que eram essas atividades em 1908:

Ao mesmo tempo que dirige esses exercícios físicos, deve o mestre especialmente tratar da educação intelectual de **seus discípulos**, exercitando e desenvolvendo com igual solicitude esse precioso grupo de faculdades que constituem a inteligência.

A percepção, a atenção, o juízo, a memória, e a imaginação serão assim igualmente aperfeiçoadas e harmonicamente desenvolvidos (...) (PETRICH, 1905 p. 5-6, grifo meu).

Alem destes exercícios diários que poderosamente concorrem para desenvolver e fortalecer os membros e os órgãos, fazem duas vezes por semana exercícios do aparelho respiratório, cantos cômicos, leitura em voz alta, declamação, etc. Procuro também cuidadosamente desenvolver os órgãos dos sentidos, educando principalmente a vista, por meio do ensino do desenho. (...) (PETRICH, 1908, p. 10).

O termo “discípulos”, usado por Julia Wanderley, é revelador da representação que se fazia da postura do professor, como líder, alguém que deveria ser imitado, seguido. Os representantes máximos da educação paranaense, entre eles diretores de ensino, superintendentes, inspetores (a grande maioria homens), fortalecerão tais ideais de instrução pública como solução dos problemas sociais, insistindo na importância da vida digna e na postura do professor. No caso de uma professora seria muito desejável que essa imitação concorresse para o aumento do número de professoras primárias. Fato estimulado pela professora Julia Wanderley ao encaminhar muitas das suas alunas para cursarem o magistério, pois de acordo com Raul Gomes “mais de 300 moças ela instrui e perto de 200 encaminhou para a escola Normal” (GOMES, 1928, p. 164).

Ainda em 1893, o Superintendente Geral do Ensino do Paraná, Dr. Victor Ferreira do Amaral, deixou registrado no **Livro Termos de Visitas** da Escola Tiradentes, comentário significativo a respeito da relevância da professora Julia Wanderley como auxiliar na civilização do povo:

Voltando hoje à escola pública regida pela Sra. Professora D. Julia Augusta de Souza Wanderley e assistindo aos exercícios escolares tão habilmente dirigidos pela distinta preceptora, fiquei agradavelmente surpreso ante os progressos apresentados pelos alumnos (...). Tal resultado é devido à sua grande ilustração e sobretudo ao gosto e vocação especial que ella tem patenteado no exercício do magistério. (...) Oxalá que ella seja perseverante e prossiga sempre com o mesmo entusiasmo pela santa causa da instrução pública, que é o escalão por onde se mede a grandeza e o estado de civilização de um povo (AMARAL, apud MACEDO et al, 1918, p. 22).

Praticamente repetindo as palavras escritas em 1905, Julia Wanderley irá afirmar em 1908:

A educação intellectual, tendo por objeto o desenvolvimento das faculdades que constituem a intelligencia deve merecer especial atenção dos professores primários. (...) Desenvolver harmonicamente (...) exercitando simultaneamente a percepção, atenção, o juizo, o raciocinio, a reflexão, a memoria, a imaginação, fazendo sobretudo os alumnos pensarem logicamente (...) conforme o gráo de adiantamento intellectual de cada alumno aplico maior ou menor esforço para que possam todos conhecer o sufficiente (PETRICH, 1908, p. 10).

E Julia Wanderley, em 1905 e 1908, não poupa frases para saudar a educação da criança como o caminho para a construção do futuro da nação e para destacar o papel ímpar do professor (principalmente da professora) nesse processo.

A instrução, esclarecendo-lhe o espírito e fornecendo-lhe a luz do saber, completa o seu aperfeiçoamento, collocando-a na altura dos mais elevados destinos. (...) com o fim de incutir no espirito das minhas alumnas os edificantes sentimentos de amor à pátria e de homenagem e respeito aos grandes vultos consagrados na nossa história, faço ligeiras preleções nas vésperas dos dias de festa nacional, explicando, em linguagem precisa e clara, o facto historico que se deve commemorar com todo entusiasmo e patriotismo (PETRICH, 1905, p. 2-3).

Sendo o fim da escola formar não só o homem para sociedade como também o cidadão para a pátria (...) as funções do pedagogo devem ser collocadas entre as mais importantes do Estado por que têm por fim a educação moral e cívica do povo, a qual se liga estreitamente a sua educação politica tambem. (...) Pois, da educação das crianças que hoje frequentam as escolas primarias, dependem incontestavelmente os destinos da sociedade de amanhã (...). Efectivamente um menino mal educado, não comprehendendo

os deveres do bom filho e do bom irmão, não possuindo os delicados sentimentos de amor e carinho, será mais tarde um homem incapaz de sacrifício e abnegação pelo bem da família a que pertence ou da sociedade em que vivi (PETRICH, 1908, p. 12).<sup>129</sup>

Professora exemplar, Julia Wanderley não perdeu a oportunidade para se apresentar como mulher culta e dedicada. Professora do 2º grau primário, ela aproveita a chance para afirmar que lecionava além das matérias do programa:

(...) ligeiras noções de botânica, sempre relacionando a exemplos da natureza (...) também passava as alunas algumas noções elementares de zoologia, anatomia e physiologia por julgar que comquanto essas materias não façam parte do programma official, são todavia de grande utilidade para os conhecimentos geraes que toda moça deve adquirir (PETRICH, 1905, p.9-10).<sup>130</sup>

E continua no Relatório Escolar de 1908, fortalecendo sua identidade de mulher ilustrada, que ensinava “às classes mais adiantadas, ligeiras noções de francez e sciencias naturaes” (PETRICH, 1908, p. 9).

Mas, em nenhum momento Julia Wanderley deixou de valorizar o ensino das “prendas domésticas” (depois denominadas Trabalhos Manuais). No Relatório Escolar de 1905 é apresentado um item específico: Exposição de Prendas, no qual Julia Wanderley atesta que 150 objetos “de diferentes formatos e diversos generos foram confeccionados pelas laboriosas alumnas [da Escola Tiradentes]” (1905, p. 16). Os trabalhos foram expostos em evento que contou com a participação de familiares das alunas, da comunidade em geral e de administradores do ensino no Estado. Julia Wanderley agradeceu pela efetivação do evento que ocorreu segundo suas palavras, “graças aos louváveis esforços do benemerito Inspector Escolar da Capital” (PETRICH, 1905, p.16-17).

---

<sup>129</sup> Julia Wanderley (1908, p.13), sugere ao Diretor Geral da Instrução Pública, como estratégias cívicas, de estímulo ao patriotismo, a organização de pequenos Museus Escolares, “onde figurariam especimens das principaes produções e industrias do Estado” e que poderiam ser enriquecidos com materiais “coligidos pelos próprios professores e alumnos”. Esta prática, segundo a professora, também tornaria a escola mais prazerosa e interessante para atrair mais alunos e envolve-los em um projeto de construção nacional.

<sup>130</sup> Julia Wanderley, no Relatório Escolar de 1908 (p.4), afirmaria: “não menos util seria também que as disposições regulamentares permittissem aos professores fazer uma vez por mes, pequenas excursões ao campo, em companhia das alumnas, afim de lhas ministrarem noções de geographia e sciencias naturaes”. Mais uma evidência das ideias de Pestalozzi.

No Relatório Escolar de 1908, combinando o que era considerado próprio do ser feminino com outras possibilidades de aprendizado, a professora expõe que:

No ensino de todas as materias, enfim, o meu principal objetivo é sempre preparar as alumnas para a vida pratica, dando-lhes noções utilitarias das quaes possam tirar o maior proveito possivel.(...)

Considero o trabalho manual como um poderoso auxiliar do ensino em geral (...) exercito minhas alumnas em todos esses trabalhos, ensinando-lhes corte, costura, crochet, bordados de diversas especies, trabalhos a phantasia, exercicios de desenho e cartographia, etc, etc (PETRICH,1908, p.12,14-15).

A escola pública primária do início do século XX pretendia formar e orientar crianças e jovens para atuar dignamente na sociedade o que, segundo Nascimento (2009, p. 3), atribuirá à instituição a função de “produzir uma população ordeira e disposta ao trabalho, imbuída de valores patrióticos”. E Julia Wanderley, como vários outros professores e professoras, colaborará na empreitada para a transformação da escola primária de ler-escrever-contar em uma escola de educação integral (corpo, mente e alma), que instrua “para a vida prática”.

Quanto à forma de ensinar, além de propostas do Método Intuitivo, Julia Wanderley escreve no Relatório Escolar de 1905 que estava “empregando o modo simultaneo na regencia”. O ensino simultâneo, baseado na classificação e divisão dos alunos pelo grau de aprendizagem, ganhava destaque desde o final do Oitocentos. Esta forma de organização do ensino resultou na padronização e dinamização das aulas, pois o professor poderia ensinar, ao mesmo tempo (com a utilização do quadro negro e outros materiais), diversos alunos de um mesmo nível de saber – não precisaria ir de carteira em carteira ensinando, individualmente alunos de níveis diversos (SOUZA, 2008, p.36-53). Mas, a implementação desta forma de ensino aconteceria de forma paulatina, é o que fica explícito pelas palavras de Julia Wanderley. Depois de mencionar que, por serem suas aulas frequentadas por muitas alunas, ela dividiu a turma em duas classes, a professora informa:

A primeira classe, composta das mais atrasadas, está subdividida em duas secções. A segunda classe constituída pelas mais adiantadas, acha-se igualmente subdivididas em

duas secções, sendo a primeira das atrasadas e a segunda das mais adiantadas (...) dirigindo-me muitas vezes a cada alumna separadamente afim de verificar se realmente ha o aproveitamento desejável (PETRICH, 1905, p.11).<sup>131</sup>

Continuando Julia Wanderley (1905, p.11-12) justifica, que embora adotasse o ensino simultâneo “por ser o único vantajosamente applicavel numa escola frequentada por crescido numero de alumnos mais ou menos no mesmo gráo de adiantamento”, muitas vezes utilizava um misto de ensino simultâneo e individual, visto que algumas alunas precisavam ser atendidas separadamente, e mais, informa que nos sábados recorria às alunas mais adiantadas “que preenchiam então as funções de monitoras”, e ela apenas supervisionava. Assim Julia Wanderley, símbolo da modernidade, dos novos tempos, recorria à metodologia criticada e ‘supostamente’ abandonada: o Método Mútuo ou Lancasteriano.

Dois anos depois a fala da professora muda sutilmente. Em 1908 Julia Wanderley afirma que “pacientemente” era ela pessoalmente que “repetia as lições” para as “de intelligência fraca”, a menção a práticas relacionadas ao método lancasteriano (as monitoras) desaparece. Seria apenas retórica?

Ha em todas as classes meninas sagazes e activas, ao lado de outras de intelligencia fraca (...) com estas ultimas me ocupo muitas vezes em particular, me limitando as noções mais elementares da materia e pacientemente repetindo as lições ja explicadas à classe (PETRICH, 1908, p. 11).<sup>132</sup>

A disciplina era requisito fundamental para o sucesso do ensino simultâneo, a ordem das carteiras, a atenção ao professor, o silêncio. E a disciplina foi uma marca da atuação da professora Julia Wanderley. Maria Nicolas (1977, p.182), que foi aluna de Julia Wanderley, sua colega de trabalho e, substituindo-a em sala de aula durante o tempo de sua licença médica e, também, após o seu falecimento, comenta que a professora parecia

---

<sup>131</sup> A implementação do ensino simultâneo, devido a necessidade de dividir as escolas, acarretou 3 problemas: 1º de ordem teórica, que se referia aos critérios de agrupamento das crianças e qual o número de divisões que deveria ser feito; 2º de ordem psicológica, como mudar a mentalidade dos professores acostumados com o método individual; 3º de ordem técnica, dizia respeito ao modo de organizar o plano pedagógico, isto é, os programas de ensino (SOUZA, 1998, p. 34-35).

<sup>132</sup> A partir da década de 1860, o termo ‘classe’ adquiriu nova vida. Em realidade, instrução simultânea e ensino de classe passaram a ser usados como sinônimos. A palavra classe, especificamente, devia ser aplicada a qualquer agrupamento de crianças a cargo de um professor recebendo instrução de uma mesma matéria (SOUZA, 1998, p. 34).

“disciplinada militarmente”. Até com as colegas de trabalho Julia Wanderley se mostrava acolhedora, mas firme, segundo Nicolas (1977, p. 182), as defendia e amparava quando injustiçadas, mas “não sem lhes dizer umas boas palavras em relação a sua fraca competência (...). Isso era-lhe como um dever sagrado”. Nicolas descreve a personalidade de Julia Wanderley como um misto de rigidez e tolerância, entretanto deixa escapar mais um comentário desconcertante referente ao seu tempo de aluna:

O que nos aborrecia, quando seus alunos, era nos deixar de castigo, quando algumas erravam a lição, muito embora houvésemos sabido, isto é, respondido certo. Mas, em sua sábia compreensão não nos castigava, nem nada nos dizia, quando ressentidas com a injustiça, não respondíamos as suas perguntas após haver passado o prazo do castigo de pé. Era humana. Justa (NICOLAS, 1977, p. 182).

Até mesmo em uma situação em que a professora havia cometido um ato que poderia ser classificado de injusto, afinal se alguma aluna errava a lição todas ficavam de castigo, Maria Nicolas conclui afirmando que Julia Wanderley era compreensiva, humana, justa, enfim uma sábia. A lembrança de Nicolas, marcada pelos acréscimos e esquecimentos dos anos, ameniza a crítica e as possíveis mágoas de alunas que se sentiam humilhadas. A imagem ilibada de Julia Wanderley, construída por décadas vence e a professora é retratada como uma pessoa próxima da perfeição.

É possível relacionar a fala de Maria Nicolas com um trecho do texto de Erven, no qual o biógrafo tradicional atrela a firmeza e a justiça da professora ao seu comprometimento pedagógico próximo ao de uma ‘boa mãe’:

Cientista vocacional, espírito trabalhador, extranha aos excessos de ‘coquetterie’ próprios da idade, valor consciente, autoritária sem despotismo, inimiga da opressão, alma bem feminina (ERVEN, 1945, p.14).

No Relatório Escolar de 1908, Julia Wanderley (1908, p. 14), explicitou quais eram suas ideias sobre ordem e disciplina que, segundo ela, teriam como objetivo estimular as alunas através de “justas recompensas [elogios em público, nome no quadro de honra, etc] pela dedicação e bom comportamento”.

A professora também esclareceu a necessidade dos castigos em algumas situações, como auxiliar na formação moral:

Quando recompensas conferidas aos alumnos que mais se distinguem pela boa conducta, não bastam para incitar todos ao cumprimento dos deveres escolares, sou então forçada a recorrer a punições, applicando castigos moraes. (...) Uso de mais severidade, sempre na proporção da falta cometida e assim recorro a outros meios, ora obrigando os alunos a copiar longos trechos que versam principalmente sobre assumptos moraes, servindo para expiar a falta praticada, prestando-se ainda ao duplo fim de aperfeiçoar o seu coração e obrigar-a a fazer a fazer exercicios de escripta ou de grammatica, ora privando-a do recreio, com trabalho e finalmente, detendo-a na sala das aulas, pelo espaço maximo de uma hora (...) (PETRICH, 1908. p. 14).

Os castigos físicos e morais eram muito aplicados nas escolas primárias no século XIX como forma de disciplinar o corpo e alma de crianças e jovens (DALCIN, 2005, p.62). A partir de final do Oitocentos e das novas teorias sobre educação, baseadas amplamente em Pestalozzi, mas também em Rousseau e outros pensadores, houve um questionamento dos castigos físicos, entretanto a repreensão moral, como ação educativa, continuou aceita. Assim a punição moral, mesmo pública, tanto quando o elogio, fazia parte do ato educacional, ainda no início do Novecentos.

Em 1974, o jornal a **Gazeta do Povo**, de 15 de outubro (dia do professor), publicou um artigo de Cid Destefani intitulado: 'Julia Wanderley, a mestra', ilustrando o texto há entre outras, uma foto (sem data) mostrando uma mulher de costas (nomeada como sendo Julia Wanderley), acompanhando alunas durante um evento cívico, um desfile (em um estandarte está escrito Escola Tiradentes). Uma das alunas chora, o autor do artigo comenta:

Dona Julia Wanderley foi uma professora que formou outras grandes mestras, mas suas alunas não escapavam de um bom 'pito' quando era merecido. Nesta foto curiosa vemos a mestra chamando a atenção de suas alunas em plena Rua XV e a moça desatando em prantos (DESTEFANI, 1974, p.5).



FIGURA 17 - JULIA WANDERLEY EM DESFILE CÍVICO  
FONTE: **GAZETA DO POVO** (15/10/1974, p.5)

A aluna estaria chorando devido à admoestação da professora ou já trazia consigo algum problema extra-escolar? Impossível saber. Mas a cena chama a atenção de suas colegas, que observam atentamente Julia Wanderley.

As fotografias, como outros documentos, não falam por si só, representam intenções, algumas visíveis e outras ocultas. Mas o comentário feito pelo autor do artigo sobre a imagem do desfile é revelador, concorrendo para a atualização da memória da personagem histórica Julia Wanderley. Destefani afirma que ela “foi professora que formou outras grandes mestras”, e se refere ao “pito” recebido pela aluna como “merecido”.

Em 1912, um acontecimento singular, relacionado à prática disciplinar e ao castigo, marcaria a carreira da professora Julia Wanderley. Ela foi acusada formalmente de ter agredido uma aluna em sala de aula e um processo

disciplinar foi instaurado em 27 de março por ordem do Diretor Geral da Instrução Pública. A denúncia foi feita pelo Coronel Francisco Cabral da Silveira, que afirmou que sua filha, Nair Cabral da Silveira, de 11 anos, aluna do Grupo Escolar Tiradentes havia sido “esbofetada em plena aula, pela própria professora Sra. Julia Wanderley” (FERRANTE, 1974, p.4).

A professora se defendeu da acusação por escrito, e apelou para a lembrança de sua trajetória pessoal/profissional, sua “irresistível vocação”, um verdadeiro sacerdócio, realçando seu esforço “ardoroso” e sua “súplica” para conseguir, “com grande dificuldade”, que a Escola Normal aceitasse a presença feminina em suas salas de aula e acrescentou que seu trabalho educativo é “mais uma missão do que uma profissão”.<sup>133</sup> Impossível não considerar como, mesmo nesse momento negativo, Julia Wanderley soube utilizar e reforçar a construção positiva de sua memória.

(...) e unicamente guiada pelos impulsos da minha irresistível vocação para o ensino, o que nem todos possuem tomei a inabalável resolução de me matricular no Curso Normal do Estado, até então destinado exclusivamente ao sexo masculino, e, quando empenhada nessa ardorosa tarefa, requeri, pedi e supliquei ao governador de então General Aguiar Lima, e com grande dificuldade consegui que se tornasse promíscua a Escola Normal, em fevereiro de 1891. Eu bem sabia que ia encetar os estudos para uma carreira de sacrifícios (...) (PETRICH [1912] apud **Boletim da Casa Romário Martins**, 2005, p. 3-4).<sup>134</sup>

A professora foi inocentada. Depuseram em sua defesa, alunas, várias professoras e o Inspetor Geral de Ensino, o Sr. Enéas Marques. Em 12 de abril de 1912, o presidente do Estado, Carlos Cavalcanti determinou: “(...) mando que seja arquivado o presente processo e dado como não existente”

---

<sup>133</sup> Frase que utilizada por Raul Gomes como título do seu livro: **Missão, e não profissão** em 1928.

<sup>134</sup> O processo ou sua transcrição completa não foram encontrados. Pesquisas foram feitas no Fórum Cível de Curitiba, na Vara de Família de Curitiba, no Arquivo Público do Paraná, na Secretaria de Educação do Estado do Paraná, no Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, no Museu Paranaense e na Biblioteca Pública do Paraná, onde apenas foi encontrado no **Diário Oficial do Estado do Paraná** de 14 de abril de 1912, item Despachos do Exmo Sr. Dr. Presidente do Estado de 10 de abril de 1912 com a seguinte menção: “O Exmo Sr. Dr. Presidente do Estado por decisão de ontem julgou improcedente a ‘*queixa*’ dada a professora Julia Wanderley Petriche” (grifo meu).

FERRANTE, 1974, p.4)<sup>135</sup>. Nada mais foi, oficialmente, comentado sobre o caso. Mas, apesar do processo arquivado, é possível ainda perguntar: se o pai da menina não fosse um Coronel, o caso teria sido considerado pelas autoridades estaduais? Qual a relação das testemunhas de defesa com a professora? Não existiriam outros casos, como o de Nair, ou da anônima menina chorando em pleno desfile? Silêncio... Questões que foram impossíveis responder.

Cerca de dois anos depois do processo administrativo (da queixa...), Julia Wanderley, professora normalista, louvada por sua atuação como educadora é encarregada a partir do dia 14 de janeiro de 1914, da direção do recém organizado Grupo Escolar Tiradentes, específico para meninas.<sup>136</sup> Nesta sua nova forma escolar, o corpo docente do Grupo Escolar Tiradentes era composto por Julia Wanderley, diretora e professora da 4ª série; Maria Ângela Franco, professora da 3ª série; Maria do Carmo G. Menezes, professora da 2ª série, e Noemia Pinto Rebello, professora da 1ª série.



FIGURA 18 - GRUPO ESCOLAR TIRADENTES: PROFESSORA JULIA WANDERLEY E ALUNAS [19-] COLEÇÃO JULIA WANDERLEY ACERVO: ACERVO: MUNESP/ SBEE

Em 1915 Julia Wanderley foi elevada a professora de 3ª classe (a mais graduada) dos professores normalistas do Paraná, por ter mais de 20 anos de efetivo exercício do magistério público. No mesmo ano, dia 9 de dezembro, Julia Wanderley foi nomeada membro efetivo do Conselho Superior do Ensino

<sup>135</sup> De acordo com as fontes encontradas Julia Wanderley como estratégia de defesa usa de seu capital simbólico para valorizar seus feitos como professora e tira a atenção do foco de que é acusada, porém não nega sua ação disciplinar sobre a aluna.

<sup>136</sup> O primeiro Grupo Escolar do Paraná foi inaugurado em Curitiba no ano de 1903, conhecido como Grupo Escolar Xavier da Silva, criado para servir de modelo a outros grupos que se pretendia fundar na capital e em outros municípios do Estado (BENCOSTTA, 2001, p. 108-109).

Primário do Estado <sup>137</sup> e foi designada, dia 27 do mesmo mês, “professora e diretora da Escola Intermediária [que funcionaria anexa ao Grupo Escolar Tiradentes], cujo curso daria às diplomadas matrícula na Escola Normal” (PILOTTO, 1975, p. 4). <sup>138</sup> Mas, as formadas na Escola Intermediária, segundo Oliveira (1994, p. 217), já poderiam atuar como professoras efetivas (isto é, nomeadas com direitos de normalistas) em escolas de localidades do interior do Paraná. Para escolas e grupos escolares da Capital a preferência eram os diplomados pela Escola Normal.

Mas sua atuação nas novas funções durou pouco, pois, em agosto de 1917, Julia Wanderley adoeceu gravemente e solicitou afastamento, por três meses, de suas atividades escolares e do Conselho Superior do Ensino Primário do Estado. Em outubro do mesmo ano, tentou reassumir suas funções, mas não conseguiu. Não voltaria a atuar profissionalmente.

Erven (1945, p. 30), afirma que a última aparição pública de Julia Wanderley foi uma visita ao Grupo Escolar Tiradentes, vinte dias antes de sua morte. Maria Nicolas, que a substituiu na regência, relembra:

Depois de operada, passando por alguma melhora, ainda visitou a sua Escola Intermediária. Estávamos dando uma aula: de pé, atrás da sua mesa, falávamos. Ao abrir-se a porta, vimola abatida, mas sorriu-nos. Quisemos falar-lhe, acenou com uma mão que não, e foi andando para a sala de D. Maria Angela Franco. Ao meio da sala voltou-se e pronunciou para mim, estas últimas palavras: “Muito bem, Maria Nicolas, mas, mais devagar, mais devagar (...)” Virou-se e entrou na citada sala. Daí só a vi no caixão mortuário. Lúcida até o último instante, determinou todas as suas últimas vontades ao esposo e ao filho (NICOLAS, 1977, p.182).

---

<sup>137</sup> Em 1915, com a aprovação do Código do Ensino, foi instituído o Conselho Superior do Ensino Primário (antes Conselho Superior de Ensino), tendo como atribuições definir os horários, programas, métodos e processos a adotar nas escolas primárias, bem como escolher livros didáticos e apurar o recenseamento da população escolar do Estado, entre outros (PARANÁ. **Decreto nº 710**, Título I, Cap. II, p.337-339). Julia Wanderley, pelo Decreto nº 799 de 9 de dezembro de 1915, fará parte deste Conselho (com pessoas com quem já tivera convivência, como Sebastião Paraná e Veríssimo de Souza), ela será representante de grupo escolar (suplente Veríssimo A. de Souza, do Grupo Escolar Xavier da Silva). Em 1915, fariam parte do Conselho, com os respectivos suplentes, além de um (a) professor(a) de grupo escolar; um catedrático da Escola Normal de Curitiba (Sebastião Paraná, suplente Lysimaco Ferreira da Costa); um(a) professor(a) de escola simples (Antonio Alvez de Souza, suplente Maria Emiliana Guimarães e Silva), e um(a) de jardim de infância e escola maternal (Joana Falce Scalco, suplente Maria Deolinda de Assumpção) (**Relatório 1914; Leis de 1915, Decreto nº 799** – Arquivo Público do Paraná).

<sup>138</sup> A criação da Escola Intermediária constava no Código de Ensino de 1915 (PARANÁ. **Decreto, nº 710**. Título IV, Capítulo Único, p.371-372)

Após o falecimento de Julia Wanderley, dia 5 de abril de 1918, quem assumiu a direção do Grupo Escolar Tiradentes foi Alba Guimarães Plaisant, professora da escola, ex-aluna de Julia Wanderley. A nova diretora recebeu carta de Raul Gomes, em 25 de abril de 1918, na qual o escritor enaltecia sua antecessora e, também, elogiava o Grupo Escolar Tiradentes e, indiretamente, a própria Alba Plaisant:

Desenvolvendo obra de seleção em que operava estupendo descortínio e argúcia penetrante, D. Julia pode cercar-se, de pouco em pouco, salvante uma ou outra exceção discrepadora de um núcleo homogêneo e brilhante de professoras que, cada uma na sua especialidade, colaboraram na tarefa gigantesca e árdua de sustentar a Escola Tiradentes no posto de honra da instrução pública do Estado (GOMES, apud PILOTTO, 1975, p. 5).

E assim Julia Wanderley, lembrada como a primeira professora normalista paranaense que efetivamente frequentou a Escola Normal, também é lembrada como professora e diretora de uma escola onde, graças a sua habilidade para se cercar de um grupo “brilhante de professoras”, ocuparia o “posto de honra da instrução pública do Estado”. Mais um elemento significativo na construção e manutenção do mito Julia Wanderley.

## CAPÍTULO 3

### JULIA WANDERLEY E A FALA DE SEUS CONTEMPORÂNEOS: CONSTRUINDO UMA MEMÓRIA, FORJANDO UM MITO

Os mortos são os invisíveis, mas não os ausentes.  
Victor Hugo



Poucas semanas depois da morte de Julia Wanderley, que ocorreu no dia 5 de abril de 1918, o médico, professor, ex Diretor Geral da Instrução Pública, Victor Ferreira do Amaral, escreveu na brochura **Julia Wanderley - homenagem** (Poliantéia), que a professora e diretora escolar, que também era sua comadre (ele batizou Julio Petrich da Costa) e havia sido sua paciente, era “*prima inter pares*” (AMARAL, apud MACEDO et al., 1918, p. 7); adjetivação repetida, em 1977, por Maria Nicolas, ex-aluna e colega de Julia Wanderley, que afirmou também que a professora era “considerada *prima inter pares*” (NICOLAS, 1977, p. 182). Praticamente 60 anos separam as duas declarações, sinal evidente da persistente validação de uma memória<sup>139</sup> específica sobre a personagem histórica biografada, uma memória que extravasou as fronteiras do Paraná. No **Dicionário das mulheres do Brasil, de 1500 até a atualidade**, organizado em 2000 por Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil, o verbete Julia Wanderley traz como epígrafe a frase: “a primeira professora do Paraná” (2000, p.306). Informação equivocada, mas que traduz a força da memória que foi construída e reafirmada da *prima inter pares*.<sup>140</sup>

Essa memória, “memória enquadrada”, absorvida pelo coletivo concorreu para que fosse forjado<sup>141</sup> o mito Julia Wanderley, modelo da professora paranaense. Como escreveu Pollack (1989, p.3, 9-10; 1992, p.204-205) memória coletiva é uma memória estruturada, com hierarquias e classificações, que definem o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros e, assim, reforçam sentimentos de pertencimento e fronteiras socioculturais. Esse enquadramento de memória traduziria o balizamento da memória coletiva de um grupo, dentro de limites que enfatizam alguns aspectos em detrimento de outros, dependendo das diferentes necessidades de uma

---

<sup>139</sup> Como escreveu Ranzi (2007, p.322-324), resumindo ideias de Pierre Nora, memória apresenta sentimento de continuidade, não faz ruptura entre o presente e o passado, expressa uma ligação afetiva e física (não há relação de exterioridade ou distanciamento), uma relação pessoal e/ou grupal.

<sup>140</sup> O verbete Julia Wanderley, traz dados que amenizam, mas não explicitam de forma contundente, o equívoco expresso na epígrafe (SCHUMACHER; VITAL BRAZIL, 2000, p.306-307). Outras seis paranaenses são citadas: Cordélia Ferreira (rádio atriz), Elvira Faria Paraná (professora, autora de textos para imprensa curitibana), Julia da Costa (poetisa), Leonor Castellano (professora e feminista), Liberata (escrava que lutou na justiça por sua liberdade) e Mariana Coelho (que nasceu em Portugal, mas no Paraná foi escritora, professora e feminista) (SCHUMACHER; VITAL BRAZIL, 2000, p.168-169, 196, 304, 325, 327 e 418)

<sup>141</sup> Forjar aqui atribuído com o significado de: constituir, compor ou fabricar (Dicionário Aurélio).

época, em um processo de reinterpretação que é contido por exigências de credibilidade.

Segundo Eliade (1998, p.8 e 21), para etnólogos, sociólogos e historiadores, o mito é entendido como tradição sagrada, revelação primordial ou modelo exemplar. Ingrediente vital da civilização humana, o mito é uma realidade viva a qual se recorre quando uma necessidade, um interesse se apresenta, não é uma ‘invenção’, mas uma ampliação significativa de eventos isolados.

Relembra principalmente quando o tema é feminização do magistério paranaense, educação primária e prática docente, o mito Julia Wanderley foi pouco a pouco construído (e também é refeito) a partir de atos da personagem histórica, que viveu em época determinada e foi por essa época moldada. Como adverte Le Goff, cabe à biografia histórica buscar a subjetividade de cada indivíduo, contudo é imprescindível levar em conta a relação biunívoca entre a história social e a do indivíduo, que está “ancorado em um tecido histórico autêntico e longe de elucubrações” (2005, p. 10).

A memória exalta a luta e o saber da professora Julia Wanderley, reforçando a ideia de ação individualizada, forma largamente utilizada na conformação de um mito, no qual os atores históricos tornam-se heróis, seres especiais. Interessante, porém, notar que o que se vislumbra é uma Julia Wanderley determinada, mas sempre respaldada por homens. Assim, é preciso ressaltar que a “memória enquadrada” de Julia Wanderley se produz em referência a critérios de aceitabilidade, de admissão, de credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com os outros, falando e expondo o que os outros pretendem ouvir. Desta forma, esta memória, “algo negociado”, não deve ser entendida especificamente como “a essência de uma pessoa ou de um grupo” (POLLAK, 1992, p.204).

Desde a publicação da brochura **Julia Wanderley - homenagem** (Poliantéia), o uso de adjetivos para definir a professora desde a sua juventude, quando teria se empenhado para participar com os moços do curso da Escola Normal, multiplicou-se; ‘inteligente’ e ‘determinada’, estão entre os mais repetidos ao longo dos anos. Na brochura de 1918, as palavras atreladas à pessoa Julia Wanderley procuram exaltar um comportamento e as ações de

uma mulher-mãe-professora ideal. Escolhidos por e entre amigos e conhecidos da professora falecida, os colaboradores da **Julia Wanderley - homenagem** (Poliantéia), tinham algo em comum, o desejo que os conterrâneos do Estado em que Julia Wanderley nasceu pudessem “conhecel-a para bem admiral-a”, como escreveu Annette Macedo (1918, p.6). Professora normalista desde 1911, Annette Macedo, entre várias atividades foi diretora-fundadora da Escola Maternal de Curitiba (anexa a Sociedade de Socorro aos Necessitados). Era filha de Francisco Ribeiro Azevedo Macedo, que foi Diretor Geral da Instrução Pública, autor do Código do Ensino de 1915 e quem provavelmente convidou Julia Wanderley para fazer parte do Conselho Superior do Ensino Primário. Mesmo não tendo seu nome impresso como organizadora da brochura, Annette Macedo foi personagem central na organização do trabalho (PILOTTO, 1975, p.6). Mas, qual Julia Wanderley queriam esses colaboradores que todos conhecessem e admirassem?

Entre as palavras e frases escritas para nomear Julia Wanderley algumas foram: “grande professora”, “talento extraordinário”, pela professora Annette Macedo (1918, p. 6); “patriota”, “professora completa”, “modelo das gerações porvindouras”, pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral (1918, p. 7); “representante da intellectualidade feminina”, pelo ex colega normalista Lourenço de Souza (1918, p.12); “abalizada e diligente preceptora”, “exemplo inconfundível de abnegação e de heroísmo”, por Veríssimo de Souza, seu ex-colega da Escola Normal, diretor do Grupo Escolar Xavier da Silva e membro, suplente de Julia Wanderley, no Conselho Superior do Ensino Primário (1918, p. 17); “inteligencia superior”; “altiva e forte”, “justa”, pelo professor Azevedo Macedo (1918, p. 9-10); “estrella da constellação do magisterio paranaense”, pelo professor e escritor Sebastião Paraná (1918, p. 8); “brilhante intelligencia”, por Raul Gomes, professor, jornalista, um dos Fundadores da Academia Paranaense de Letras (1918, p. 11); “sua escola era um lar”, pela ex-aluna e professora Celina Nogueira (1918, p.14); “mestra imortal”, por Enéas Marques dos Santos, que em 1918 era Secretário dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública do Paraná (1918, p. 16); “símbolo da mulher moderna”, pelo jornalista Sanito Rocha (1918, p. 18); “superioridade de espírito”, “mulher

missionaria”, por Stella Soller, ex-aluna, que escreveu artigo na revista **Da Semana**, Rio de Janeiro, dia 20 de abril de 1918).<sup>142</sup>

A brochura foi estruturada de maneira a seduzir o leitor, traçando um perfil de Julia Wanderley que começa pelas palavras escritas pela própria professora e pela divulgação de parte dos materiais arquivados por ela. Mulher de seu tempo, um período em que as mulheres de classe média começavam a ter uma inserção social mais diversificada, Julia Wanderley soube valorizar seus feitos, delineando uma memória de si própria que, burilada por seus contemporâneos, ganhou força de exemplo graças ao contexto social em que viveu e ao período imediatamente posterior a sua morte. É evidente o destaque a ações e detalhes que induzem à figura da esposa-mãe amorosa e da professora dedicada e culta.

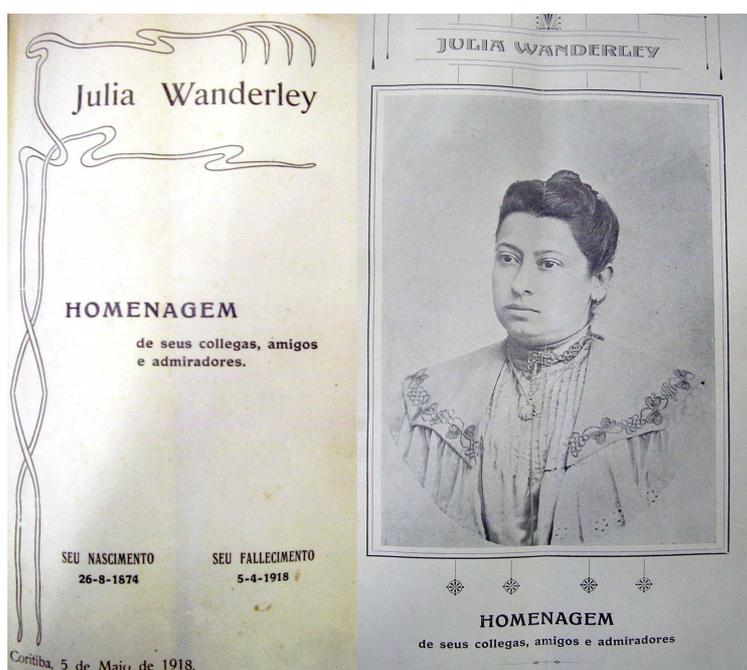


FIGURA 19 - CAPA E CONTRA CAPA DA POLIANTÉIA  
FONTE: JULIA WANDERLEY - HOMENAGEM (Poliantéia), 1918

Na segunda parte do trabalho publicado em 1918, estão textos escritos em homenagem à professora. Autores selecionados, comentários enaltecendo, todos os escolhidos (professores, intelectuais, jornalistas)

<sup>142</sup> Outras informações sobre as pessoas citadas podem ser obtidas, entre outros, em Negrão, 1929; Nicolas, [19-] 3.v; Hoemer; Bóia; Vargas, 2001; Trindade, 1996. Sobre alguns nomes mencionados existe significativa bibliografia específica.

estavam inseridos em um contexto no qual fortalecer a memória de Julia Wanderley, a primeira mulher paranaense que havia conseguido permissão para cursar presencialmente a Escola Normal, era concorrer para engrandecer a figura da mulher professora, modelo fundamental na defesa da educação da população, parte dos propósitos nacionalistas e civilizatórios do início do século XX. Mas, enaltecer Julia Wanderley significava também reafirmar a função primordial da mulher naquele contexto: ser esposa e mãe. Senhora Frederico Petrich, mãe de Julinho, a brochura de 1918 começa reproduzindo trechos do Livro íntimo ou Diário de Julia Wanderley, que a professora dedica ao filho e que está repleto das ações da boa esposa e mãe.

Julia Wanderley viveu e morreu em um tempo de transformação quanto ao papel da mulher como educadora fora do lar, a “feminização do magistério”. É inegável que sua participação nesse processo foi muito significativa, mas não foi única: no Paraná as mulheres já atuavam na escola primária, já recebiam diploma da Escola Normal (prestando “exames vagos”) e a permissão para cursar presencialmente o curso normal foi concedida através da solicitação feita por um homem, Monsenhor Gonçalves, e com a condição de que outras mulheres realizassem o curso junto a Julia Wanderley.

Ao longo do século XX, muitos registros da **Julia Wanderley - homenagem** (Poliantéia), foram utilizados por biógrafos tradicionais e memorialistas. A brochura foi fonte para vários textos publicados sobre a professora, reforçando e atualizando uma memória que começou a ser forjada por seus contemporâneos.

Fortalecendo a tese da ‘determinada’ Julia Wanderley, a professora e poetisa Pompília Lopes dos Santos,<sup>143</sup> filha de uma amiga de Julia Wanderley e sua ex-aluna, lembrou para a filha Lealis dos Santos Moreira, em 1982, fatos referentes à entrada da professora na Escola Normal em 1891:

Pergunta: Após graduar-se no curso primário, parou, como acontecia com todas as moças da época?

PLS - Não! Enfrentou sério problema! Era no final do século passado, até então, só aos homens era permitido o ingresso na

---

<sup>143</sup> Nasceu em Curitiba no dia 07/08/1900, filha do casal Laurindo de Oliveira Lopes e Salomé Swain Lopes (amiga de Julia Wanderley). Fez curso fundamental nos Colégios da Divina Providência e Santos Dumont, concluindo na Escola Tiradentes. Professora normalista, escritora e poetisa. Foi a primeira presidente da Academia Feminina de Letras do Paraná (HOERNER; BÓIA; VARGAS, 2001, p. 256).

Escola de Professores, como era denominada a “Escola Normal”. Então Julia Wanderley encetou sua primeira luta.

Pergunta: Que providências tomou?

PLS - D. Julia Wanderley comunicou-se com pessoas cultas, mais esclarecidas que o normal de sua época, homens com diplomas universitários, conquistados em capitais mais evoluídas.

Pergunta: Incentivaram-na em sua luta, esses doutos Senhores?

PLS – Sim! Comentaram com a jovem Julia Wanderley o problema por ela apresentado. Apoiaram-na em sua justa e incompreendida aspiração, em pleitear a matrícula, para cursar a Escola Normal, junto a outras moças, quando fossem aprovadas no exame final do Curso Primário (PUCCI, 1987, p. 28-29).<sup>144</sup>

A reprodução de considerações feitas no início do século XX é evidente, e o destaque dado a ‘pessoas cultas, mais esclarecidas que o normal de sua época, homens com diplomas universitários’, reforça a tese da mulher de inteligência superior que, desde muito jovem, circulava entre doutos, mas também, indiretamente necessitou da decisiva aprovação e ação masculina no episódio. Já em 1902, Julia Wanderley estará entre as personalidades do livro **Leituras Progressivas** escrito pelo professor primário Lindolpho Pires da Rocha Pombo. Amplamente utilizado por escolas públicas do Paraná no início do Novecentos, o livro era dividido em quatro partes que destacavam temas e personalidades paranaenses, um dos itens era dedicado às professoras primárias. Neste item Julia Wanderley dividia espaço com Cândida do Nascimento, Maria da Luz Miró, Maria Rosa do Nascimento Bittencourt, Amélia Augusta do Nascimento Jardim, Alexandrina da Silva Pereira, Cândida Ramos, Paulina Carolina Alves, Izabel Schmidt, Guilhermina Gomes, Julia Alice de Loyola, Luiza Netto Correa de Freitas (POMBO, 1902, p. 168–173). O livro, ao fazer um amplo relato sobre Julia Wanderley, difundia entre crianças e jovens a ideia da professora pioneira e modelar, de certa maneira apresentando uma mulher paranaense moderna. Lindolpho Pombo afirma:

Foi a primeira moça que requereu e obteve permissão para frequentar as aulas da escola Normal do Estado, (...). Ilustrada e talentosa, a Exma. Snra. D. Julia Wanderley é uma das mais distintas professoras do ensino primário do Paraná (POMBO, 1902, p. 168).

---

<sup>144</sup> A entrevista também pode ser lida em **Julia Wanderley: escritos ...** [19-], p.163-166. (Biblioteca da FALEC).

Ricci, (2001, p. 153), afirma que “toda a sociedade tem necessidade de seus grandes homens (...) se não os encontra cria-os”. Com isso muitos adjetivos vão sendo incorporados à imagem de Julia Wanderley, reforçando e consolidando o enquadramento de sua memória. Construção da qual ela também foi, em grande parte, responsável, inclusive com a distribuição, no final da vida, entre os seus familiares e amigos de jóias, pertences e do material que havia escrito e colecionado; atitude que reforçou a perpetuação de uma memória, tornando outros os **seus** guardiões.

Na brochura **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia), é reproduzido um recorte do jornal **A República**, de 5 de julho de 1893, sobre Julia Wanderley com o título Nomeação:

Por acto de hontem foi nomeada para definitivamente reger a 9ª cadeira promiscua desta cidade a distincta normalista D. Julia de Souza Wanderley.  
*Illustrada e intelligente como é, dotada de especial vocação para o magisterio publico, e, conhecedora de novos methodos de ensino, a nomeada empregará todos os seus esforços para a honrosa e brilhante desempenhar as funções do seu cargo (...)* (MACEDO, et al, 1918, p. 19, grifo meu)

Além dos adjetivos “illustrada e intelligente”, que mesmo sendo sinal de deferência que outras professoras podiam receber, são mais expressivos quando referidos à Julia Wanderley. Chama atenção a afirmação de que ela era “dotada de especial vocação para o magistério público e conhecedora de novos methodos de ensino”. Destaque significativo, mas pouco explicitado (como seria uma vocação especial? Qual o método?) e, por isso mesmo, mítico.

Continuando a laurear a professora Julia Wanderley, o autor do artigo inserido na **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia) afirma que ela havia sido a aluna “*distincta entre as distinctas* restrictamente cumpridora de seus deveres” (grifo meu), e que “irá hoje apresentar à instrucção publica desta capital os mais proficuos resultados”. No final do texto o autor relaciona a ideia da nomeação de Julia Wanderley com a de salvação da infância.

Uma tal nomeação é motivo de louvarmos o digno governador do Estado dr. Vicente Machado e felicitarmos a infancia desta cidade (MACEDO, A. et al, 1918, p.19).

Fundamental ressaltar que esse recorte de **A República** de 1893 fazia parte do acervo de Julia Wanderley e que o periódico, órgão do Partido Republicano Paranaense, era uma publicação que circulava entre os Wanderley, uma família republicana, e depois entre os Wanderley Petrich. O quanto às palavras de elogio estavam alicerçadas na relação cordial entre membros de um mesmo grupo é difícil mensurar, mas é impossível negar o ideal republicano que se projetava através da educação e que o jornal certamente defendia e referenciava. As palavras sobre Julia Wanderley eram perfeitas, considerando esse ideal e a inserção familiar e social da professora. Como escreveu Victor Ferreira do Amaral na **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia):

Espirito clarividente e patriota, [Julia Wanderley] preocupava-se também com as causas de sua terra, aproximando-se dos próceres de nossa política, com os quaes sabia comfabular, sempre com elevação de vistas (AMARAL, apud MACEDO et al., 1918, p. 7).

Segundo Pollak (1989, p. 10) “o que está em jogo na memória (na sua constituição e formalização) é também o sentido da identidade individual e do grupo”, ou seja, toda memória individual representa os anseios e necessidades de um grupo que se pretende fortalecer e legitimar.

Em mais de um momento, Julia Wanderley é apresentada como uma ‘intelectual’ e ‘cientista’ na **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia). O colega da Escola Normal, Lourenço de Souza se expressa afirmando que, segundo ele, a professora era: “(...) a mais luminosa entre os pedagogos brasileiros (...) uma das mais insignes representantes da intellectualidade feminina” (1918, p.12). Já Annette Macedo fortalece a memória de Julia Wanderley como uma paranaense ilustre e escreve que a professora é “considerada como a mestra das mestras no Estado do Paraná” (1918, p.6). Um modelo exemplar, um mito.

Pombo em 1902 escreveu, “[Julia Wanderely] tem colaborado em diversos jornaes desta capital (...)” e completa suas observações afirmando que viu trabalhos inéditos escritos pela professora, tais como “Modos e methodos do ensino em geral; Methodo Intuitivo para o ensino da Arithmetica,

Methodo para o ensino de Geographia nas Escolas; Argumentos philosophicos sobre a existência de Deus, e etc” (POMBO, 1902, p.196). Por que esse material que revelaria de forma contundente a capacidade intelectual de Julia Wanderley não foi por ela divulgado ou preservado (ou por aqueles a quem ela mesma confiou tudo o que havia arquivado durante a vida)? Teria mesmo Pombo visto os escritos ou o que viu foram apontamentos sobre temas que acabaram não sendo desenvolvidos? Teria a professora, apenas, expressado o desejo de escrever sobre os temas listados? Enfim, perguntas sem respostas, mas, tendo existido ou não, e principalmente por serem apenas vagas notícias (que aguçam os pesquisadores), os escritos de Julia Wanderley são parte importante no fortalecimento do mito da professora modelo, da mulher Julia Wanderley.<sup>145</sup>

Em 1928 o ex-colega dos tempos de Colégio Curitibano e escritor Romário Martins refere-se a Julia Wanderley como uma “inteligência privilegiada, aprimorada por uma cultura eclética bem conduzida” (1928, p.122-123). Ele a traduz como um modelo de professora e exalta sua inteligência e ação no magistério mesmo dez anos depois de sua morte, provavelmente para dar exemplo sólido aos paranaenses em um período que o movimento

---

<sup>145</sup> Entre as diversas informações desconhecidas sobre os supostos escritos de Julia Wanderley, uma é que a professora seria a autora de um artigo não assinado sobre o livro **Chorografia do Paraná**, de Sebastião Paraná, publicado em outubro de 1900 no jornal **Diário da Tarde**. Foi encontrado um único artigo neste jornal, publicado em outubro, em defesa do livro de Sebastião Paraná, porém sem autoria, e com uma ressalva referente ao item Instrução Pública no Paraná, que segundo o (a) autor (a) da matéria “é tratado apenas em duas paginas e meia”, finalizando o artigo afirma que “o que olhamos bastaram-nos para ajuizar muito favoravelmente seu trabalho (...) que expurgado de alguns senoes, constituirá uma obra de grande utilidade para o estado do Paraná” (**Diário da Tarde**, 02/10/1900, p.1). Entretanto este artigo foi uma resposta a outros dois textos anteriormente estampados também no jornal **Diário da Tarde** (de 28 e 29 de setembro de 1900, ambos na p.1) nos quais foram tecidas severas críticas ao livro **Chorografia do Paraná**, com o título Bibliografia, Parte I (sobre a Obra e Indígenas) e Parte II (continuação Indígenas e A região), também sem autoria identificada. Outros textos de Julia Wanderley citados por memorialistas e biógrafos tradicionais e não localizados são: outro artigo que teria sido publicado em jornal de Curitiba, em setembro de 1904, sobre o **Segundo Livro de Leitura**, de autoria de Claudino dos Santos e notas manuscritas sobre ensino de Gramática e outras disciplinas do curso primário. A professora também teria contribuído com textos para, entre outros, os jornais curitibanos o **Operário Livre** (que circulou entre 1891 e 1897) e **O Artista** (que começou a circular em 1883), mas não foram localizadas transcrições literais dessas matérias, recortes dos citados jornais ou menção do local onde os referidos periódicos estariam arquivados. Os periódicos não foram localizados em bibliotecas e arquivos de Curitiba. Na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, não existe nenhum exemplar do jornal **O Artista** e apenas um número do jornal **Operário Livre** (de 04/06/1891, ano 1, n.13), nele não existe nenhum texto assinado por Julia Wanderley ou Augusta de Souza, pseudônimo que a professora, segundo afirmam, também usaria para assinar seus textos.

paranista ganhava ímpeto. O paranismo tinha por objetivo escrever uma história, delinear a arte e os mitos próprios do Paraná, um estado novo que ainda estava carente de identidade própria. Ideologicamente foi um movimento importante, pois pretendia solidificar a formação territorial, social e cultural do Estado. Representou, nesse contexto, um esforço para identificar a população em torno do ‘ser paranaense’ (ROSEVICS, 2007).<sup>146</sup>

É necessário ressaltar, parafraseando Schmidt (2009, p. 160), que a existência de um indivíduo é construída de acordo com os projetos por ele elaborados, os quais podem ser “mantidos, reforçados, alterados, ou substituídos” em função dos meios e necessidades sociais. A personagem histórica de destaque Julia Wanderley bem representava para o momento o estereótipo da boa esposa-mãe-professora, pois desta forma conseguiu ter evidência pública pelo fato de “participar de grupos nos quais tais qualidades eram valorizadas e estimuladas”.

Uma pista, tênue, que pode indicar a alardeada capacidade intelectual da professora é fornecida por um de seus biógrafos tradicionais e pelas palavras do Cônego Braga, que era professor de Retórica, Filosofia, Português e Francês, do Ginásio Paranaense e da Escola Normal (HOERNER; BÓIA; VARGAS, 2001, p. 138). Erven, depois de comentar, de forma genérica, que Julia Wanderley havia escrito “uma série de artigos” (1945, 10), afirma:

Publicara célebre gramático obra de fôlego sobre a matéria de sua predileção. Endereçou Julia Wanderley, dias depois a leitura, uma carta ao cônego João Evangelista Braga, o filósofo curitibano da época. Fazia tão acertada crítica, mandou ao gramático – um dos mais autorizados do país – a missiva recebida. Respondeu-lhe, imediatamente o autor, concordando em muitos pontos com a crítica. E daí em diante não escrevia o cônego Braga sem recomendar-se a d<sup>a</sup> Julia (ERVEN, 1945, p.21).

---

<sup>146</sup> O paranismo foi um movimento alicerçado sobre ideias republicanas, positivistas, liberais e anticlericais, além de se firmar na tese geral de modernidade. As instituições envolvidas neste movimento foram: o Museu Paranaense (que havia sido criado em 1876), o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (criado em 1900) e o Centro Paranista (criado por Romário Martins em 1927). Através da revista **Ilustrações Paranaenses** (criada em 1927) foi divulgado um tipo ideal de paranaense, atrelado a um passado indígena e a uma simbologia baseada no pinhão e no pinheiro. Os principais representantes do movimento paranista foram: Romário Martins, Euclides Bandeira, Dario Vellozo, João Turin, João Zacco Paraná, João Ghelfi e Lange de Morretes. Entre outros, confira: ROSEVICS, 2007; TRINDADE, 2005, p. 45-49.

Em maio de 1907, a revista **A Escola** publicou artigo do Cônego Braga intitulado Sintaxilogia, abaixo do título estava escrito: “A’ professora Julia Wanderley Petrich” (BRAGA, 1907, p. 61). Seria o texto do sacerdote uma indicação da pareceria intelectual sugerida por Erven? Seria uma evidência da capacidade intelectual de Julia Wanderley ou apenas um reconhecimento pelo trabalho da dedicada professora?

Os anos passaram e no dia seguinte ao da morte da professora, Raul Gomes escreveu no **Diário da Tarde**, de 6 de abril de 1918, que Julia Wanderley tinha “vontade forte e inabalável, ilustração vasta, dedicação extremada. Todos os dotes morais e intelectuais. Seria “venerada por muitas gerações” (GOMES, apud, PILOTTO, 1975, p.5). Atributos e considerações que seriam repetidamente dirigidos a Julia Wanderley, modelando lembranças escritas e orais sobre a professora, e que terão na valorização da educação primária seu alicerce mais forte. A própria Julia Wanderley havia escrito em seu Relatório Escolar de 1905 que “o magno assumpto da educação popular” era causa fundamental a ser defendida pelos professores, que só deveriam exercer o magistério “por decidida vocação (...) e com consciência esclarecida do seu dever” (PETRICH, 1905, p. 1).

Tema recorrente na Curitiba dos anos 1900-1910, a questão da educação era associada à necessidade imperiosa de ampliar o acesso ao ensino primário e a utilização de modernos métodos de ensino, desde que não desvirtuassem meninas e meninos de suas principais obrigações sociais. A educação deveria se pautar de diferentes formas para cada sexo. Em fevereiro de 1906, a revista **A Escola** publicava uma matéria intitulada ‘Exposição Escolar’, em que é destacada “a esplendida (...) segunda exposição de prendas domesticas, aberta no amphitheatro do Gymnasio [Paranaense] a 3 de Dezembro p.findo” (p.14-15). Como outras professoras da Capital cujas alunas participaram da exposição,<sup>147</sup> Julia Wanderley recebeu elogios pelo gosto artístico e pela vitória alcançada na aprendizagem de suas alunas, elogios bem

---

<sup>147</sup> Exibiram também trabalhos de suas alunas as seguintes professoras: Dulce Loyola, Leonor Machado, Elvira Paraná, Olivina Caron, Carolina Moreira, Itancelina Teixeira, Maria Ritta de Oliveira, Maria da Luz Ascensão, Izabel Guimarães, Amélia Gomes, Julia Loyola, Josephina Rocha, Alexandrina Pereira, Antonia Reginato e Maria Rosa Bittencourt (**A Escola**, fevereiro de 1906, p.15).

a contento do ideal de formação da 'boa mulher', afinal a exposição era de 'prendas domésticas', matéria vedada aos meninos.

Em 1925, em meio à campanha para a edificação de um monumento em homenagem a professora, o jornal o **Comércio do Paraná**, pontuando os motivos para tal edificação, procurava reforçar outra faceta da memória de Julia Wanderley, não a da professora (inclusive de prendas domésticas), mas a da escritora pioneira que suportava as críticas a sua emancipação:

(...) foi uma das primeiras, ou talvez a primeira mulher paranaense que affrontou a crítica e a opinião pública escrevendo artigos para a imprensa diária e até sustentando polemicas, como aconteceu mais duma vez (**Comércio do Paraná**, 16/04/1925, p. 1).

Quais artigos, quais polêmicas? Silêncio. Para entender essa afirmação, que não é acompanhada de exemplos, é preciso considerar o momento de sua formulação, o de justificar a construção de um monumento em meio ao movimento paranista, que procurava destacar personalidades genuinamente paranaenses. A memória de Julia Wanderley, naquele como em outros períodos, se prestará a adequações, com a ênfase em um ou outro item de uma vida. A memória que se estabelece sobre a trajetória de Julia Wanderley (professora modelar, culta, que concorreu para o processo de "feminização do magistério"), envolve "de forma mais ou menos consciente, apagamentos, adaptações, omissões e não-ditos (...)" (SCHMIDT, 2009, p. 156).

Em meados da década de 1920, retratar uma Julia Wanderley que teria lutado pela sua emancipação, e pela atuação da mulher no magistério, significava associá-la, mesmo que não declaradamente, ao movimento feminista que se desenhava desde o século XIX na Europa e que havia ganhado importantes adeptas e adeptos também no Brasil.<sup>148</sup> Textos escritos nesse período, como o de Raul Gomes de 1928, trazem essa perspectiva. Ele menciona, por exemplo, que Julia Wanderley afirmava que "a mulher não nasceu só para lidar com panellas [e que ela] inculcava no espírito de suas

---

<sup>148</sup> O movimento feminista iniciado na segunda metade do século XIX, por León Richier, tem seu nome originário do Congresso Feminista de 1892 na França, se propagou pela luta pelos plenos direitos da mulher. O sonho das feministas da época no Paraná era que a mulher pudesse preencher todos os papéis de boa filha, esposa e mãe atrelada a uma ampla participação política (TRINDADE, 1996, p. 87-113).

educandas o pensamento de que pela instrução completa e pela aquisição de um diploma, se emancipariam” (GOMES, 1928, p.164). Mas que emancipação era essa na perspectiva de Julia Wanderley? Uma resposta exata é impossível. Mas é importante considerar que para a professora, como para muitos de seus contemporâneos da virada do século XX, mulher estudando ou atuando na sociedade, fora de casa, seria aceitável/desejável apenas se as atividades não interferissem na vocação primeira, no destino, da mulher: ser esposa e mãe (rainha do lar). Julia Wanderley expressou de várias maneiras esta convicção, inclusive procurando demonstrar ao longo de sua vida que tais papéis (esposa, mãe e professora) não entravam em conflito, mas se completavam.

Seria apenas uma estratégia para conseguir uma maior inserção social e profissional? Pouco provável, se consideramos as informações sobre o cotidiano da professora, sobre as ideias que expressou e as atitudes que tomou. Não há evidências de que Julia Wanderley tenha expressado simpatia pelo feminismo, por exemplo. E é preciso considerar que o movimento feminista na Curitiba da primeira década do século XX tinha importantes adeptos, homens como Francisco Ribeiro Azevedo Macedo e Sebastião Paraná que expressavam simpatia por teses feministas e mulheres que defendiam publicamente ideais propalados pelo movimento feminista, como as professoras: Mariana Coelho, autora de livros e diversos artigos publicados em periódicos paranaenses; Elvira Paraná, que escreveu diversos textos para a imprensa curitibana, e Leonor Castelhana, que escreveu livros e publicou artigos em jornais de Curitiba, estes últimos com o pseudônimo Flor D’Alisa<sup>149</sup> (TRINDADE, 1996, p.62-176). Mas havia pessoas contrárias a tal movimento, ou alguns de seus aspectos. Este foi o caso da professora e poetisa, Georgina Mongruel, colaboradora de jornais e revista (inclusive no Rio de Janeiro e na França) que em 1901, sustentou polêmica com Mariana Coelho pelos jornais curitibanos, contestando a tese da participação da mulher na política (TRINDADE, 1996, p. 153-155; NICOLAS, [19-], v.1, p.319-320).

Significativamente, no jornal **Comércio do Paraná** de 1925, um artigo sem autoria fazia tradução muito particular do feminismo e afirmava:

---

<sup>149</sup> Não foram encontrados indícios que indicassem que havia uma rede de sociabilidade ou uma interlocução de ideias entre as mulheres de destaque deste período e Julia Wanderley.

[Julia Wanderley] muitos lustros antes de se caracterizar o movimento feminista no mundo inteiro (...) pregava, tenaz e fervorosamente, idéias feministas, mas do bom, do sadio, do feminismo útil e humano que deseja a mulher mais bem educada e mais preparada para trabalhar ao lado do homem como uma companheira e amiga esclarecida (**Comércio do Paraná**, 16/abr/1925, p. 1).

Tida com mulher exemplar, esclarecida, Julia Wanderley também apoiava as causas do Estado em que nasceu e viveu. O jornal **A República**, de 13 de julho de 1904, informava a participação da professora e suas alunas no “*meeting* de estudantes”<sup>150</sup> que aconteceu na Praça Tiradentes (marco zero de Curitiba) em repúdio pela deliberação política de Governo Federal dada a questão do Contestado, que privilegiou o estado de Santa Catarina em detrimento do Paraná.<sup>151</sup> Nas fotografias e postais que Julia Wanderley colecionou vários eram relativos ao tema desta disputa. Imagens de militares sendo enviados para a área de litígio, fotos de prisioneiros capturados, de protestos políticos, etc. (**Julia Wanderley: escritos**, [19-]; **Coleções Julia Wanderley – CMC; MUNESP/SBEE**) Em 1918, Francisco Ribeiro Azevedo Macedo escreveu que Julia Wanderley “interessou-se pelos acontecimentos políticos. Preocupou-se com os problemas econômicos e financeiros”, e Annette Macedo afirmou que a professora havia se ocupado de “grandes factos e grandes cousas da historia da minha Pátria e em particular do meu Paraná” (AZEVEDO MACEDO, apud MACEDO et al, 1918, p.10; MACEDO, apud MACEDO et al, 1918, p.6). Mais um ingrediente referente à memória da biografada se delinea, o de cidadã paranaense exemplar.

---

<sup>150</sup> Vários forma os protestos referentes à perda de boa parta de terras que estavam sendo disputadas entre Paraná e Santa Catarina. Ocorreram ‘meetings’ dos empregados do comércio, das colônias polonesas, italianas e portuguesas, dos estudantes entre outros. Paranaenses ilustres como Sebastião Paraná, Cônego Braga, Lourenço de Souza, Vicente Machado, Ermelino de Leão, Francisco Ribeiro entre outros fizeram parte deste protesto público que incluía os ‘Meetings’ e as Conferências (jornal **A República** do mês de Julho de 1904).

<sup>151</sup> Sobre a questão do Contestado, entre outros, veja: Gallo, 1999; Machado, 2004.

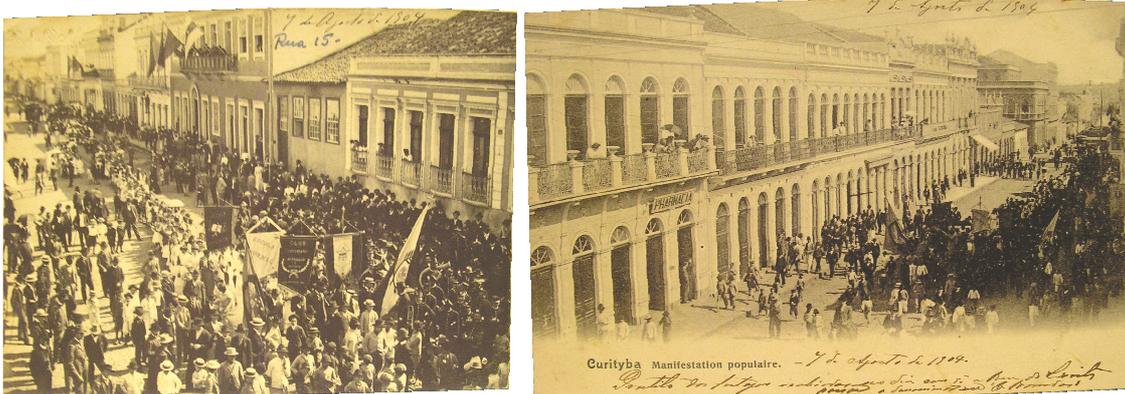


FIGURA 20 - PROTESTO SOBRE A CAUSA DO CONTESTADO  
COLEÇÃO JULIA WANDERLEY  
ACERVO: MUNESP/ SBEE

Lembrada como brasileira patriota, Julia Wanderley será ainda mais louvada quanto o tema é o amor pelo Paraná. No contexto em que a professora viveu em muitos momentos isto significou diferenciá-la do Estado do qual o Paraná havia se desmembrado, ou seja, de São Paulo, tese que ganhará contornos especiais com o movimento paranista. No início do século XX, uma questão dividia os educadores paranaenses: São Paulo e os grupos escolares paulistas, como modelo para a organização do ensino primário ou não. Missões de professores paranaenses foram enviadas pelo governo do Paraná ao Estado vizinho para estudar o tema em questão, mas houve protestos e as discussões foram longas. O nome de Julia Wanderley como a professora cujas ideias e atuação poderiam balizar os rumos da educação primária paranaense foi cogitado em revistas e jornais de Curitiba, mas ela manteve silêncio sobre o tema quando as missões foram organizadas. Em 1914, artigo do jornal **Diário da Tarde**, de 13 de novembro, dizia: “Um Estado que tem professores da competência e dedicação de d. Julia Wanderley precisa mandar vir uma missão de professores de outros Estados?” (**Diário da Tarde** 13/11/1914, p. 1). As discussões foram acaloradas.

De acordo com Souza (2004, p.42) “Uruguai, Argentina e São Paulo surgiam como referências a serem visitadas e observadas por professores escolhidos ‘a dedo’ [grifo da autora], para depois aplicarem em terras paranaenses a experiência por eles apreendida em outras terras”.

Este assunto havia entrado em pauta de discussão governamental em 1903, quando era Diretor Geral da Instrução Pública o Dr. Victor Ferreira do

Amaral sugeriu que a diferença de investimentos paulistas e paranaenses aplicados na instrução podia ser avaliada por intermédio do exame dos estabelecimentos de ensino de um ou de outro Estado, que demonstraria a eficiência das escolas de São Paulo. A partir daí seriam enviados para a Capital paulista, professores paranaenses com o propósito de observar, estudar e, posteriormente, aplicar no Paraná o que haviam aprendido sobre instrução primária (SOUZA, 2004, p. 27-30). As professoras normalistas Maria Francisca Correia de Miranda, em 1904 (em 1905 seria a primeira diretora do primeiro Jardim de Infância do Paraná), e Carolina Pinto Moreira, em 1907, foram encarregadas de fazer “a viagem (comissionada) com o desígnio de estudar os métodos e a organização do ensino primário (...) comprar novos materiais didáticos, mobílias, observar os grupos escolares (...)” (SOUZA, 2004, p.30-32). Nova missão com propósito semelhante seria enviada para São Paulo em 1912.

Polêmicas estas missões não foram aceitas por todos como algo positivo para a instrução paranaense, e entre os que não concordavam estava Veríssimo de Souza e Sebastião Paraná (SOUZA, 2004, p.77-105). Os que discordavam do envio de professores a São Paulo não apenas alegavam ser o Paraná fértil e suficiente de ideias e capaz de organizar o próprio sistema educacional, mas eventualmente faziam sugestões alternativas: houve a proposta do envio de missões para Santa Catarina ou Rio Grande do Sul, que teriam maior qualidade na instrução pública (SOUZA, 2004, p. 39-41).

É preciso perguntar: por que Julia Wanderley não participou dessas missões? Teria sido convidada ou não? Teria se recusado a participar? Não foi possível saber. Mas é interessante observar que para alguns era preferível uma missão para o estado de Santa Catarina, com o qual o Paraná havia travado ferrenha disputa territorial, do que para São Paulo, estado do qual o território do Paraná fizera parte (era necessário firmar uma identidade diferente?). Mas o envio das missões para São Paulo aconteceu. Entretanto, as professoras que participaram de tais missões não foram perpetuadas na memória paranaense, como Julia Wanderley foi. O que se percebe ao longo dos anos, é como os contemporâneos de Julia Wanderley reforçaram sua memória, ao insistir em lembrar a professora ‘normalista paranaense exemplar’

que, nas palavras escritas por Raul Gomes, lutou pela “diffusão universal do ensino, a elevação intellectual e moral da mulher (...); [uma] intelligencia lucidissima e notavel coragem”; alguém que não fez mais devido às limitações de sua época (GOMES, 1928, p.135).

Julia Wanderley concorreu para a memória que sobre ela foi construída. Gozando do contato com pessoas de prestígio social e político a professora soube ser inovadora exatamente como os padrões da época exigiam, não se furtando em divulgar a história de sua entrada na Escola Normal (episódio que explorou inclusive em sua defesa no caso do processo disciplinar por agressão a uma aluna, quando foi absolvida)<sup>152</sup> se esquivando de embates um pouco mais polêmicos ou, se deles participou, procurando apagar as marcas das contendas (por exemplo, no caso das missões de professores para São Paulo nada aparece). Em seu Livro íntimo ou Diário, Julia Wanderley faria recomendações ao filho Julinho que traduzem uma maneira pragmática, cautelosa e até um tanto calculada de encarar a vida:

Nunca vos enganeis com os falsos amigos (...) Confie, desconfiando. Evite as exposições com aquelles cujo caracteres não conheceis (...) escolhei um amigo, um amigo, só, é quanto basta para complementar a nossa felicidade. Alem das boas relações de amizade que se precisa entreter na sociedade, amizades estas impostas e necessarias pelas convenções estabelecidas (...) também precisamos encontrar (...) companheiros sinceros um, dois, três no maximo é quanto basta, é quanto chega para um homem se julgar feliz (PETRICH, [19-], p. 22).

Maria Nicolas, ao lembrar a personalidade da ex-professora e colega de trabalho mesmo querendo enfatizar uma pessoa amiga, de “personalidade ímpar, uma destemida lutadora”, acaba por desenhar traços de uma pessoa que tinha dificuldade em aceitar quem dela discordava.

Qualquer colega de qualquer classe social era por ela acolhida do mesmo modo: afável e meiga, quando encontrava espíritos submissos, coerentes e compreensivos, porém, altiva e imperiosa quando encontrava pessoas que não compreendessem a sinceridade e a simpleza com que advogava as questões da classe (NICOLAS, [19-],v.1, p. 266).

---

<sup>152</sup> Sobre o caso, veja o Capítulo 2.

Muitas são as facetas de Julia Wanderley, que vão se combinando e recombinando na construção de sua memória coletiva, uma memória enquadrada, que destaca a mulher inteligente, defensora da educação, uma mulher moderna. Mas, como lembra Eliade (1998, p.77) é a intenção revelada pelo contexto social que fornece, em cada caso particular, em cada época a verdadeira significação do mito.

Respeitada em vida como a primeira mulher a frequentar presencialmente o curso normal em Curitiba, como professora dedicada e culta, a morte de Julia Wanderley fez tais predicados tornarem-se superlativos. Dias após seu falecimento algumas ex-alunas mandaram rezar uma missa na igreja Matriz de Curitiba “em suffragio da alma da distincta preceptora tão prematuramente falecida”, como informa um jornal curitibano. Mais que a missa em si que foi mandada rezar, uma prática comum entre católicos, o que chama atenção são algumas palavras que as ex-alunas escreveram:

Falleceu sexta-feira passada, em Curityba esta distincta senhora, um dos mais bellos espiritos da geração feminina, actual, do Paraná. D. Julia dedicou-se desde os mais verdes annos ao Sacerdocio da Instrcção, onde pontificou, com devoção e carinho (...). Sua morte foi muito sentida em todo o Estado, pois em toda parte se encontram alumnas suas que lhe dedicavam amizade grandiosa (...) (Recorte, 12/04/1912 - **Pasta Julia Wanderley**).<sup>153</sup>

As palavras das jovens associam, de forma destacada, magistério e sacerdócio, e assim o ato de ensinar (crianças com certeza, pois este foi o grupo para o qual Julia Wanderley mais lecionou) é retratado como uma prática sublime, comparável a ação dos que servem a Deus. Não uma profissão, mas uma missão, como a própria professora havia repetido mais de uma vez (cf.: GOMES, 1928, p.1). As ex-alunas reforçam traços no mito que se delineia.

Como escreveu Le Goff (1994, p. 424), os fenômenos de solidificação de uma memória existem apenas na medida em que os sistemas dinâmicos de

---

<sup>153</sup> Jornal da cidade de Castro (Paraná) publicou texto de ex-alunas que “confessam-se agradecidas [a] professora D. Julia Wanderley Petrich, falecida recentemente na capital”. Elas agradeciam as pessoas que participaram da missa em sua memória (Recorte, 13/04/1912 - **Pasta Julia Wanderley**).

organização os mantêm ou reconstitui. Não por acaso o primeiro grande movimento de resgate e culto a memória de Julia Wanderley, a brochura **Julia Wanderley – homenagem** (Poliantéia), amplamente divulgada na imprensa curitibana, publicada um mês depois do falecimento da professora, foi elaborada por pessoas intimamente relacionadas com a educação paranaense, comprometidas com movimentos, inclusive o paranismo, que procuravam valorizar a cultura no e do Paraná. Julia Wanderley foi, inegavelmente, uma professora normalista pioneira na busca e na frequência da Escola Normal curitibana junto aos rapazes, apesar de não ser a única mulher na sala. Professora reconhecida, havia participado ativamente, mas aparentemente sem se indispor com grupos rivais, de ações educativas que aconteceram no Paraná desde a virada do século XX. Julia Wanderley também soube valorizar seus supostos conhecimentos científicos e dotes intelectuais, que efetivamente foram pouco divulgados (exceção são os dois Relatórios Escolares, de 1905 e 1908).

Nos anos seguintes ao da sua morte, Julia Wanderley foi lembrada e enaltecida em missas e romarias ao cemitério onde estava enterrada, em festivais literários e artísticos, em conferências e artigos de jornais (**Julia Wanderley** – escritos ... [19-], p.154-157; Recortes. **Pasta Julia Wanderley**).<sup>154</sup> Monumentos foram erigidos em sua memória.<sup>155</sup> O monumento tem como característica o poder de perpetuar, voluntária ou involuntariamente, a força de um grupo na cristalização da memória coletiva, que se torna oficial (no caso uma memória nacional<sup>156</sup>). Monumento é sinal do passado, e tudo aquilo que pode evocá-lo, que pode perpetuar a recordação (LE GOFF, 1984, p. 95). Uma das primeiras homenagens/monumentos que

---

<sup>154</sup> Segundo Le Goff, depois da Revolução Francesa, há um retorno ao culto da memória dos mortos na França e outros países da Europa, “a grande época do cemitério começa, com novos tipos de monumentos, inscrições funerárias e rito de visita ao cemitério” (1994, p.462). Interessante lembrar que no início do século XXI o local exato da sepultura de Julia Wanderley, no cemitério São Francisco de Paula, de Curitiba, é um mistério (veja o Capítulo 1).

<sup>155</sup> Monumento: do latim *monumentum*, o termo deriva de *monere* (advertir, lembrar) e remete aquilo que traz algo à lembrança. O termo monumento hoje é compreendido para além do valor memorial, pode incorporar valores arqueológicos, estéticos, pois no mundo em que vivemos no qual a mídia promove a monumento tudo o que bem deseja (SALGUEIRO, 2008, p 11-12).

<sup>156</sup> Memória oficial é uma memória estruturada e determinada sobre o ponto de vista político. A memória nacional, organizadíssima, constitui um objeto de disputa importante para determinar datas e acontecimentos que deverão ser gravados na memória de um povo. Sobre este assunto ver Pollak, 1992, 203-205.

concorreu para solidificação da memória da “distinta” professora Julia Wanderley aconteceu menos de quatro meses após seu falecimento. Por iniciativa da Câmara Municipal de Curitiba, através da Lei n.517, de 22 de julho de 1918, sancionada pelo Prefeito João Antonio Xavier, a rua paralela a rua Padre Agostinho passou a ser denominada rua Julia Wanderley (**Julia Wanderley**: escritos ..., [19-], p.159). Outras cidades paranaenses imitariam o ato dos legisladores curitibanos, ao mesmo tempo, diversas escolas do Paraná, inclusive em Curitiba, receberam no nome da professora. Medalhões e bustos foram confeccionados, quadros foram pintados.<sup>157</sup> Um desses monumentos chama particularmente a atenção: o busto na Praça Santos Andrade, em Curitiba.

Em 1918, na brochura **Julia Wanderley - homenagem** (Poliantéia Lourenço de Souza escreveu: “O Estado do Paraná lhe deve uma estátua” (SOUZA, L. apud MACEDO, et al. 1918, p. 13). A frase poderia expressar um sentimento verdadeiro ou ser simples ‘figura de retórica’, mas, em 15 de setembro de 1920 é realizada uma festa para a fundação da Caixa Escolar<sup>158</sup> Julia Wanderley Petrich que tinha por finalidade específica angariar fundos para edificar um busto em homenagem a professora, “(...) uma justa homenagem que se presta a *primeira professora que tivemos no Paraná* [grifo meu]” (**Julia Wanderley** – escritos,... [19-], p. 154). Informação distorcida, um “controle de imagem”, como diria Pollack (1989, p.10), que alimenta uma memória específica da personagem histórica: a de professora pioneira.

A Caixa Escolar foi criada em 1920 e imediatamente foi organizado um Grupo pró-monumento para a concretização da homenagem. A líder deste Grupo era Isabel Guimarães, professora normalista que havia estudado com Julia Wanderley na primeira turma mista da Escola Normal de Curitiba. Entre seus membros estavam pessoas de destaque no cenário educacional e cultural

---

<sup>157</sup> Em 1946 um Grupo Escolar recém construído em Curitiba seria nomeado de Julia Wanderley, de acordo com o Decreto n. 2.267, de 29 de janeiro. A instituição, depois denominada Colégio Estadual Julia Wanderley, está localizada na rua Vicente Machado, n.º 1643, Bairro Batel. Existe um busto da professora no local o qual antes se encontrava na Secretaria de Educação do Estado do Paraná. (CASTRO, 2008, p.87-89).

<sup>158</sup> Neste recorte de jornal, datado manualmente, não há informação de uma sede da Caixa Escolar Julia Wanderley. Mas, foi possível saber que no evento de criação da Caixa Escolar, aconteceram recitais e uma conferência. Na data foram arrecadados 69\$000 (sessenta e nove mil réis) (**Julia Wanderley** - escritos,... [19-], p. 154).

de Curitiba, como Raul Gomes, Enéas Marques, Sebastião Paraná, os irmãos Veríssimo e Lourenço de Souza, além de Francisco Ribeiro Azevedo Macedo em cuja casa o Grupo se reuniu várias vezes. Entretanto, mesmo contando com apoio de importantes personalidades curitibanas, as empreitadas para a concretização do projeto praticamente atravessaram os anos de 1920. Assim, em 21 de setembro de 1924, o jornal **O Dia** publicava convocação de Isabel Guimarães solicitando “o comparecimento de todos os membros das citadas comissões [diretoria e de assistência] visto ter-se de tomar deliberações importantes relativamente ao imediato início dos trabalhos”. A inauguração do monumento ainda demoraria alguns anos (Recorte do Jornal, 21/09/1924. **Pasta Julia Wanderley**).

As empreitadas para a construção deste monumento coincidiram com disputas políticas entre educadores curitibanos, vários deles envolvidos no movimento paranista, outros ligados a Igreja Católica e seus projetos educacionais (VIEIRA, 2007). É possível pensar que a inauguração do busto de Julia Wanderley poderia favorecer nomes (dos que fizessem o monumento), associando-os à imagem da mulher que, especialmente desde sua morte, se tornara símbolo da educação no Paraná. O monumento certamente reforçaria o mito, mas, também, traria benefícios para quem o construísse. Entretanto, muita coisa aconteceu até 1927, quando a herma foi finalmente inaugurada.

Em 1920 Caetano Munhoz da Rocha, um simpatizante do ideário católico inclusive no item educação, assumiu a Presidência do Estado (governaria até 1928) e nomeou Lysimaco Ferreira da Costa como Diretor do Ginásio Paranaense e da Escola Normal. Professor desta instituição de ensino, Lysimaco da Costa tinha divergências com alguns notáveis colegas de Julia Wanderley, entre eles Veríssimo de Souza e Sebastião Paraná, que foram afastados do Ginásio Paranaense e da Escola Normal (CAMPOS, 2007; MORENO, 2007). Lysimaco Ferreira da Costa esteve mais próximo da professora Julia Wanderley quando ambos participaram do Conselho Superior do Ensino Primário.

Ainda em 1920, o governo estadual cria a Inspeção Geral do Ensino, em substituição a Diretor Geral da Instrução Pública, com poderes ampliados em relação ao órgão anterior. Lysimaco Ferreira da Costa indica o paulista

César Prieto Martinez para assumir o novo cargo, o que causou descontentamento entre vários paranaenses que se ocupavam da causa educacional (SOUZA, 2004, p. 45-48). Ganhou ênfase entre muitos a tese da “(...) necessidade de autonomia do Paraná, principalmente em relação a São Paulo” (OLIVEIRA, 2005, p. 33).

Essas insatisfações em mais de um momento foram objeto de declarações explícitas. Em 1924, quando César Pietro Martinez havia sido substituído por Lysimaco Ferreira da Costa na Inspeção Geral do Ensino, Sebastião Paraná fez declaração contrária ao projeto de Costa para a instrução primária. Segundo Sebastião Paraná, o projeto se basearia apenas na multiplicação de escolas que não ensinavam mais do que ler, escrever e contar e que “na phase evolutiva que o mundo atravessa (...) é necessário adicionar a essa instrução rudimentar uma sólida educação profissional, capaz de melhorar o individuo e torná-lo útil a si e à coletividade” (PARANÁ, apud SOUZA, 2004, p. 53).

Em meio às polêmicas que envolviam o ensino primário, os trabalhos do Grupo pró-monumento em homenagem a Julia Wanderley prosseguiram, mas os avanços eram vagarosos. Em 1924, notícia publicada no jornal **O Diário**, de 26 de setembro, informava que aconteceria uma viagem a Ponta Grossa para “solicitar a adesão do professorado e do povo as homenagens a serem prestadas a grande filha daquela cidade”. A viagem só aconteceu em 1925 (noticiada no jornal **Diário dos Campos**, de Ponta Grossa), ano que, além das duas comissões existentes no Grupo pró-monumento, a da diretoria e a de assistência, foi organizada a comissão de propaganda (**Julia Wanderley** – escritos, ... [19-], p. 157 e 159). A organização desta terceira comissão explicitava o quanto estava difícil construir o monumento. Alardeada, desde a publicação da brochura de 1918, como modelo e símbolo das professoras do Paraná, esta imagem de Julia Wanderley ainda carecia de solidificação, inclusive entre o professorado paranaense.

Mas, pouco a pouco, os resultados do empenho do Grupo, notadamente da comissão de propaganda, apareceriam. Em 24 de março de 1925, em matéria publicada no jornal **Gazeta do Povo**, intitulada Monumento a D. Julia, afirmava que, em comunicado oficial, “o Dr. Henrique Fontes, Director da

Instrução de Santa Catarina, mandou declarar que o professorado [deste Estado] vai auxiliar a erecção do monumento da saudosa mestra curitybana” (**Gazeta do Povo**, 24/03/1925, p.2). A memória de Julia Wanderley começou a atravessar fronteiras, certamente graças ao empenho e prestígio dos nomes que compunham o Grupo pró-monumento, além disso, vários catarinenses haviam estudado no Ginásio Paranaense e na Escola Normal de Curitiba, e conheciam a história da primeira mulher a participar presencialmente do curso normal. Nesse momento, de mobilização para construir o busto da professora, de consolidação de sua memória, as divergências que poderiam ainda existir devido a Guerra do Contestado eram, estrategicamente, deixadas de lado.

Paralelamente, em Curitiba, professores e alunos são estimulados a angariar fundos (Caixa Escolar Julia Wanderley) para construção do busto. E também em março de 1925, a Associação Esportiva Paranaense promoveu um festival entre times de futebol, no campo do Clube Atlético Paranaense, com renda revertida em prol da construção do monumento a Julia Wanderley (**Julia Wanderley** – escritos, ... [19-], p. 159). No mês seguinte, dia 7 de abril, um festival cultural foi realizado “dedicado a memória da notável educadora paranaense d. Julia Wanderley, commemorando-se de um modo condigno a passagem do aniversario de seu falecimento [ocorrido dia 5 de abril de 1918]”. O festival também teve como objetivo levantar verbas para construção em Curitiba de um “monumento que immortalize a grande professora patrícia e sacerdotiza do ensino no Paraná” (Recorte, 07/04/1925. **Pasta Julia Wanderley**). Quanto a auxílio governamental, não existe menção oficial do governo paranaense ou de Curitiba, porém, em 1925, o professor, membro do Grupo pró-monumento e, também, Deputado Estadual, Francisco Ribeiro Azevedo Macedo, apresentou um projeto ao Congresso Legislativo solicitando auxílio do Estado com a “quantia que julgar conveniente a ereção do monumento a insigne educadora” (Recorte, março 1925 - **Pasta Julia Wanderley**). Não foi possível encontrar a resposta, mas a negativa é improvável.

Em meio a intensificação do empenho para a edificação da herma em abril de 1925, um jornal de Curitiba publicou nota na qual a intenção de

construir o monumento foi visceralmente ligada a construção de uma determinada memória da professora. Segundo a nota,

[deverá haver] a intensificação da propaganda em torno do nome da grande mestra [Julia Wanderley], de modo ao povo ficar completamente esclarecido quanto aos meritos della. Serão realizadas nesta capital e noutras cidades conferencias populares (Jornal não nomeado. **Julia Wanderley** – escritos, ... [19-], p. 154).

O alvo dessa propaganda, que contribuiu para cristalizar a imagem da professora exemplar e assim forjar o mito, foi o “professorado e o povo”, como explicita outro artigo de jornal de 1925:

A viagem das commissões a Paranaguá, Antonina, Morretes, Rio Negro, Lapa e Campo Largo afim de solicitarem adhesoes do professorado e do povo (...) serão lavadas a effeito conferencias, (...) promoção de festividades em beneficio do monumento, bem como a propaganda dos méritos de d. Julia (...) (Jornal não nomeado. **Julia Wanderley** – escritos, ... [19-], p. 154).

E este último artigo traz outras informações reveladoras. Em 1925, entre as pessoas que viajaram pelas cidades com o propósito de fazer propaganda da professora Julia Wanderley e assim edificar um monumento, estavam: Enéas Marques dos Santos, ex Secretário dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública do Paraná; Dr. Victor Ferreira do Amaral; o escritor paranista Romário Martins e também Lysimaco Ferreira da Costa, César Pietro Martinez e Sebastião Paraná. Aparentemente, diferenças quanto à forma de condução da política educacional do Estado não poderiam dividir os paranaenses quando o objetivo era projetar estadual e nacionalmente a imagem de um modelo ideal de professora, um mito para as gerações vindouras do Paraná. Até um paulista, que era figura importante na educação paranaense (apesar do desgosto de vários) poderia ser aceito nessa empreitada.

Para a desejada mobilização social, notadamente de professores, era preciso mais que discursos, marcos concretos seriam importantes, assim, a ex-aluna de Julia Wanderley, professora Acacia de Macedo Costa, em nome do Grupo pró-monumento, do qual fazia parte, escreveu carta, em 23 de setembro

de 1925, ao Monsenhor Alberto José Gonçalves,<sup>159</sup> solicitando que relatasse, por escrito, o caso do pedido de Julia Wanderley para participar presencialmente das aulas da Escola Normal de Curitiba no final do século XIX. Monsenhor Gonçalves respondeu:

Ribeirão Preto [São Paulo]. Em 5 de Outubro de 1925.

Exma. Sra. D. Acacia de Macedo Costa  
Curytiba

Respeitosas saudações

Peço desculpa da demora havida na resposta à sua solicitação de 23 de Setembro ultimo, por ter estado ausente, só regressando hontem.

Sobre a matricula da distincta professora D. Julia Wanderley na Escola Normal d'essa Cidade, houve o seguinte:

Occupava eu o cargo de Director da Instrucção Publica do Estado, quando fui procurado por ella, disendo-me que se sentia com vocação para o magisterio, e que desejava matricular-se n'aquelle estabelecimento, mas que até então não pudera realizar o seu intento porque o regulamento respectivo so falava em alumnos.

Convencido, como sempre estive, de que a escola primaria deve ser um prolongamento do lar domestico, e, por isso, de preferencia entregue aos cuidados e à dedicação das senhoras, disse-lhe que não se devia dar aquellas palavras regulamentares uma interpretação literal e que fizesse o requerimento, pedindo a matricula.

De posse do requerimento, fui ao Palacio do Governo entender-e com o Governador General Aguiar Lima, o qual immediatamente concordou com a interpretação por mim dada, e, deste modo, foi ella a primeira alumna matriculada na Escola Normal.

Eis o que fielmente se passou, e a fallecida sempre repetia este factu e mostrava-se grata à minha pessoa.

De V.S [?] em N.S.

Monsenhor Alberto Gonçalves

Bispo de Ribeirão Preto

(Carta do Monsenhor Alberto Gonçalves para Sra. Acacia de Macedo Costa, 5 de outubro de 1925. Cópia do original em anexo).

---

<sup>159</sup> Alberto José Gonçalves (1859-1945) nasceu em Palmeira (Paraná). Foi vigário em Curitiba, trabalhou pela construção da igreja Matriz, depois Catedral Metropolitana, inaugurada dia 7 de setembro de 1893. Destacou-se como deputado da Assembléia Provincial e do Estado do Paraná; foi eleito Senador Federal em 1895. Foi professor e Diretor do Ginásio Paranaense e Escola Normal, além de Diretor Geral da Instrução Pública. Pertenceu a Academia Paranaense de Letras e foi Comendador da Coroa da Itália. Em 1908 foi nomeado Bispo; foi transferido para o Bispado de Ribeirão Preto, estado de São Paulo (NICOLAS, [19-],v.1, p. 19-20).

A carta do Monsenhor Gonçalves exprime a vinculação entre ensino primário e maternidade, ideia expressada de maneira inequívoca, por diferentes correntes de pensamento no Paraná no início da República; no caso do sacerdote esta postura fazia eco com propostas ultramontanas da Igreja Católica.<sup>160</sup> A maneira como o Monsenhor descreve os acontecimentos, a forma como o pedido foi imediatamente aceito pelo Presidente do Estado, sinaliza o quanto já era acatada a tese de moças frequentarem turmas mistas na Escola Normal, o que multiplicaria o número professoras primárias devidamente preparadas para o magistério (não era muito grande o número de mulheres que podiam pagar professores particulares e depois prestar “exames vagos” na Escola Normal).

Mas, além de Julia Wanderley ter recorrido a pessoa que era autoridade governamental em educação, o Diretor Geral da Instrução Pública, é extremamente significativo o fato do Monsenhor, que já havia aprovado a solicitação, ter levado pessoalmente o pedido ao Presidente do Estado. Esta atitude, detalhe fundamental do episódio, ficou na penumbra na memória construída sobre a professora que teria com audácia impar, lutado para ser aluna presencial na Escola Normal. Como escreveu Le Goff (1984, p.13), os esquecimentos e os silêncios são reveladores dos mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Com as ações variadas que se multiplicaram a partir de 1925, o monumento a Julia Wanderley foi, finalmente construído. A obra assinada pelo escultor e paranista João Turin foi feita em bronze e baixo relevo e fixada em pedestal de granito trabalhado; na escultura Julia Wanderley está com um livro aberto nas mãos, onde se lê: Julia Wanderley, 1874-1918. Abaixo um grupo de crianças brinca. Nenhuma outra imagem seria tão apropriada para traduzir o mito (Recorte. **Pasta Julia Wanderley; Diário da Tarde**, 11 e 12/05/1927, p.6 e p.2).

Veiculados previamente pela imprensa a data e outras informações, o monumento foi inaugurado às 10 horas do dia 13 de maio (data emblemática)

---

<sup>160</sup> Sobre as diferentes correntes de pensamento, inclusive a católica, que tematizavam a educação, veja Capítulo 2.

de 1927, na Praça Santos Andrade, praça central de Curitiba <sup>161</sup>, local intimamente ligado a luta dos paranaenses pela organização do ensino superior no Estado, simbolizado pelo prédio da Universidade do Paraná de 1912 (**Diário da Tarde**, 12/05/1927, p.2; **Gazeta do Povo**, 13/05/1927, p.1 e 8). Outros monumentos dividem com o busto de Julia Wanderley o espaço da grande praça, todos eles, inclusive o da professora, voltados para o prédio histórico, reverenciando um símbolo da educação paranaense, mas também recebendo a reverência dos curitibanos em local destacado. Julia Wanderley é a única mulher com sua herma erigida neste espaço público.

Na inauguração do monumento a Julia Wanderley estiveram presentes, além “do povo” (como escreveram os jornais), diretores, professores e alunos de várias escolas; destaque para alunas do Grupo Escolar Tiradentes e para a presença de alunos da Escola Normal e da Escola Intermediária. A Banda da Força Militar executou peças musicais. Diversas autoridades civis e eclesiásticas compareceram, entre elas, o Presidente do Estado do Paraná, Caetano Munhoz da Rocha, que descerrou o monumento; o Prefeito João Antonio Xavier; o Chefe de Polícia, Clotário Portugal, e o Inspetor Geral do Ensino, Lysimaco Ferreira da Costa, que, conforme havia sido anunciado, discursou “em nome da comissão” encarregada da criação do monumento a Julia Wanderley (**Gazeta do Povo**, 10/05/1927, p.8; 13/05/1927, p.8).

Entre os outros presentes, citados nominalmente nos jornais, não há menção de nenhum membro da família Wanderley ou Wanderley Petrich, e aparecem apenas algumas das pessoas que haviam participado, desde 1918 de ações comemorativas e movimentos em prol da valorização e perpetuação da memória de Julia Wanderley. Foram citados pelos jornais: Victor Ferreira do Amaral, Raul Gomes, Acacia de Macedo Costa e Annette Macedo (**Gazeta do Povo**, 13/05/1927, p.8). As ausências foram muitas, ou os nomes apenas não foram listados? Quais os motivos para o não comparecimento? Não foi possível saber. Mas o monumento sugerido em 1918, que começou a ser idealizado em 1920, foi inaugurado. Entretanto, não existe placa com indicação dos membros do Grupo pró-monumento e de outros colaboradores, ou placa de inauguração. Se o mito Julia Wanderley foi construído por seus

---

<sup>161</sup> Praça conhecida e identificada na época como Praça da Universidade.

contemporâneos em um tempo de disputas no campo educacional, talvez fosse melhor apagar nomes e preservar a imagem da professora paranaense, modelo de e para todos.<sup>162</sup>



FIGURA 21 - HERMA NA PRAÇA SANTOS ANDRADE  
ACERVO PRÓPRIO (2009)

Parafrazeando Eliade (1998, p. 171), é possível concluir afirmando que, falar sobre um mito não é apenas mencionar um conglomerado de informações pontuais e/ou esparsas; pois a vida de um ser considerado exemplar constitui um todo, desde o seu nascimento até a sua morte, a qual é constantemente trágica, a exemplo do falecimento de Julia Wanderley. A construção desse todo, dessa vida idealizada, é moldada por feitos e fatos selecionados, carregados de sentido social, e ganha estatuto de exemplo.<sup>163</sup> Impulsionada

<sup>162</sup> Segundo Pucci (1987, p.24), anos depois, Raul Gomes comentaria, de forma peculiar, a ausência de placa: “se meu nome deve passar a posteridade, não desejo que seja agarrado as saias de uma mulher, mesmo que essa mulher seja ‘Julia Wanderley’”.

<sup>163</sup> Como escreveu Schmidt (2009, p.169) o fortalecimento permanente de determinadas lembranças, a construção de trajetórias de certas personagens, vão “esvaziando de historicidade as tensões e ambigüidades que permeiam suas vidas”.

pelos contemporâneos essa trajetória do mito é forjada e legitimada pela consagração popular e constantemente revivida. Assim ocorre com a personagem biografada Julia Wanderley, uma mulher única, uma mulher-mito, modelo das professoras paranaenses.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há dificuldade em compreender totalmente qualquer alma. Torna-se bem maior a dificuldade se é uma grande alma. E insuperável se é uma alma de mulher. Um mistério talvez para os que estudam Julia Wanderley.

H. M. Erven



Em 1995, em seu trabalho sobre damas do século XII na França, Georges Duby, referindo-se aos testemunhos escritos sobre aquelas mulheres medievais, escreveu “o que procuro mostrar não é o realmente vivido. Inacessível. Procuro mostrar os reflexos, o que os testemunhos escritos refletem (...) Confio no que eles dizem. Se dizem a verdade ou não, não é isso que importa (...)” e continua afirmando que o “importante é a imagem que cada escritor oferece de uma mulher e, por meio dela, das mulheres em geral, a imagem que o autor do texto fazia delas e quis passar aos que o escutaram” (DUBY, 1995, p.10). Considerando estas palavras de Duby, a investigação que resultou nessa dissertação foi arriscada, pois procurou mostrar aspectos de uma mulher, uma pessoa única com feitos únicos, mas principalmente, uma mulher de sua época. O objetivo dessa dissertação foi reconhecer Julia Wanderley como uma mulher que participou simultaneamente do econômico, do social, do político, do religioso, do cultural e que agiu em todos estes domínios. Foi importante saber respeitar as falhas e as lacunas da documentação, não querer reconstituir os silêncios, as discontinuidades e as disjunções que rompem a trama e a unidade aparente de uma vida.

Perceber através de um trabalho historiográfico Julia Wanderley nos seus aspectos de mulher-esposa-mãe-professora, com a ajuda dos seus biógrafos tradicionais e memorialistas, foi basicamente enveredar por perspectivas diversas daquelas por eles percorridas, foi tentar ir além das pessoas que a conheceram, idealizaram e contribuíram para forjar o mito da *prima inter pares* do magistério primário do Paraná, da mulher nome de rua, bronze na praça e nome de escola. Para realizar tal intento foi necessário situar a personagem histórica, compreender o período em que foram produzidos os textos sobre ela, pesquisar e analisar outras fontes sobre Julia Wanderley, sua família, vida de estudante; que aconteceram em um tempo e lugar específico, o Paraná do final do século XIX e início do XX. Para se conseguir tal objetivo foi constantemente interrompido o fio de sua trajetória biográfica, entrecortada por situações e problemas comuns a sua época e particulares de sua inserção familiar e social. Muitas foram às questões que ficaram sem respostas, certamente muitas outras perguntas poderiam ter sido feitas e não foram formuladas – um desafio para outros pesquisadores.

Nessa dissertação sobre Julia Wanderley a primeira inspiração foi o livro **São Luis**, de Jacques Le Goff. As questões iniciais que o historiador propõe em sua obra foram o primeiro estímulo para empreender esta investigação. Da leitura do texto de Le Goff surgiram as indagações: é possível fazer uma biografia histórica de Julia Wanderley? Julia Wanderley existiu? Segundo Erven (1945, p.31), o nome Julia Wanderley é “um mistério, talvez, para os que o estudam”. Entretanto, depois de mais de dois anos de pesquisas, leituras e considerações escritas e reescritas, acredito que foi possível desvendar, um pouco, este mistério e fazer uma biografia histórica marcada pelas tensões, silêncios, arbitrariedades, contradições próprias da vida singular e plural da mulher Julia Wanderley ‘que existiu’ em um tempo determinado, em uma sociedade específica deixando suas marcas, seus lugares de memória.

Julia Wanderley foi uma mulher de classe média, filha de comerciante republicano, que viveu numa época de transição política no país, de Império para a República, período também de transformações socioeconômicas importantes, momento em que no Brasil a educação da população, especialmente a educação primária, ganhou atenção acentuada, em grande parte devido ao pensamento positivista dos organizadores do novo regime político. Nesse contexto, também marcado por teses liberais e pelo catolicismo ultramontano, o papel da mulher ganhou nuances que valorizavam sua ação como professora primária, uma segunda maternidade, por meio da qual poderia contribuir para o engrandecimento da nação através da formação de crianças e jovens para desta forma se desvelar um futuro promissor para o Brasil. O magistério primário foi então delineado como missão feminina, porém desde que não entrasse em conflito com a harmonia da vida familiar, pois a mulher tinha como função primordial ser esposa exemplar, educar seus filhos, cuidar da casa. Julia Wanderley traduziu com êxito o modelo de mulher de seu tempo. Mulher exemplar, mulher mito.

Julia Wanderley nasceu e cresceu em uma família republicana que valorizava a instrução e a ciência. Família também católica e que em alguns momentos, deixou transparecer estreita relação com o espiritismo. A moça Julia Wanderley estudou mais que a maioria das mulheres de seu tempo, mas sua trajetória escolar não foi uma exceção entre curitibanas e paranaenses. A

diferença foi que, ao contrário de várias outras professoras formadas pela Escola Normal de Curitiba antes dela, Julia Wanderley e algumas colegas frequentaram presencialmente o curso normal com rapazes. A solicitação para frequentar o curso normal foi um ato individual, cujos motivos efetivamente pouco explicitados poderiam englobar desde ideais educacionais liberais e positivistas até dificuldade financeira para pagar professores particulares. Entretanto a aprovação do pedido pelo Diretor Geral da Instrução Pública e pelo Presidente do Estado traduziu o desejo coletivo, de uma época que incentivava a atuação feminina no magistério primário, desde que balizada pelas suas obrigações familiares.

Julia Wanderley foi, portanto para a sua época tida como uma mulher moderna, professora e diretora escolar competente, uma esposa dedicada e mãe amorosa; foi uma mulher atenta às inovações, inclusive técnicas e científicas de seu tempo, mas pouco ainda sabemos efetivamente de suas ideias, mesmo sobre educação. O que foi possível perceber foram apenas nuances. Respeitada e admirada em vida, sua morte aos 44 anos, em plena atividade escolar e em meio ao movimento paranista, concorreu para um substancial enquadramento de sua memória. No jornal **Gazeta do Povo** de agosto de 1924, o redator menciona que “para historiarmos o que foi a existencia dessa *excepcional* senhora que dedicou toda a sua vida ao progresso e a instrução primaria do Paraná (...) seria preciso um tempo enorme (...)” (**Gazeta do Povo**, 26/08/1924, p.5, grifo meu). Ela foi excepcional porque reforçou uma tipologia feminina, inclusive no pressuposto romântico da alma “feminina” da professora primária e diretora ideal. Tudo isso concorreu para a construção e perpetuação do mito entendido como um modelo perfeito de mulher e professora.

No jornal **Gazeta do Povo** de setembro de 1924, o redator escreveu que “de Julia Wanderley ainda se há de escrever coisas admiráveis: na sua vida ha uma serie enorme de episodios que a maravilham” (**Gazeta do Povo**, 23/09/1924, p.5). A minha pretensão é que essa biografia histórica tenha, de fato, maravilhado quem a leu, por ter tornado um pouco mais visíveis alguns aspectos da vida de uma mulher-mito, de seus contemporâneos e de sua época e que isso possa instigar o leitor deste trabalho a fazer outras pesquisas

sobre Julia Wanderley, sobre as pessoas com quem ela conviveu e sobre o tempo em que ela viveu. Portanto não se pretende dar como concluída esta 'história', mas aguçar o interesse para outras questões, todas 'maravilhosas' (para quem assim as considere), sobre a vida e a época desta distinta personagem histórica.

## FONTES

### FIGURAS ILUSTRATIVAS

**PÁGINA DE ROSTO** – REPRODUÇÃO DA FOTO DE JULIA WANDERLEY ENCONTRADA NO MUSEU PARANAENSE, NA BIBLIOTECA DO IHGPR E NO MEDALHÃO DO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CURITIBA

**CAPÍTULO 1** - p. 26 – JULIA WANDERLEY E SEU FILHO JULIO – FONTE: JULIA WANDERLEY: ESCRITOS, ...[19-] – BIBLIOTECA DA FALEC

**CAPÍTULO 2** – p. 73 – JULIA WANDERLEY FRENTE À ESCOLA TIRADENTES COM SEU MARIDO E OUTRA FOTO COM SUAS ALUNAS - COLEÇÃO JULIA WANDERLEY, ACERVO MUNESP/SBEE

**CAPÍTULO 3** - p. 119 – JULIA WANDERLEY E SUAS AMIGAS PROFESSORAS – FONTE: ERVEN

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** - p. 149– JULIA WANDERLEY E SEU FILHO JULIO - FONTE: FONTE: JULIA WANDERLEY: ESCRITOS, ...[19-] – BIBLIOTECA DA FALEC

**APÊNDICE** - p.169 – MAPA DO PARANÁ ANTERIOR AO FINAL DO EPISÓDIO DO CONTESTADO - COLEÇÃO JULIA WANDERLEY- ACERVO MUNESP/SBEE

**ANEXOS** p. 173 – JORNAIS QUE CIRCULAVAM NO INÍCIO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX NO PARANÁ – ACERVO: CASA DA MEMÓRIA DE CURITIBA

### JORNAIS E PERIÓDICOS

**A Escola**, Curitiba, 1906 e 1907.

**A República**, Curitiba, 03 de jan. de 1893, p.2.

**A República**, Curitiba, 16 de abr. de 1893, p.3.

**A República**, Nomeação. Curitiba, 05 de julho de 1893, p.2.

**A República**, Curitiba, 18 de out. de 1899, p.2.

**A República**, Curitiba, 05 de jan. de 1900. p. 2.

**A República**, Curitiba, 11 de fev. de 1901, p.3.

**A República**, Curitiba, 02 de jan. de 1902. p. 2.

**A República**, Meeting de estudantes. Curitiba, 13 de jul. de 1904. p. 2-3.

**A República**, Curitiba, 06 de abr. de 1918. p. 2.

BRAGA, C. Sintaxilogia. **A Escola**. Curitiba, ano 2, n. 5, mai. de 1907. p. 61-64.

CARNEIRO, D. Dona Julia Wanderley. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 2 ago. de 1974, p. 5.

CARNEIRO, D. Relembrando uma pedagoga **Gazeta do Povo**.. Curitiba, 7 set. de 1985, p. 5.

**Comércio do Paraná**, Curitiba, 16 de abr. de 1925, p.1.

**Comércio do Paraná**, O Monumento a D. Julia Wanderley. Curitiba, 16 de abr. de 1925, p.1.

DESTEFANI, C. Julia Wanderley, a mestra. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 15 de out. de 1972, cad. 2, p. 13.

DESTEFANI, C. A herança da mestra. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 11 de jan. 2009a. p.19.

DESTEFANI, C. Dona Julia Wanderley. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 26 de jul. 2009b. p. 14.

DESTEFANI, C. Busto da mestra recuperado. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 07 de fev. de 2010. p. 14.

**Dezenove de Dezembro**, Curitiba, 10 de jan. de 1877. p. 2.

**Dezenove de Dezembro**, Curitiba, 17 de mar. de 1877. p.1.

**Diário da Tarde**. Bibliographia (parte I). Curitiba, 28 de set.1900, p.1.

**Diário da Tarde**. Bibliographia (parte II). Curitiba, 29 de set.1900, p.1.

**Diário da Tarde**. Chorografia do Paraná. Curitiba, 02 de out. de 1900, p.1.

**Diário da Tarde**, Curitiba, 28 de set. 1900, p.1.

**Diário da Tarde**, Curitiba, 02 de out. 1900, p. 1.

**Diário da Tarde**. Curitiba, 13 de nov. 1914, p. 1.

**Diário da Tarde**. Reforma pedagógica – como vae sendo executada. Curitiba, 13 de nov. de 1914, p.1.

**Diário da Tarde**, Curitiba, 24 de fev. de 1917, p. 2.

**Diário da Tarde**. A inauguração d'um monumento a Julia Wanderley. Curitiba, 11 de mai. de 1927, p. 6.

**Diário da Tarde**. A consagração de uma professora primária. Curitiba, 12 de mai. de 1927, p. 2.

**Diário dos Campos**, Homenagem a Julia Wanderley. Ponta Grossa, 04 de set. de 1974, p.1.

**Gazeta do Povo**, Curitiba, 24 de mar. de 1924, p.2.

**Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 de ago. de 1924, p.5.

**Gazeta do Povo**, Curitiba, 23 de set. de 1924, p.5.

**Gazeta do Povo**. Monumento A' D. Julia Wanderley. Curitiba, 10 de mai. de 1925, p. 8.

**Gazeta do Povo**. Monumento A' D. Julia Wanderley: convite ao povo paranaense. Curitiba, 11 de mai. de 1925, p. 5.

**Gazeta do Povo**. A primeira professora primaria consagrada no bronze no Brasil. Curitiba, 12 de mai. de 1925, p. 2.

**Gazeta do Povo**. A Inauguração do monumento a D. Julia Wanderley. Curitiba, 13 de mai. de 1927, p. 1;8.

GOMES, R. Necrologio. **Diário da Tarde**. Curitiba, 06 de abr. de 1918, p.1.

GOMES, R. Julia Wanderley – mestra e missionária. **Diário Popular**. Curitiba, 25 de ago. 1974. p.3.

**O Estado do Paraná**, Curitiba, 23 de ago. De 1974, p. 4.

**O Itiberê**, Paranaguá, nº 74/5, ano VII, 1925.

PARANÁ, S. A Escola. **A Escola**. Curitiba, ano 1, n. 1, fev. 1906, p. 1-2.

PARANÁ, S. Desfolhando goivos. **Comércio do Paraná**. Curitiba, 07 abr. 1918, p. 2.

PETRICH, J. A. S. W. Juízo competente. **A República**. Curitiba, 25 nov. 1899. p.1.

PETRICH, J. W. Relatórios. **A Escola**. Curitiba, ano 1, n. 1, fev. 1906. p. 17-25.

ROCHA, C. R. Relatórios. **A Escola**. Curitiba, ano 1, n. 2, mar. 1906. p. 43-45.

## **DOCUMENTOS AVULSOS, COLETÂNEAS E OUTRAS PUBLICAÇÕES**

**A Regional desejada – etapa de planejamento**: Cajuru, CIC e Matriz – Curitiba, IPPUC, 2007.

AVÉ-LALLEMANT, R. **Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953.

Carta do Monsenhor Alberto Gonçalves para Sra. Acacia de Macedo Costa, 5 de outubro de 1925.

**Coleções Julia Wanderley**. Casa da Memória de Curitiba. Divisão de Multimeios.

Curitiba – 315 anos: passado, presente e futuro - A construção de uma cidade. **Gazeta do Povo**, Curitiba, março de 2008 (encarte).

**Documentos Julia Wanderley**. Casa da Memória de Curitiba. Biblioteca e Setor de Obras Raras.

**Educação** – SEED. Boletim informativo. Out/Nov. 1979. Ano 1. n. 4, p.1-5.

ERVEN, H. M. **Julia Wanderley: uma vida que se igualou o seu destino**. Curitiba: Centro de Letras do Paraná; Associação Paranaense de Imprensa, 1945.

FERRANTE, M.de L.M. de. **Documentos sobre a vida e obra de Julia Wanderley**. Concurso em comemoração ao centenário de seu nascimento, 1874- 26 de agosto -1974. Curitiba, Secretaria da Educação e Cultura do Paraná; Grupo Escolar Julia Wanderley, agosto de 1974. (Mimeo).

GOMES, R. **Missão, e não profissão**. Curitiba: Empreza Graphica Paranaense, 1928.

**Histórico do Grupo Escolar Tiradentes**, 1964.

**Julia Wanderley**: escritos, homenagens e fotografias. Curitiba: s.n., [19-]

LEÃO, A. E. **Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná**. Curitiba, Empresa Gráfica Paranaense, 1928. 2v.

**Livro nº 45 de Registro Civil de Óbitos**. Cartório Bacharel Ermelino Agostinho de Leão Neto, 1ª zona de Curitiba. Assento de Julia Wanderley Petrich, lavrado dia 6 de abril de 1918.

MACEDO, A. et al. **Julia Wanderley - homenagem de seus colegas, amigos e admiradores** (conhecida como Poliantéia). Curitiba: Typ. João Haupt & Cia., 1918.

MACEDO, F. R. A. **Relatório apresentado ao Ex.Sr.Dr. Claudino Rogoberto F. dos Santos**, Secretário d' Estado dos Negócios do interior, Justiça e Instrução Pública. Curitiba, Typographia do Diário Oficial, em 31 de dezembro de 1913, p.1-93.

**Memória da Federação Espírita do Paraná**: no seu centenário 1902 – 2002. p. 12. (Boletim informativo)

MOACYR, P. **A instrução e as províncias**: subsídios para a história da educação no Brasil 1834-1889. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1940, v. 3.

MOREIRA, J. **Biblioteca pública do Paraná**: esboço histórico. Curitiba: s.n. 1960.

NEGRÃO, F. **Genealogia Paranaense**. Curityba: Impressora Paranaense, v.4, 1929.

NICOLAS, M. **Almas das Ruas** - cidade de Curitiba. Curitiba: [s.n.], [19-]. 3v.

NICOLAS, M. **Pioneiras do Brasil**. Curitiba: [s.n.], 1977.

PARANÁ. **Decreto, nº 93**. Regulamento da Instrução Publica do Estado do Paraná. Código do Ensino, 11 de março de 1901. Coleção de Leis, Decretos e Regulamentos do Paraná, Curitiba, [s.n.d.], p. 83- 153.

PARANÁ. **Decretos, Regulamentos, Leis e Actos. Estado do Paraná: 1890 a 1892**. Curitiba: Typ. da Penitenciária do Estado, 1911, p. 1-324.

PARANÁ. **Decreto nº 710**. Código do Ensino, assinado pelo Secretário de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública. Curitiba, 18 de outubro de 1915. Coleção de Leis, Decretos e Regulamentos do Paraná, Curitiba, [s.n.d.], p. 335-395.

PARANÁ. **Diário Oficial do Estado do Paraná**. Curitiba: [s.n.], março de 1912.

PARANÁ. **Diário Oficial do Estado do Paraná**. Curitiba: [s.n.], abril de 1912.

**Pasta Herbert Munhoz van Erven**. Setor História do Paraná, Divisão de documentação paranaense, Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba.

**Pasta Julia Wanderley**. Setor História do Paraná, Divisão de documentação paranaense, Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba.

PETRICH, J.W. Livro íntimo ou Diário. In: **Julia Wanderley**: escritos, homenagens e fotografias. Curitiba: s.n., [19-]. (Material xérox encadernado. Numerado manualmente), p.1-111.

PILOTTO, O. **Julia Wanderley**. Palestra comemorativa do Centenário de nascimento da Profa. Julia Wanderley Petrich. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1975, p.1-8.

POLINARI, M (org.). **Fontes para a história do Paraná**: cronistas – séculos XIX e XX. Curitiba: Secretaria do Estado e da Cultura, 1990. p.40-89.

POMBO, L. **Leituras progressivas**. 1.ed. Curitiba: Typ. Curitybana Alfredo Hoffmann, 1902.

POMBO, L. **Leituras progressivas**. 2.ed. [revista e modificada] Curitiba: Typ. Der Beobacheer, 1907.

POMBO, L. **O Brasil nas Escolas**: Leituras progressivas. 4.ed. São Paulo: Livraria Magalhães, 1912.

PUCCI, M.I. S. **Julia Wanderley – mestra no Ser e no Saber**. Curitiba, Museu Paranaense, 1987. (Mimeo).

**Rita Anna de Cássia França**. Tela de Maria Amélia S. Assumpção. 1944. 1 original de arte. óleo sobre tela, color. Museu Paranaense.

ROCIO, L. **Lendas do Colégio Julia Wanderley**. Disponível em: <http://www.textolivre.com.br/contos/3088-lendas-do-colegio-julia-wanderley>. Acesso em: 01/03/2008.

**Súmula histórica da Escola Tiradentes**. Curitiba: s.n. 2009.

Um olhar para o futuro: coleção Julia Wanderley. **Boletim Casa Romário Martins**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2005.

## RELATÓRIOS

MACEDO, **Relatorio apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Claudino Rogoberto F. dos Santos, Secretário d' Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Publica**, por Francisco Ribeiro de Azevedo. Director Geral da Instrucção Publica. Em 31 de Dezembro de 1913. Coritiba: Typ. do Diario Official, 1914.

MUNHOZ, **Relatorio apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Governador (sic) do Estado do Paraná**, por Caetano Alberto. Secretário dos Negócios do Interior, Justiça e Instrucção Pública. Em 29 de Setembro de 1894. Curityba:, Typ. e Lith Impressora Paranaense, 1894.

PETRICH, J.W. **Relatorio apresentado ao Ex.Sr.Dr. Arthur Pedreira de Cerqueira, Director Geral da Intrucção Publica do Estado**, em 30 de novembro de 1905. 17p.

PETRICH, J.W. **Relatorio apresentado ao Ex.Sr.Dr. Arthur Pedreira de Cerqueira, Director Geral da Intrucção Publica do Estado**, em 30 de novembro de 1908. 19 p.

RIBEIRO, **Relatório apresentado ao [novo] Presidente da Província**, por José Cesário de Miranda. Presidente da Província do Paraná. Exposição ... s/d 1888. Curityba: [s.n.], 1888.

SILVA, **Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Governador (sic) do Estado do Paraná**, por Octavio Ferreira do Amaral e. Secretário de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrucção Pública. Em 31 de Dezembro de 1901. Curityba: Atelier Novo Mundo, 1901, p.1-16.

SANTOS, C. R. F. dos. **Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Presidente do Estado do Paraná**, por Claudino Rogoberto Ferreira dos. Secretário d' Estado dos Negócios de Obras públicas e Colonização. Em 31 de Dezembro de 1908. Curityba: Typographia d' A República, 1909.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, J. S. de. **Mulher e educação: A paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. As professoras que a Pátria necessita: fragmentos para a história do magistério feminino no Brasil. In: ALMEIDA, Jane Soares (org.). **Profissão docente e Cultura Escolar**. São Paulo: Editora Intersubjetiva, 2004.

\_\_\_\_\_. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, D. et al., **O legado educacional de século XX no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004.

\_\_\_\_\_. Imagem feminina e maternidade: o concurso de robustez infantil em São Paul (1928). **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**.v.88, n. 218, p. 157-170, jan/abr. 2007.

ANDRADE, M. L. de. Dario Vellozo e a escola moderna: a renovação do pensamento educacional no Paraná (1906-1918). In: VIEIRA, C. E. (org.). **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886 – 1964)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007, p. 191-215.

ARAUJO, E. S. **Médicos, médiuns e mediações: um estudo etnográfico sobre médicos-espíritas**. 137f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Setor de Antropologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

ARAUJO; S. M. P. de.; CARDOSO, A. M. de L. **Jornalismo e militância operária**. Curitiba: Ed. UFPR, 1992. p.135-175.

AZEVEDO, F. A transmissão da Cultura. In: **A cultura brasileira**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971. p. 509-775.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.

BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P.; WESTPHALEN, C. M. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969, v.1.

BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, M. (org.) **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Editor Contexto, 2004.

BASTOS, M.H.C. O ensino monitoral/mútuo no Brasil (1827-1854). In: BASTOS, M.H.C.; STEPHANOU, M. (org.) **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005, v.II, p.34-51.

BENCOSTTA, M. L. A. Arquitetura e espaço escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903 – 1928). **Educar em revista**, Curitiba, n. 8, p. 103-141, 2001.

\_\_\_\_\_. Desfiles Patrióticos: Memória e Cultura cívica dos grupos escolares de Curitiba (1903-1971). In: VIDAL, D. G. (org). **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**, Campinas, SP: Mercado da Letras, 2006, p.299-321.

\_\_\_\_\_. (org.) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos.** São Paulo: Cortez, 2007.

BERTUCCI, L.M. **Saúde: arma revolucionária.** São Paulo, 1891-1925. Campinas: Publicações CMU/ Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. Anos 1910: educação e saúde para formar o povo brasileiro. DINIS, N.F.; BERTUCCI, L.M.(org.). **Múltiplas faces do educar.** Curitiba: Ed. UFPR, 2007, p.115-124.

\_\_\_\_\_. Educar para a saúde e o trabalho. Legislação paranaense, década de 1910. In: Congresso Ibero-Americano de História da Educação Latino-Americana. IX, 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CIHELA, 2009, 11p.

BLOCH, M. **Introdução à História.** Tradução: Maria Manuel, Rui Grácio e Vitor Romaneiro. Lisboa: Publicações Europa-América, 1993.

BOCK, G. Movimento de mulheres, feminismo maternalista e direito das mães 1890-1950. In: DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente.** Lisboa: EBRADIL, 1995. v.5, p. 440-452.

BORGES, V. P. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.** Campinas: Ed. Unicamp, 2004, p. 287-312

\_\_\_\_\_. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.** Campinas: Ed. Unicamp, 2004, p. 287-312.

\_\_\_\_\_. Grandezas e misérias da biografia. In: Pinsky, C.B. (org.) **Fontes Históricas.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 203-233.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs). **Usos e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BUENO, W. de L. **Curitiba, uma cidade bem-amanhecida: vivência e trabalho das mulheres polonesas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.** 178 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v.28, n.1, p.11-30, jan./jun. 2002.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BURMESTER, A. M. (org.) **Universidade Federal do Paraná: 90 anos em construção.** Curitiba: Ed.UFPR, 2002.

CAMARA, S.; BARROS, R. Por um projeto escolar modelar: a constituição dos grupos escolares no Distrito Federal em finais do século XIX. In: Vidal, D. G. (org.). **Grupos**

**Escolares: cultura escolar primária da infância no Brasil (1893-1971).** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2006. p. 277-298.

CAMPOS, N. de. Intelectuais católicos e a educação no Paraná nas décadas de 1920 e 1930. In: VIEIRA, C. E. (org.). **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886 – 1964).** Curitiba: Ed. UFPR, 2007. p. 175-190.

\_\_\_\_\_. Encontros e desencontros no processo de constituição do ensino superior no Paraná. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.21, p.93-122, set.-dez. 2009.

CARNEIRO, D.; VARGAS, T. **História biográfica da República no Paraná.** Curitiba, Banestado, 1994. p. 51-73.

CAROLLO, C. L.; Romário Martins: biografia intelectual. In: **História do Paraná.** Curitiba: Travessa dos editores, 1995.

CARVALHO, J. M. de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, M. M. C. de. Uma biblioteca pedagógica francesa para a Escola Normal de São Paulo (1882): livros de formação profissional e circulação de modelos culturais. In: CERTEAU, M. de. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CASTRO, E. A. **Grupos Escolares de Curitiba na primeira metade do século XX.** Curitiba: Edição do autor, 2008.

CHARTIER, R. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes.** Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

CINTRA, E. P. de U. **Ensino profissional feminino em Curitiba: a Escola Técnica de Comércio São José (1942-1955).** Dissertação. (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

COMTE, A. Comte. Vida e obra. **Os pensadores.** São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. VII-XVI.

CORBIN, A. O segredo do indivíduo. In: Ariès, P.; Duby, G. (dir.) **História da vida privada.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Vol.4, p.419-501.

COSTA, M. C. S. da. ; DIGIOVANNI, R. Antropologia, espaço e cidade: um olhar sobre Curitiba. In: SÁ, C. (org.) et al. **Olhar urbano, olhar humano.** São Paulo, IBRASA, 1991.

COSTA, S. G. da. **A erva-mate.** Curitiba: Coleção Farol do saber, 1995.

COULANGES, F. **A cidade antiga.** São Paulo: Editora das Américas. 1961. p. 45-85.

CUNHA, M. T. S. **Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CURITIBA: Secretaria de Estado da Cultura. **SIMPÓSIO DE CULTURA PARANAENSE TERRA, CULTURA E PODER: A ARQUEOLOGIA DE UM ESTADO,** 4., 2003.

CURITIBA: Secretaria do Estado e da Cultura. BEGA, M. T. S. OLIVEIRA, R. C. de. Identidade do Paraná. In: **Simpósio de Cultura Paranaense Terra, Cultura e Poder**, 2005. p.36-45.

DALCIN, T. B. **Os castigos corporais como práticas punitivas e disciplinadoras nas escolas isoladas do Paraná (1857-1882)**. 127 f. Dissertação (Mestrado em História e Historiografia da Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

DIAS, M. O. L. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Editora Brasiliense s.a, 1984.

**Dicionário histórico-biográfico do Estado do Paraná**. Curitiba: Ed. Livraria do Chain/ Banco do Estado do Paraná, 1991.

D'INCAO, M. Â. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, M. (org.) **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 223-240.

DUBY, G. **Heloísa, Isolda e outras damas no século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Damas do século XII: a lembrança das ancestrais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. 5.ed. São Paulo: Editora Perspectiva. 1998.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ERRANTE, A. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. In. **História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel. Pelotas (8): p. 141-147, set. 2000.

ESPIRITO SANTO, A. T. do. **O espiritismo na cidade de Curitiba no período de 1980-2006**. 91 f. Monografia (Conclusão de curso de Teologia Espírita) – Faculdade Dr. Leocádio José Correia, Curitiba, 2006.

FARIA FILHO, L. M. **República, Trabalho e Educação: A Experiência do Instituto João Pinheiro (1909-1934)**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001, p. 15-53.

\_\_\_\_\_. A contribuição dos estudos sobre os grupos escolares para a renovação da história do ensino primário no Brasil. In. VIDAL, D. G. (org.). **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893 – 1971)**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

FEBVRE, L. **Combates pela história**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

\_\_\_\_\_. **O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FONTANA, J. As formas de organização coletiva: a sociedade. In: FONTANA, J. **Introdução ao estudo da história geral**. Tradução: REICHEL, Heloisa. Bauru: Edusc, 2000.

FREIRE, G. **Casa-grande & senzala**. São Paulo: Coleção Archivos, 2002.

FREITAS, M. C. Educação Brasileira: dilemas republicanos nas entrelinhas de seus manifestos. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. (orgs.). **História e memórias da educação no Brasil: século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 165-181.

FUCKNER, C. M. **Magistério e casamento: memória e formação no colégio de Educação familiar do Paraná (1953-1986)**. 148 f. Dissertação (Mestrado em História e Historiografia da Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

GALLO, I.C.A. **O Contestado, o sonho do milênio igualitário**. Campinas: Ed.Unicamp, 1999.

GONDRA, J. C. **A arte de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004, p. 17-487.

HOBSBAWM, E. J. **A era dos impérios, 1875-1914**. 11.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

HOERNER, J. V.; BÓIA, W. ; VARGAS, T. **Bibliografia da Academia Paranaense de Letras**. Curitiba: Posigraf, 2001.

HUGON, P. **Elementos de história das doutrinas econômicas**. São Paulo: Caixa Econômica Federal, 1942, p.333-339.

HUNT, L. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KUBO, E. M. **A legislação e a instrução pública de primeiras letras na 5ª Comarca da Província de São Paulo (Paraná): 1827-1853**. 350 f. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

KULESZA, W. A. A institucionalização da Escola Normal no Brasil (1870-1910). Brasília: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.79, n. 193, p.63-71, set/dez. 1998.

LAGRAVE, R.-M. Uma emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX. In: DUBY, G.; PERROT, M. (org.) **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, s.d., p.505-543.

LANGE. F. L. P. **Os campos gerais e sua princesa**. Curitiba: Copel, 1998.

LEFAUCHEUR, N. Maternidade, família e estado. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente**. Lisboa: EBRADIL, 1991, v.5. p. 479-504.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

\_\_\_\_\_. **São Luis** (biografia). Tradução de: Marcos de Castro. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. História. In: LE GOFF, J. **História e Memória**. 5.ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_. **São Francisco de Assis**. 7. ed. Tradução: Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LEVI, G. Usos e abusos da biografia. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LOPES, S. de C.; MARTINEZ, S. A. A emergência de escolas normais no Rio de Janeiro no século XIX. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, set/dez. 2007.

LOPEZ, L. R. **Uma história do Brasil: República**. São Paulo: Contexto, 1997.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. Del. (org.) **História das mulheres no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 443-481.

MACHADO, P.P. **Lideranças do Contestado**. Campinas: Ed.Unicamp, 2004.

MACHADO, U. **Os intelectuais e o espiritismo**. Rio de Janeiro: Antares, 1983.

MAGALHÃES, M. B. de. **Paraná: política e governo**. Curitiba: SEED, 2001.

MALUF, M.; MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, F. A. (coord.); SEVCENKO, N. (org.). **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 368-420.

MANOEL, I. A. **Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo**. São Paulo: Edusp, 1996.

MARCHETTE, T.D. **Corvos nos galhos das acácias: o movimento anticlerical em Curitiba (1896-1912)**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

MARTINS, R. **História do Paraná**. (ed. de 1937). Curitiba: Travessa dos editores, 1995, v. 3.

\_\_\_\_\_. **Terra e gente do Paraná**. (ed. de 1928). Curitiba: Coleção Farol do saber, 1995.

MAUAD, A. M. A vida das crianças de elite durante o império. In: DEL PRIORE, M. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 137-175.

MENDONÇA, E. F. O Estado e gestão democrática do Ensino Público. In: **A regra e o jogo: democracia e patrimonialismo na educação brasileira**. Campinas: FE/Unicamp, 2000.

MEURER, S. dos S. **Para descanso do 'espírito' e proveito do 'vigor physico': o processo de institucionalização do recreio no currículo da escola primária paranaense (1901-1924)**. 146 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

MICHAELE, F. A. et al. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969, v.3.

MIGUEL, M. E. B. (org.). **Coletânea da documentação educacional paranaense de 1854 a 1889**. Campinas, SP: Autores Associados; SBHE, 2000.

MORAES, A. C. Uma crítica da razão pedagógica a partir da leitura D' O Ateneu. In.: DIETZSCH, M. J. M. (org.). **Espaços da linguagem na educação**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 177-194.

MORENO, J. C. Intelectuais na década de 1920: César Prieto Martins e Lysimaco Ferreira da Costa à frente da instrução pública no Paraná. In.: VIEIRA, C. E. (org.). **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886 – 1964)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.

NAGLE, J. Movimentos políticos-sociais e correntes de ideias. In: NAGLE, J. **Educação e sociedade na primeira república**. São Paulo: EPU, 1974. p. 35-94.

NASCIMENTO, D. . **Inspeção Escolar, Patriotismo e Escola: Organização da Inspeção Escolar e Cultura Cívica nas Escolas Primárias de Santa Catarina (1900-1930)**. In: 32ª Reunião Anual da ANPED, 2009, Caxambu. Sociedade, Cultura e Educação: Novas Regulações. Rio de Janeiro: ANPED, 2009. p. 1-15.

NISKIER, A. **Educação brasileira: 500 anos de história, 1500-2000**. Rio De Janeiro: Consultor, 1995.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: Projeto História: História e Cultura. São Paulo: Editora da PUC, 1981, p. 7-28.

NOSELLA, P. **A escola de Gramsci**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

\_\_\_\_\_. Introdução ao caderno 12 (1932) Apontamentos e notas esparsas para um conjunto de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: COUTINHO, C. N. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

OLIVEIRA, M.C. M. de. **Ensino Primário e sociedade no Paraná durante a primeira República**. ). 296 f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Setor de Educação e Ciências da Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. M. de. Políticas e investimentos do governo do Paraná na rede pública de ensino (1889-1930). **Ecos-Revista Científica**, São Paulo, v. 2, p. 385-405, jul./dez. 2006.

OLIVEIRA, R. C. de. Identidade do Paraná. In: **Simpósio de Cultura Paranaense Terra, Cultura e Poder**. Curitiba: Secretaria do Estado e da Cultura, 2005. p. 30-36.

ORIEUX, J. A arte do biógrafo. In: DUBY, et al. **História e nova história**. Trad. Carlos da Veiga Ferreira, Lisboa: Teorema, 1994. p. 39-62.

OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

PAIM, A. **O estudo do pensamento filosófico brasileiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

PAVANI, C. F; ARENDT, J. C. Imaginário social e representação literária: apontamentos sobre poesia de Augusto Meyer. In: CHAVES, Flávio Loureiro e BATTISTI, Elisa (orgs). **Cultura regional: língua, história, literatura**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2006. p. 23-44.

PEDRO, J. M. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, M. (org.) **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 278-321.

PEIXOTO, D.. **As raízes da rebeldia**, v.1; **O cerco e a retirada**, v.2; **A grande ofensiva**, v.3. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

PEREIRA, M. R. de M. **Da civilidade urbana**: a morigeração dos costumes no Paraná do século XIX. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

PERROT, M. Mulheres. In: **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.165-231.

\_\_\_\_\_. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

PIRES de ALMEIDA, J. R. **História da Instrução Pública no Brasil (1500–1889)**. São Paulo: EDUC, Brasília, DF: INEP/MEC, 1989.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RANZI, S. M. F. Memória e história das disciplinas escolares: possibilidades de uma aproximação. In: BENCOSTTA, M L. (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p 322-354.

**Rerum Novarum**, 1891 (português), em [www.vatican.va/holy\\_father/leo\\_xiii](http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii). Acesso em 20/01/2010.

RICCI, M. M. de O. **Assombrações de um padre regente**: Diogo Feijó (1784-1843). Campinas: Edi. Unicamp, 2001.

ROLL, E. **História das doutrinas econômicas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977, p. 294-302.

ROSEVICS, L. **Os intelectuais paranistas e a elite tradicional paranaense**. 40 f. Monografia. (Especialização em Sociologia Política) – Setor de Ciências sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SALGUEIRO, V. **De pedra e bronze: um estudo sobre monumentos**. O monumento a Benjamin Constant. Niterói: EDUFF, 2008.

SANTANA, L. W. A. Antonio Mariano de Lima: pioneiro do ensino de artes ofícios no Paraná. In: VIEIRA, C. E. (org.). **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886 – 1964)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007, p. 99-125.

SANTOS, M. S. dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.13, n.38, p. 1-21, out. 1998.

SCHAAF, M. B.; GOUVÊA, R. R. Significados da urbanização: traços e fontes do historiador. In: SÁ, C. (org.) et al. **Olhar urbano, olhar humano**. São Paulo: IBRASA, 1991.

SCHAEFFER, E.; BRITTO, E. O.; KLEINKE. **Educadores do Paraná: vida e obra de Julia Wanderley**. Curitiba: Faculdade Tuiuti, 1985.

SCHAPOCHNIK, N. Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, F. A. (coord.); SEVCENKO, N. (org.). **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 423-512.

SCHMIDT, B. B. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetórias, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. **Revista Anos 90** (UFRGS), Porto Alegre, v.6, p. 165-192, 1996.

\_\_\_\_\_. Construindo biografias ... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 19, 1997, p. 3-21.

\_\_\_\_\_. O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, nº 41, p.113-126, 2001.

\_\_\_\_\_. Os partidos socialistas na nascente República. In: FERREIRA, J.; REIS, D. A. (orgs.). **A formação das tradições** (1889-1945). Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007. p 131-187.

\_\_\_\_\_. Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher "excepcional". In: GOMES, A. de C.; SCHMIDT, B. B. (orgs.). **Memórias e narrativas (auto)biográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p.155-172.

SCHUMAHER, S; BRAZIL, É. V. (orgs.). **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

SEVCENKO, N. O exercício intelectual como atitude política: os escritores-cidadãos. In: SEVCENKO, N. O. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 78-108.

\_\_\_\_\_. (org.) Introdução: O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. A.(coord.) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p.7-48.

SOHN, A-M. Entre duas guerras: os papéis femininos em França e na Inglaterra. In: DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente**. Lisboa: EBRADIL, 1995. v.5. p. 115-401.

SOIHET, R. A Pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº 15, p.97-117, set-nov 2000.

SOUZA, C. dos S. **A mulher professora na instrução pública de Curitiba (1903-1927): um estudo na perspectiva de gênero**. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2004.

SOUZA, G. **Instrução o talher para o banquete da civilização: cultura escolar dos jardins-de-infância e grupos escolares no Paraná, 1900-1929**. 229 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de História, Política e Sociedade, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

SOUZA, R. F. de. **Templos de Civilização: A implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 15-86.

\_\_\_\_\_. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX** (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008.

STRAUBE, E. C. **Do liceu de Curitiba ao Colégio Estadual do Paraná**. Curitiba: Fundepar, 1993.

TANURI, L. M. **Contribuições para o estudo da escola Normal no Brasil**. São Paulo: CRPE, v. 13, n. 13, p. 7-98, dez.1970.

THÉBAUD, F. A Grande Guerra: o triunfo da divisão sexual. In: DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente**. Lisboa: EBRADIL, 1991, v.5, p. 31-94.

THÉBAUD, F. Introdução. In: DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente**. Lisboa: EBRADIL, 1995. v.5, p. 9-29.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria: ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TRINDADE, E. M. de C. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na primeira República**. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

TRINDADE, E. M. de C.; ANDREAZZA, M. L. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

VALDEMARIN, V. T. Lições de coisas: concepção científica e projeto modernizador para a sociedade. **Caderno Cedes**. Campinas, ano XIX, n. 52, p.74-87, nov. 2000.

VENOSA, S. de S. **Direito Civil: Direito de família**. São Paulo: Atlas, 2001. (Coleção Direito Civil, v.5, p. 257-283.

VIEIRA, C. E. (org.). **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886 – 1964)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.

\_\_\_\_\_. Intelectuais e o discurso da modernidade na I Conferência Nacional de Educação (Curitiba-1927). In: BENCOSTTA, M L. (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p 379-400.

VILLELA, H. de O. S. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, E. M. T. ; FARIA FILHO, L. M. de.; VEIGA, C. G. (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 93-134.

WERLE, F. O. C. A formação de professores para o ensino de primeiras letras na zona rural: Brasil, final do século XIX. **História da Educação**. v. 12, n.24, p. 121-152, jan./abr. 2008.

ZANATTA, B. A. O método intuitivo e a percepção sensorial como legado de Pestalozzi para a geografia escolar. **Caderno Cedes**, Campinas, v.25, n. 66, p. 165-184, maio.



## ÁRVORE GENEALÓGICA (básica)

**José Joaquim Souza**, casado com **Maria Angélica de Souza**

Filho: Capitão Manoel Joaquim de Souza (não constam outros filhos na publicação)

**Capitão Manoel Joaquim de Souza e Anna Maria do Pilar** (primeiro casamento)

Filhos

Geraldina do Pilar e Souza casada com Manoel Vianna;

1. Barbara do Pilar e Souza casada (não consta o nome do marido na publicação);
2. **Anna Maria do Pilar e Souza** (nascida em S. Francisco do Sul – Santa Catarina – em 1826) casada em Morretes em 1840 com **João Rodrigues Xisto** (nascido em Cananéa em 1816) - Filho de Fabricio de Souza Xisto e Maria Alexandrina Nobrega;

Filhos:

- 2.1. Amélia, nascida e falecida em Morretes – PR;
- 2.2. João Rodrigues de Souza Xisto, nascido em Morretes- PR, casado com Anna Silveira da Motta;
- 2.3. Guilhermina, nascida e falecida em Morretes – PR;
- 2.4. Ambrosina, nascida e falecida em Morretes – PR;
- 2.5. Ritta, nascida e falecida em Morretes – PR;
- 2.6. Antonio de Souza Xisto, nascido em Ponta Grossa, casado com Julia Correia da Silva Xisto – Filha de Lurindo Correia da Silva e de sua segunda mulher Gabriella Ribeiro.

Filhos:

- 2.6.1. Hercilia;
- 2.6.2. Ernestina;
- 2.6.3. Gabriella;
- 2.6.4. Arthur;
- 2.6.5. Aristides; e
- 2.6.6. Vitor.

- 2.7. Florinda de Souza Xisto, nascida em Ponta Grossa, casada com o Capitão José Antonio Lopes;

Filho:

- 2.7.1. Tenente Jocelym de Souza Lopes, casado com Leticia Arthuri.

Filhos:

- 2.7.1.1. Joel;
- 2.7.1.2. Cloris;
- 2.7.1.3. Claud Bernard; e
- 2.7.1.4. Eleusis.

- 2.8. **Laurinda de Souza Wanderley**, casada com o Capitão **Affonso Guilhermino Wanderley**, nascido em Florianópolis – Santa Catarina – Filho de **Affonso Mathias Wanderley** e de **Anna Augusta do Sacramento**;

- 2.8.1. **Professora Julia Wanderley Petrich**, casada com **Frederico Petrich** – Sem filhos.

- 2.8.2. Minervina Wanderley da Costa, casada com o Major Antonio Herderico Costa – Filho do Capitão Manoel Antonio da Costa e de Serafina de Miranda;  
 Filhos:
- 2.8.2.1. Demosthenes Wanderley da Costa;
  - 2.8.2.2. Antonio Wanderley da Costa;
  - 2.8.2.3. **Julio Petrich da Costa** (adotado por Julia Wanderley Petrich)  
 casado com Aziolé Sardenberg;  
 Filhos:
    - 2.8.2.3.1. **Julia; e**
    - 2.8.2.3.2. **Luiz Gastão.**
  - 2.8.2.4. Manoel Wanderley da Costa, Casado com Alice Carvalho Machado;  
 Filho:
    - 2.8.2.4.1. Alionel.
  - 2.8.2.5. Walfrido Wanderley da Costa;
  - 2.8.2.6. Oswaldo Wanderley da Costa;
  - 2.8.2.7. Minervina Wanderley da Costa; e
  - 2.8.2.8. Eleonora Wanderley da Costa.
- 2.8.3. Arthur de Souza Wanderley;
- 2.8.4. Maria da Luz;
- 2.8.5. Jocelym de Souza Wanderley, casado com Donayde Carmeliana de Miranda, filha de Marcellino Carmeliano de Miranda e Senhorinha Pereira de Castro;  
 Filhos:
  - 2.8.5.1. Maria Beatriz; e
  - 2.8.5.2. Maria da Luz.
- 2.8.6. Arthur de Souza Wanderley, casado com Joannina Perelles;
- 2.8.6.1. Odilon;
  - 2.8.6.2. Heron;
  - 2.8.6.3. Inon; e
  - 2.8.6.4. Aurita.
- 2.8.7. Walfrido;
- 2.8.8. Dr. Affonso Guilhermino wanderley Junior, casado com Cecilia de Albuquerque Bello – Filha do General Joaquim Cavalcanti de Albuquerque Bello e Jovelina Lara Ribas;
  - 2.8.8.1. Fanny;
  - 2.8.8.2. Walter; e
  - 2.8.8.3. Libian.
- 2.8.9. Alcides de Souza Wanderley, casado com Escolastica Macedo.

**Referências:** NEGRÃO, F. **Genealogia Paranaense**. V.4, 1929.

PUCI. I. **Julia Wanderley**: mestra no ser e no saber. 1987.

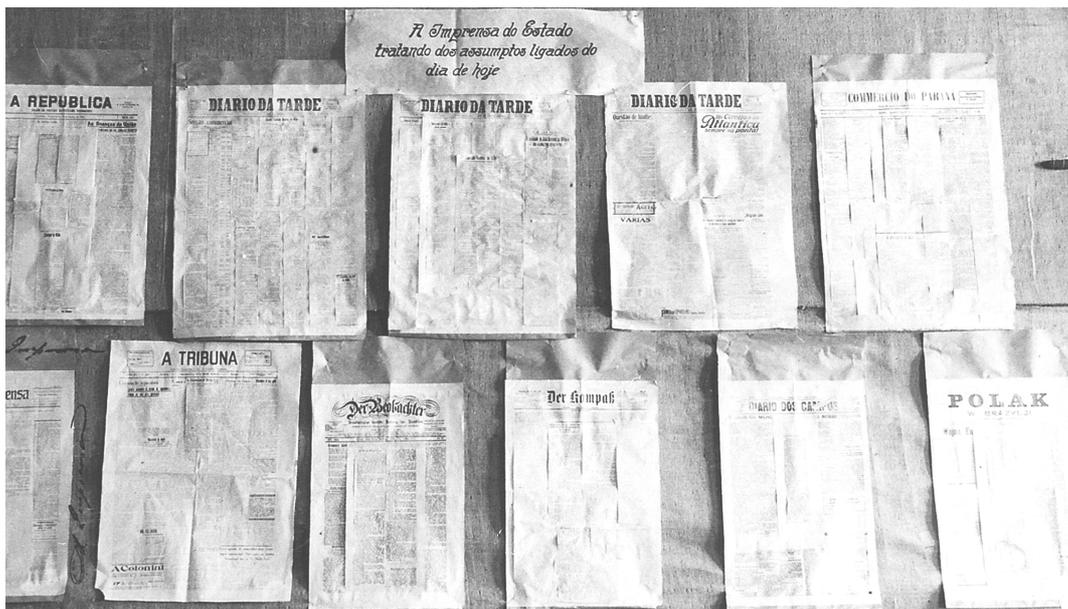
## BREVE REGISTRO CRONOLÓGICO DA VIDA DE JULIA WANDERLEY

- ❖ Nasceu em Ponta Grossa - Paraná, no dia 26 de agosto de **1874**. (1ª filha do casal Laurinda Souza e Afonso Guilhermino Wanderley)
- ❖ Chega a Curitiba em **1877**.
- ❖ Inicia as aulas na escola de D. Arminda do Couto em 3 de julho de **1881** – quase 7 anos
- ❖ Passa para as aulas da cadeira de regida por D. Iria Murici em 5 de maio de **1884** – quase 10 anos
- ❖ Passou para a escola Oliveira Belo a 28 de setembro de **1884** – 10 anos completos
- ❖ Matriculada no Colégio Curitibano dirigido pelo prof. Nivaldo Braga a 19 de novembro de **1885** – 11 anos
- ❖ Passou para o Colégio Saldanha em setembro de **1886** –
- ❖ Matriculada no Col. Santa Luiza 18 de outubro de **1886** – 12 anos
- ❖ Prestou exames parciais no Col. Curitibano (prof. Nivaldo) e Santa Luiza, em ambos aprovada plenamente
- ❖ Matriculada no Col. N. S. da Glória a 21 de junho de 1888, tendo ali prestado exame final em 28 de dez. de **1888**, aprovada com distinção – 14 anos.
- ❖ Retirou-se do Col. Nossa Senhora da Glória em 6 de dez de **1889** – 15 anos
- ❖ Em outubro de **1889**, iniciou seus estudos *secundários* com o Dr. Justiniano de Mello.
- ❖ Em 07 de junho de **1890** começou a estudar com o prof. Francisco Guimarães
- ❖ Passou para o colégio do prof. Miguel Schleder em 9 de julho de **1890** – 16 anos
- ❖ Em 28 de janeiro de **1891**, requereu matrícula para frequentar as aulas do 1º ano de curso normal
- ❖ Em 16 de fevereiro de **1891**, começou a frequentar as aulas depois de autorizada pelo governo do Estado.
- ❖ Em 31 de out. encerraram as aulas, prestou os exames do 1º ano nos dias 8, 9, 10, 11 e 12 de fev. de **1892**.
- ❖ Prestou exames do 2º ano nos dias 16, 17, 18 e 21 de nov. de **1892**, concluiu o curso normal com distinção em todas as matérias;
- ❖ Concluiu o curso de normalista em 21 de nov. de **1892**
- ❖ Em 3 junho de **1893** nomeada para reger a 9ª cadeira promíscua da Capital
- ❖ Em 23 de julho de **1894** foi transferida para a 1ª cadeira da capital do sexo feminino
- ❖ Encarregada da direção da escola Tiradentes em 8 de fev. de **1895**.
- ❖ Em 1º de outubro de **1895** casa-se com Frederico Petrich
- ❖ Em 22 de março de **1901** foi designada para reger a escola de 2º grau do primário da Capital.
- ❖ Em 1º de nov. de **1901** nasceu Julio Petrich da Costa
- ❖ Em 30 de jan. de **1908** recebeu gratificação especial de 10% por ter preparado mais de 60 (85) alunos em exames finais.
- ❖ Em março de **1912** responde a processo disciplinar.
- ❖ Em 14 de jan. **1914** foi encarregada da direção do Grupo Escolar Tiradentes.
- ❖ Por decreto de 9 de dez. de **1915** foi nomeada membro efetivo do Conselho Superior do Ensino Primário.
- ❖ Por decreto de 27 de dez de **1915**, nomeada professora e diretora da Escola intermediária da Capital, por ato de 20 de dez. de 1915, foi levada a 3ª classe do magistério com vencimentos de 282\$.
- ❖ Em 05 de abril de **1918**, faleceu.

## ANEXOS

Um dia a sua biografia há de ser traçada à luz da documentação que nos oferecem os centenares de episódios que conhecemos de sua vida combativa de atividade de ação. Então o seu perfil, a um tempo magnânimo e forte, bondoso e energético ressaltará em linhas magníficas para surgir aos olhos da posteridade, como símbolo da mulher moderna, apta para todos os revezes das árduas lutas pela existência.

Sanito Rocha sobre Julia Wanderley





Ribeirão Preto, em 5 de Outubro de 1925.

Emma Sr.<sup>a</sup> D. Uccacia de Macedo Costa  
Cunhyba

Respeitosas saudações.

Pico desculpa da demora havida na resposta á sua solicitação de 23 de Setembro ultimo, por ter estado ausente, só regressando hontem.

Sobre a matricula da distincta profes.sora D. Julia Wanderley na Escola Normal d'essa Cidade, houve o seguinte: Occupava eu o cargo de Director da Instrução Publica do Estado, quando fui procurado por ella, dizendo-me que se sentia com vocação para o magisterio, e que desejava matricular-se n'aquelle estabelecimento, mas que até então não pudera realizar o seu intento porque o regulamento respectivo só falava em alumnos.

Convencido, como sempre estive, de que a escola feminina deve ser um prolongamento do lar domesticos, e, por isso, de preferencia entregue aos cuidados e á dedicação das senhoras,



(2)  
Em ..... de ..... de 192.....

disse-lhe que não se devia dar áquellas  
palavras regulamentares uma interpre-  
tação literal e que fizesse o requeri-  
mento, pedindo a matrícula.

De posse do requerimento, fui ao Pala-  
cio do Governo entender-me com o Go-  
vernador General Aguiar Lima, o qual  
imediatamente concordou com a  
interpretação por mim dada, e, des-  
tando, foi ella a primeira alumna  
matriculada na Escola Normal.  
Eis o que fielmente se passou, e a  
fallecida sempre repetia este facto  
e mostrava-se grata á minha pessoa.

De V. S.

seus em N. S.

Monsenhor Alberto Gonçalves

Bispo do Ribeirão Preto

CARTA DO MONSENHOR ALBERTO GONÇALVES  
ACERVO: BIBLIOTECA DO IHGPR





# Relatório

apresentado  
ao

Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Arthur Pedreira de Verqueira

Digníssimo Director Geral da Instrução Publica do  
Estado.

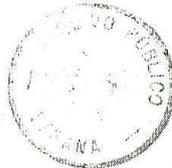
por



Julia Wanderley Petrich,

Professora da 1.<sup>a</sup> Cadeira para o sexo feminino  
na Capital,

em



30 de Novembro de 1905.

Curitiba - Paraná.



# Relatório

apresentado  
ao

Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Arthur Pedreira de Cerqueira,  
Digníssimo Director Geral da Instrução Pública do  
Estado.

pela professora

Julia Wanderley Petriche.

1<sup>a</sup> Cadeira para o sexo feminino

Curitiba - Paraná.

30 de Novembro de 1908

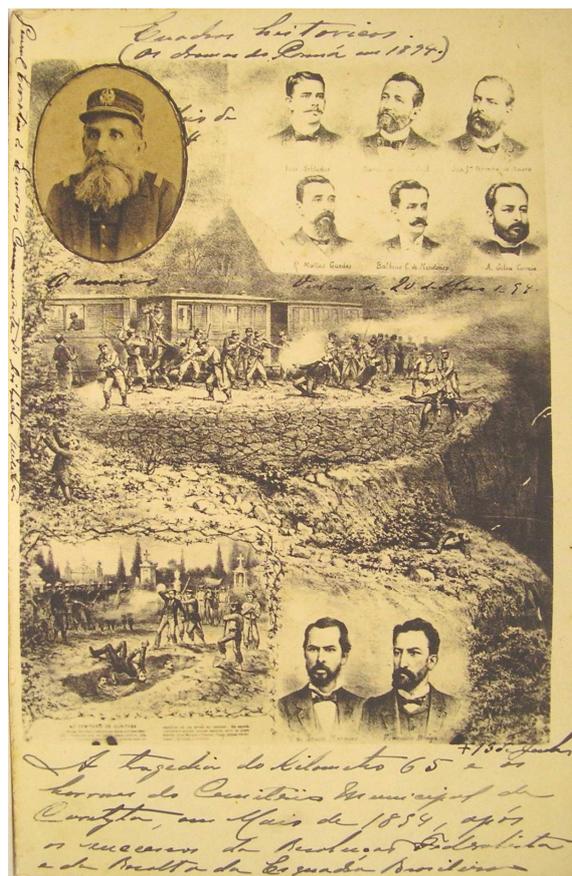


INTELECTUAIS QUE PROMOERAM NO PASSEIO PÚBLICO HOMENAGEM AO POETA EMILIANO  
 PERNETA - 1901  
 ACERVO: COLEÇÃO JULIA WANDERLEY – CMC

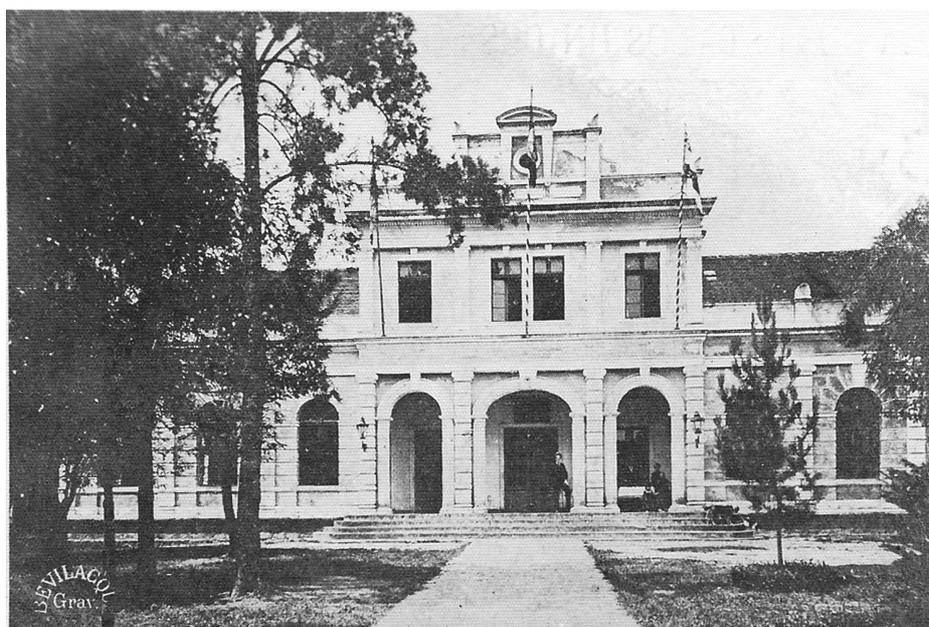


PERSONALIDADES PARANAENSES: CARLOS CAVALCANTI, MONSENHOR ALBERTO  
 GONÇALVES, ALENCAR GUIMARÃES, VICENTE MACHADO, LAMENHA LINS E OUTROS  
 ACERVO: COLEÇÃO JULIA WANDERLEY – MUNESP/SBEE





REVOLUÇÃO FEDERALISTA E A TRAGÉDIA OCORRIDA COM O BARÃO DE CERRO AZUL  
 ACERVO: COLEÇÃO JULIA WANDERLEY – MUNESP/SBEE



CLUBE CONCÓRDIA EM CURITIBA COM JULIA WANDERLEY, SEU FILHO E MARIDO –  
 ACERVO: CASA DA MEMÓRIA DE CURITIBA



PIANO DE JULIA WANDERLEY NA CASA DE AZIOLÉ SARDENBERG  
FONTE: SCHAEFFER; BRITTO; KLEINKE (1985)  
ACERVO: BIBLIOTECA DO MUSEU PARANAENSE



MEDALHÃO DE JULIA WANDERLEY AO LADO DO TUMULO DE  
FREDERICO PETRICH – CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CURITIBA  
ACERVO PRÓPRIO (2008)



POSTAL REFERENTE À DISPUTA PELO PODER PRESIDENCIAL – 1908  
ACERVO: COLEÇÃO JULIA WANDERLEY – MUNESP/SBEE



CARNAVAL DE CURITIBA - 1907  
ACERVO: COLEÇÃO JULIA WANDERLEY – MUNESP/SBEE